REVISTA LUSITANA

VOL. XVIII — 1915 — N.os 3-4

TRADIÇÕES POPULARES DE SANTO TIRSO

IX

Orações

I

Responso a Santo António

a) Bendito e louvado seja
Santo António, sol brilhante;
Em Lisboa, França e Itália,
Deu luz *ó* mais rutilante;
Ó beato Santo António,
Qu'ó Monte Sinai subiste,
O teu santo breviário perdeste,
Em busca dêle moveste mui triste (1),
Uma voz do céu ouviste:
— Ó António, torna atrás,
O teu santo breviário acharás,
Em cima dêle *Jasus* Cristo vivo;
Três cousas *le* pedirás:
Qu'um perdido seja achado,
O esquecido *alembrado*,
O *vivo* guardado (2).

(Areias).

---

(1) Esta oração foi colhida depois de ter escrito a nota (2) de pag. 24, vol. XVIII desta *Revista*.

(2) O *vivo* são os animais domésticos. Santo António é objecto de veneração profunda. Nos templos, é junto da imagem dêle que se vê o maior número de *promessas:* velas, bois de cera, etc.

As *promessas* com figura de animais representam quási sempre a cura de alguma doença que os teve em perigo.

b) Santo António de Lisboa
Se vestiu e calçou,
Seu caminho caminhou;
O Senhor *le* preguntou:
— Onde vais, ó Antoninho?
— Senhor, eu consigo vou.
— Tu comigo não irás,
Tu na terra ficarás;
Todas as cousas perdidas,
Antoninho, acharás.

(Areias).

2

Oração para quando troveja

a) Santa *Bárbora*
Se vestiu e calçou,
Seu caminho caminhou,
Seu bordão na mão tomou,
Jasus Cristo encontrou,
E *le prèguntou:*
— Onde vais, *Bárbora Virge?*
— Meu Senhor, *ó* céu me vou
Abrandar êstes trovões
Que tam fortes êles *stão.*
— Ora vai, *Bárbora Virge,*
Lev'ós ó monte maninho,
Onde não haja pão nem vinho,
Nem bafinho de menino,
Nem gente da Cristandade;
Valha-me a Santíssima Trindade.

(Areias).

b) *Barborinha pequeninha*
Se vestiu e calçou,
Seu caminho caminhou,
O Senhor *le prèguntou:*
— Onde vais, *ó Barborinha?*
— Senhor, vou aqui *ó* céu
Abrandar uma *trevoada*
Que lá anda muito assanhada.
— Pois vai, *ó Barborinha,*
Deita-a *p'ró* monte maninho,
Que não haja pão nem vinho,
Nem bafinho de *meninho pequeninho.*

(Areias).

3

Padre nosso pequenino

a) Padre nosso *pequeninho,*
O Senhor é meu padrinho,
A Senhora minha madrinha;
Para que me fêz a cruz na testa?
Para que o pecado não me impeça;
Lavei três vezes, lavei,
Meu Senhor, por onde irei?
As portas do céu abertas,
As do inferno não verei;
Está S. Pedro à porta,
Com a capa *de revolta* (1),
A preguntar aos meninos
Se sabiam a oração,
A oração dos *pelingrinos,*
Quando Deus era menino
Que andava pelo mar,
Com as mãos a *straquejar*
E os pés a deitar *sáingue.*
Trata, trata, Madalena,
Com teu lenço de calor
Para limpar o Senhor.
— *Tem-te, tem-te* (2), Madalena,
Não me queiras *alimpar;*
A estação das cinco chagas
Ainda tenho para passar;
A *pequeninhos* e grandes,
A todos hei-de salvar (3).

(Areias).

b) Padre nosso *pequeninho,*
O Senhor é meu padrinho,
A Senhora minha madrinha;
Para que me pôs a cruz na testa?
Para que o demónio não me impeça,
Nem de noite, nem de dia,
Nem no pino do meio dia.

(Areias).

---

(1) Numa versão colhida em Montalegre pelo aluno do Liceu de Vila Rial, Morais Caldas, aparecem as palavras: «*Com uma capa mui devota.*» Na versão da *Ling. Pop. de V. Rial* cit., pág. 87, vem: «*Com sua capinha de volta*».

(2) Umas versões trazem: *tento tento;* outras: *tata tata.*

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, IX, pag. 231.

4

Oração do cão danado

a) Eu me encomendo a Deus e à luz,
E à *Santa Bela Cruz* (1),
E ao rei da Virgindade,
E à Santíssima Trindade;
Ao S. Romão milagroso
(Tem o corpo em Roma,
Cabeça em Portugal) (2)
Que Deus me queira guardar
De bicho achado, por achar,
Cão danado e por danar,
Homem morto, *má* encontro,
Homem vivo, mau perigo;
Que S. Romão milagroso
Seja minha guarda e meu desvio.

(S. Martinho de Bougado).

b) Eu me encomendo à luz,
E à *Santa Bela Cruz*,
E ao rei da Virgindade,
E à Santíssima Trindade;
Ao milagroso S. Romão,
Que me livre de cão,
Danado ou por danar,
De homem morto, mau encontro,
De homem vivo, mau perigo;
S. Romão seja comigo.

(Areias).

5

Oração ao deitar (3)

Com Deus me deito,
Com Deus me levanto,
Com a graça de Deus e do Espírito Santo;
O Senhor me cubra com o seu manto.

(Areias).

---

(1) Etimologia popular por Vera Cruz.

(2) Na freguesia de Constantim, concelho de Vila Rial, há uma *Santa Cabeça* muito visitada pelos mordidos de cão danado.

As peregrinações à *Santa Cabeça* teem diminuido muito nos últimos tempos. Por um lado abrandou a fé nas virtudes do crânio, por outro parecem ser mais raras as mordeduras. V. P. Carvalho, *Corografia* cit., t. I, pág. 459.

(3) Cfr. *Rev. Lus.*, v. IX, pág. 233.

6

Oração à Senhora do Rosário

Virgem Santa do Rosário,
Ouvi minha petição:
Lembrai-vos da minha alma,
Ponde-ma da vossa mão;
Se até agora andei errada,
Com tamanho desatino
Me perdia,
Sem nunca atinar caminho;
Peço-vos, Virgem Maria,
Que *moveis* meu coração
Para que em vós ponha afeição,
E vos ame,
E por vós chame;
Quando me eu vir atentada
Da tentação do pecado
E do inimigo,
Senhora, dai-me sentido
Para que eu siga a salvação,
E me não perca,
Pois vós sois arca aberta,
Porta da misericórdia,
Raínha da terra
E da glória;
Mulher que anda em guerra,
O mundo é tentador;
Virgem, pedi *ó* Senhor
Que me valha
Para vencer esta batalha;
Senhora, quero servir-vos,
Nas vossas mãos deixo tudo;
Fazei com que eu deixe o mundo,
Nunca deu bom galardão,
Nem menos consolação,
Senão guerra;
Virgem, não *quereis* que eu perca
Glória para que eu nasci;
Virgem, lembrai-vos de mim,
Sende minha advogada,
Até à morte me deis fala
P'ra que eu siga os mandamentos
Contra os maus pensamentos,
De Nosso Senhor Jesus Cristo ...

X

Costumes

1 — Alguns lavradores costumam apascentar o gado no centeio, pouco crescido ainda, para evitar que êste *acame* (Areias) (1).

2 — Considera-se como que uma maldição roer uma cabra os rebentos da videira. A planta nunca mais se desenvolve em termos, assinalada pelo dente envenenado em que fala Virgílio (Areias) (2).

3 — Quando é preciso desmamar os bezerros, usa-se uma táboa munida de pregos (Areias) (3).

---

(1) Cfr. *Geórgieas*, pág. 15:

«E o como elle, em surdindo á flôr do sulco o trigo,
«mette o gado a espontal-o, e o salva do perigo,
«de lhe vir a acamar, quando pender maduro!

(2) Cfr. *Geórgicas*, II, pág. 133, e o curioso passo dos *Fastos* em que se explica o sacrifício do cabro—I, pág. 39.

(3) Cfr. *Geórgicas*—III, pág. 195:

«Aos chibos muita gente as bocas amordaça
«quando os quer desmamar com picantes barbilhos
«para que as proprias mães fujam co'a teta aos filhos.

4 — Alguns lavradores colocam nos campos um ramo de pinheiro com duas ordens de galhos. Entre os galhos metem dous paus a que chamam *rebolos*. O espantalho, a que dão o nome de *galheiro* ou fôrca, é um aviso para os donos das galinhas. Se as aves entram no campo, matam-se com os *rebolos* e dependuram-se nestes.

Dizem-me que o costume é antiquíssimo (S. Martinho de Bougado). Em algumas casas dependuram as aves daninhas à agricultura, para amedrontar as companheiras (Areias).

Nas figueiras, campos de painço, estacadas de feijões e sementeiras de ervilhas, aparecem muitas vezes bonecos de palha ou de pau, e às vezes simples papéis, para afugentar os pardais, papa-figos, etc. (1).

5 — As esfolhadas são um pretexto para festas, namoros e questões em que entram sempre os varapaus. Nas eiras, ouvem-se apupos, vozes chamando, ditos em falsete: São os rapazes que andam ao serão, e que às vezes se revestem de lençóis para que, apresentando-se junto dos esfolhadores, não sejam conhecidos (S. Martinho de Bougado e Areias).

6 — Com a introdução dos arados de ferro desapareceram as grandes vessadas em que dous lavradores se associavam reùnindo os bois suficientes para arrastar o antigo arado de pau. As juntas de bois chamavam-se, a contar do arado: *Pé*, *trilho*, *picadouro* e *guia* (2).

Na ocasião das vessadas o lavrador dava um bom jantar. Ouvi dizer que, depois de modernizada a sementeira, as colheitas começaram a ser piores.

Mas, se a cultura não sofreu, foi indubitávelmente prejudicada a animação das aldeias, onde os gritos: *Ei!... eh cabano!... anda, anda, anda!...*, se repetiam a todos os instantes (Areias) (3).

7 — Os campos de milho são destruídos muitas vezes pela

(1) Cfr. sôbre espantalhos nos campos — *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 596.

(2) V. *Jornal de Santo Thyrso* de 10 de Junho de 1915, artigo de Sousa Cruz.

(3) As vessadas lembravam as festas *sementinas* e *paganais*. V. *Fastos*, t. I, pág. 71 e 73.

Há também um banquete nas *carreadas* — transporte simultâneo de pipas de vinho, madeira, etc., em carros de bois, cedidos de graça pelos lavradores amigos.

Nas malhas, depois da distribuição de vinho, os malhadores dão vivas aos donos da casa, acompanhados de vozes prolongadas: ih, ih, ih...; uh, uh, uh...

bicha. Mas onde há as plantas — escalracho e nozelha — a bicha não pega (Areias).

8 — Quando a torga começa a secar no campo, a terra está lavradoira (Areias).

9 — Quando a terra está húmida por cima, havendo uma camada inferior sêca, não se deve lavrar nem sachar, se não o campo *ganha pêco*. *Ganhar pêco* é vir a *bicha*. E desde que vem a *bicha*, o milho morre e fica a terra estragada (Areias).

10 — Os lavradores, ao fazerem a sementeira, marcam a terra com ramos a que chamam *balizas*. As *balizas* devem ser tiradas de árvore que dê fruto (Areias).

11 — A debulha do milho faz-se, por vezes, obrigando os bois a pisar as espigas (S. Martinho de Bougado ([1]).

12 — Os pedreiros ([2]) e carpinteiros teem fama de honrados — o que não sucede aos trolhas e aos mineiros, tidos geralmente na conta de preguiçosos e intrujões. Como sucede noutras terras, os pedreiros teem um vocabulário especial bastante rico com que designam o pão, o vinho, etc., e que não é compreendido pelos estranhos à arte. Os mineiros usam dumas frases exquisitas, que servem por exemplo para avisar os colegas da chegada do patrão (Palmeira).

13 — Quando os carpinteiros ou pedreiros terminam a obra numa casa, colocam sôbre a construção um ramo. Fica sabendo o patrão que é preciso dar aos artistas a *molhadura* (Palmeira) ([3]).

14 — Grande capela.
Pequena capela,
Três voltas em redor dela.

([1]) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pag. 260.

([2]) Por simples curiosidade, registo um dito de espirito dum aprendiz de pedreiro. Era êle que dava sempre o sinal: É meio dia! O patrão ficava furioso e uma vez bateu com uma régua no espertalhão, gritando: Quem diz se é meio dia ou não sou eu!... Ao outro dia, chegada a hora, exclama o rapaz: «Faz agora 24 horas que o patrão me deu com a régua...»

As sestas, ou descanso do meio dia até às 2 horas da tarde para os jornaleiros, começam em 25 de Março e prolongam-se até 8 de Setembro. Alguns lavradores demoram o jantar, roubando assim às sestas. Cfr. *Rev. Lus.* v. 17.º, pag. 308, n.º 51.

([3]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 124.

Significa o ditado: Quer a casa seja grande, quer pequena, é preciso dar de beber aos artistas três vezes: no princípio, no travejamento e no fim (Palmeira) [1].

15 — Os alfaiates servem de pretexto a muitos ditos satíricos do povo. Eis alguns exemplos:

a) Quatrocentos alfaiates,
Todos postos em campanha,
Que gritavam: aqui-del-rei!
Para matar uma aranha [2].

(Palmeira).

b) Carpinteiro é nobreza,
Tirado da bizarria;
Alfaiate, sapateiro,
E' uma piolharia.

(Palmeira).

c) Alfaiates num são *homes* [3]
Nem se'*les* pode chamar;
Quando *perde* uma agulha,
Põe-se logo a chorar.

(Areias).

16 — Vimos já que os sapateiros não escapam tambêm à ironia:

a) Sapateiro é fraco gado,
E' canalha muito reles;
Sempre cautela co'êles,
Que êles dentro da porta tem peles.

b) Sapateiros depenados
Faz domingo à segunda-feira,
P'ra na têrça *ter* vagar
De curar a borracheira.

(S. Martinho de Bougado).

---

(1) Cfr. o ditado:- *A bom comer ou mau comer, três vezes beber*. Abilio Monteiro, *Caracter revelado*, pág. 308.

(2) Cfr. *Rev. Lus.*, v. I, pag. 258; *Trad. pop.* cit., pag. 133, e T. Pires. *Cantos*, v. I, pag. 410.

(3) O informador, que era alfaiate, acrescentou logo: Os alfaiates *responde*:

Alfaiates *num* são *homes*! . . .
Mas alfaiates *homes* são;
Se *num* houvesse alfaiates,
Todos andavam em leitão.

E' muito conhecida a fórmula:

Sapateiro, *remendeiro*
Come tripas de carneiro;
Bem lavadas, mal lavadas,
Te corram pelas barbas [1].

(Areias).

17 — Aos moleiros atribuem espírito de ganância e poucos escrúpulos [2].

a) —Moleiro, anda para o céu!
—Senhor, *não* tenho *bàgar;*
Tenho um fole na moega,
A maquia por tirar.

(Areias).

b) Vem o moleiro, tira o seu maquieiro;
Vem a mulher, tira o que quer;
Vem o João, tira o quinhão;
Vem a Maria, tira a maquia;
Vem o rapaz: — Ó senhor meu amo,
Êste fole *inda* não está maquiado?
—Maqueia-o p'r'aí que te leve o diabo [3].

(Areias).

18 — A barba e os barbeiros servem de tema a muitas cantigas e ditos:

a) Êstes rapazes de agora
São franguinhos de vintêm;
Promete dè'reis às almas
P'ra ver se a barba *lhe* vem [4].

(Areias).

b) Se tu visses o que eu vi
A' vinda de Guimarães!...
Um barbeiro de joelhos,
A fazer a barba aos cães [5].

(Areias).

c) Estava um homem a fazer a barba. A uma certa altura diz ao barbeiro: — Pare lá!

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.*, v. I, pág. 271, e *Trad. pop.* cit., pág. 250.

(2) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 249.

(3) Gurth, personagem do *Ivanhoe* de Walter Scott, dirigindo-se a Miller, salteador, com quem vai bater-se em jôgo de pau, diz: "*If thou be'st a miller... thou art doubly a thief...*„ Collection of british authors — Tauchnitz. Chap. XI, pág. 154.

(4) Cfr. *Rev. Lus.*, v. X, pág. 140, n.º 586.

(5) Quanto à forma, cfr. T. Pires, *Cantos*, v. I, pág. 274, e *Rev. Lus.*, X, pág. 125, n.º 353.

E começou a tirar uma bota. Tirada ela, continuou o barbeiro o seu trabalho. Daí a um bocado, torna o freguês: Pare lá! E tira a outra bota.

Feita a barba, pregunta o barbeiro: — Porque tirou v. as botas?

— E' que prometi ir ao Senhor de Matozinhos, se escapasse desta, e fui tirando as botas para ir mais depressa [1].

d) Quando um rapaz quere fazer a barba, sem a ter, dizem: Anda à demanda com o ôvo, ainda a não venceu.

19 — Com o desaparecimento da caça vai diminuíndo o número dos caçadores, que continuam gozando em toda a parte da fama de fantasistas.

Na quinta da Capela (Palmeira) — antiga casa dum crúzio — onde a paixão da caça se tem transmitido através de algumas gerações, houve um galgo preto, afamado em muitas léguas à volta. Um fidalgo de Barcelos quis obtê-lo, dando em troca um bom cavalo.

Como o contracto não foi aceito, houve tentativas de furto, e o dono do cão fechava-o em casa. Por fim o galgo, na ânsia da carreira, morreu rebentado contra uma parede.

Conheço ainda exemplares de caçadores furtivos: Não teem licença. Conhecem muito bem os lugares por onde passam os coelhos, e, em noites de luar, sobem às árvores e de lá disparam contra a caça.

Um dêles é também pescador. Pega num *redafol*, entra nos ribeiros, e, pondo o aparelho em frente dos buracos, obriga com a mão o peixe a fugir para dentro do *redafol* (Areias).

20 — Quando se quere tirar o mel, *desinxabelham-se* [2] os cortiços, isto é, passam-se as abelhas (a *inxabelha*) dum cortiço para outro. Tirar o mel a um cortiço chama-se — *cobrá-lo*.

Para se tirar uma parte da cera (*stinhação*), faz-se um defumadoiro com bosta queimada para as abelhas descerem.

Alguns abelheiros importantes levam os cortiços em Março para a Póvoa de Varzim, daí para Valongo, depois para o Ca-

(1) Esta anedota foi colhida em Areias, mas não parece popular. Contudo reproduzimo-la, porque são freqùentes os ditos a celebrar a imperícia dos barbeiros.

(2) Palavra formada talvez pelo processo da etimologia popular: *desenxabelhar* por *desenxamear*.

brito, e finalmente para os montes de Paradela, e as abelhas vão dando enxames sucessivos.

A necessidade da mudança está resumida no seguinte ditado:

Disse a abelha quando falou:
— *Quem quiser andar de botas*
É andar comigo às costas.

A's vezes, mesmo não se mudando os cortiços de terra para terra, dão, alêm do enxame costumado, um *garfo* ou *garfito* (1), que de longe a longe escapa.

Começando as abelhas a trabalhar, não pode fazer-se a mudança a não ser para muito longe, pois de contrário *veem à ferida* (2), isto é, voltam para o sítio donde as levaram.

Morrendo a abelha mestra, fica o cortiço *machio*: As abelhas comem o mel todo e morrem (3).

Havendo ameaça de mau tempo, as abelhas matam os abelhões, e até, depois de fazerem *criança*, a geração nova.

Quando um cortiço fica desocupado, mas ainda com os favos, costuma vir alojar-se nele, atraído pelo cheiro, algum enxame perdido. E o antigo dono só pode reclamá-lo, se vier a persegui-lo com um ramo ou com uma vide na mão.

Os abelheiros atiram ramos ou terra ao ar para que os enxames desçam (4).

O furto de abelhas é gravíssimo; é crime de mão cortada (S. Martinho de Bougado).

21 — Quando o linho está maduro, arranca-se (a *arrancada* ou *linharada*). Levado para casa, tiram-lhe os lavradores a semente (*ripar*) no *ripanço* (vara de ferro dentada).

Depois lançam-no sôbre um carro, adornado com flores, e levam-no ao rio (*afogar*).

---

(1) Em Areias chamam a êsse segundo enxame *garfa*.
(2) *Ferida* é a abertura por onde entram e saem as abelhas.
(3) Cfr. *Geórgicas*, IV., pág. 251:

«Emquanto vive a chefe, unanimes e amigas
«são irmãs na alegria e socias nas fadigas;
«mas apenas falece, adeos união, justiça!
«. . . . .
«a reserva dos méis já anda ás rebatinhas;
«a crespa favaria, as caras cellarinhas
«arrasarão-se . . .»

(4) Cfr. *Geórgicas*, IV, pág. 235, e *Rev. Lus.*, V. XI, pág. 282 n.º 1.

Tirado o linho do rio, põe-se no *còradouro*, e daí passa para o *engenho* onde é moído.

Procede-se então à *spadelada* — motivo para nova festa — com a *spadela* (espécie de fouce de madeira).

Tiradas as *arestas*, passam-se os fios por um *sedeiro* (*assedar*), sendo depois fiados.

Depois dêste último trabalho, resta *curar* o linho para êle ficar branco (S. Martinho de Bougado).

22 — Nas tabernas é vulgar ver-se o tradicional ramo de loureiro ([1]) ou azevinho à porta. O azevinho dá felicidade.

Os taberneiros costumam anunciar:

Hoje não se fia,
Amanhã sim;
Os maus pagadores
O quiseram assim ([2]).

Num nicho cavado nas estantes das lojas ostenta-se uma imagem de Santo António, ladeada de jarras ([3]).

23 — Em frente da igreja de Santo Tirso há duas feiras de louça.

O cuco vem com as louceiras de Março e vai com as de Julho ([4]).

24 — As saùdações mais vulgares são: Louvado seja N. S. J. Cristo! Para sempre seja louvado! — Bôas noites! O Senhor *le* dê as mesmas! — Bons dias! Bôas tardes! — Vá com Deus! Vá com Nossa Senhora! C'um muito bem passe a noite! — Bote-me a sua bênção!

Aos pobres a quem não se dá esmola, diz-se: Deus o ajude, tio! Deus o favoreça! (Areias).

([1]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 571, n.º 4

([2]) No lugar da Pousada, freguesia da Campeã (V. Rial), encontrei numa taberna uma quadra um tanto diferente:

Meus senhores,
Peço atenção;
Amanhã fio,
Hoje não.

([3]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 265.

([4]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 146 e 147.

25 — Quando casa um velho é costume juntar-se povo à noite ao pé da porta dos casados, e fazer uma grande assuada com panelas velhas, violas e ferrinhos (Areias).

26 — Antes do casamento, os noivos oferecem o *pão branco* (¹). Aos pregões não assistem aqueles.

No dia do casamento, quando há algumas posses, os foguetes atroam os ares; chovem as flores, os confeitos e a missanga, sôbre a cabeça dos nubentes, e é de rigor um grande banquete.

Nos casamentos de pessoas mais abastadas era costume construir arcos como os que se levantam nas romarias.

No domingo seguinte vão os noivos à missa do dia, e na segunda à feira de Santo Tirso (Areias) (²).

27 — Quando os rapazes sabem que há baptizado, aproximam-se da igreja: Uns querem repicar o sino, outros pegar nas tochas e na cruz.

Todos esperam que a madrinha ofereça o *naco*, que é um quarto de uma rôsca de trigo. As rôscas vão numa saca (Areias) (³).

28 — Os defuntos vão para a cova de cara rapada (⁴).

Não devemos deitar flores nos caixões dos anjinhos, se não êles teem muito trabalho a contá-las no fim do mundo.

Morrendo um homem, o sino dá três *carreiras*. Se morre uma mulher, há apenas duas. Três *repiques* anunciam morte dum menino, dois a duma menina: Toca a *anjinho*, diz o povo (⁵).

No domingo seguinte ao entêrro dum defunto, há o ofertório: No corpo da igreja colocam-se dois tocheiros com velas a arder, e o padre vai rezando tantos responsos, quantos os vintêns oferecidos pela casa, e pelos parentes e amigos. Uma mulher leva um cêsto coberto com um pano negro. É o cêsto da casa, onde se levam géneros para o padre.

No fim do ofertório há um banquete para o qual são convi-

(¹) É o pão de trigo. As pessoas de mais importância oferecem pão de ló, que se chama apesar disso o *pão branco*.
(²) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 220.
(³) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pág. 259, e *Trad. pop.* cit., pág. 204.
(⁴) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pag 258.
(⁵) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 240.

dados os parentes, a pessoa que oferta pela casa, e aquela que faz o rol dos ofertantes.

Pelo rol fica sabendo a família do morto que tem de corresponder aos sufrágios num caso semelhante ([1]). Nos enterros também se escreve um rol dos assistentes.

A solidariedade entre vizinhos manifesta-se quando *vai o Senhor* a um moribundo, em que é costume encorporar-se uma pessoa de cada casa; no caso de morte, em que todos vão apresentar os sentimentos, repetindo com freqüência: «*A morte é um portelo que todos tem de passar* ([2])»; nos enterros, nos ofertórios, etc.

Nos enterros, a família do falecido oferece também um banquete. A's confrarias são distribuidos nacos de pão e vinho.

Passando um entêrro por qualquer prédio, o público toma ([3]) posse do caminho.

Nos fiéis defuntos andam grandes grupos a pedir com crianças, às vezes emprestadas. Cada pessoa leva uma saca e recebe pelas casas canecas de cereais.

O grupo canta:

Dê-me os fiéis de Deus
Por amor de Deus:
As alminhas dos defuntos,
Estão no céu todos *juntos*,
Ao pé da *Bela Cruz*
P'ra sempre amêm *Jazus*.

Os doridos cobrem de flores as campas e, de madrugada, acendem lampiões e colocam-nos no cemitério, conservando-os acesos até à visita da procissão dos defuntos (Areias) ([4]).

Há pouco tempo ainda apareciam em Paradela (S. Martinho de Bougado), por noites tenebrosas, uns vultos com um lam-

---

([1]) Cfr. *Trad. pop.* cit., pág. 242. Lembro-me de ver na *Crónica de D. Duarte* uma espécie de ofertório após a morte de D. João I, e em G. Vicente — *Auto da Barca do Inferno* — uma referência às ofertas. V. *Obras*, ed. de Barreto Feio, v. I, pag. 226.

([2]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pag. 437, e Cam., *Amor de Salvação*, 4.ª ed., pág. 60.

([3]) Cfr. *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 293.

([4]) A piedosa romagem ao cemitério lembra as *festas parentais*:

. . . .
Basta aos finados a singela telha
Onde os seus vão lançar-lhe as floreas c'roas.
. . . .

Fastos, v. I, pág. 135.

pião na mão. Tocavam campaínha, gritando ao mesmo tempo com voz lúgubre: Lembrai-vos das almas!

Outras vezes, ouvia-se noite alta o badalar do sino.

Informam-me de que eram penitências impostas em confissão pelos padres (1).

29—Já me referi aos cepos e aos cascos das pinhas do Natal, que servem depois para afastar trovoadas. O processo é antigo e não exclusivo do nosso país, como se vê por exemplo dos *Fastos*, v. II, pág. 274 e 278, *Miréio* de Mistral, c. VIII, pág. 320 e 310 (2).

Na noite de Natal há uma ceia. Os pobres andam pelas casas dos lavradores, pedindo vinho e batatas.

No banquete entram sempre bacalhau com batatas e olhos de couve, sendo os doces preferidos as *sopas sêcas* (3), *mexidos* e *rabanadas*.

Em algumas aldeias ainda se diz de longe a longe a missa do galo (Areias).

30—Trazendo-se uma roupa no dia do ano bom, continuará a trazer-se pelo ano adeante. E' por isso que se anda nesse dia com roupa nova (Areias) (4).

31—As festas são bôas, mas em casa dos outros.

E, para afugentar as visitas, que se vão tornando aborrecidas, tem o povo dois meios: ou pondo uma vassoura com o cabo para baixo, ou deitando cornos ao lume (Palmeira) (5).

Contudo, pelas *Janeiras* e pelos *Reis*, recebem algumas ca-

---

(1) Cfr. *Rev. Lus.*, v. X, pág. 213.

(2) Perdi a nota da edição.

(3) As *sopas sêcas* são fatias de trigo preparadas com açúcar, canela, mel, e hortelã. Cozinham-se no forno em grandes alguidares.

E' o doce das festas.

(4) Cfr. *Fastos*, v. I, pág. 19:

«. . . . .
«praz-me que os tempos começando activos,
«se auspiciem fecunda actividade:
«Todos por isso no primeiro dia
«ao solicito exercicio as mãos entregam.

V. também *Religiões da Lusitania*, v. III, pág. 569, n.a 2.

(5) O processo da vassoura é conhecido no Pôrto e a êle se referem as *Trad. pop.* cit., pág. 252.

sas as pessoas amigas, que se conservam dançando e em descantes até altas horas da noute.

Os rapazes, munidos de ferrinhos, canas denteadas, etc., andam pelas portas, cantando as *Janeiras*:

Hoje é dia de Janeiro
Por ser o dia primeiro;
É dia dos merecimentos,
Quando Deus passou os tormentos;
Os tormentos estão passados,
Jesus Cristo já é nado;
Lá vem a Estrêla da Guia,
Onde a Virgem pariria?
Foi parir a Belém
Numa pobre manjedoura
Onde o boi bento comia
E a mula remoía.
—Maldição te boto, mula,
Que não *pairas* vez *nenhũa*,
E alguma que parires,
Não vejas sol nem *lũa* (1).

(Areias).

32 — Pelos *Reis* os grupos são mais numerosos. As cantigas variam muito. Consegui colher três versões:

a) Partiram os três Reis Magos
De noite pelo *lũar*,
Em busca do Deus Menino,
Nunca o puderam achar;
Foram dar com êle em Roma,
Revestido no altar,
C'um cales d'ouro na mão,
Missa nova quer cantar;
Três anjinhos a ajudar,
Outros três a alumiar;
Sobreirinho ramalhudo,
Ao pé lhe cai a bolota;
—Se nos quer dar os Reis,
Venha-nos abrir a porta.
—Minha porta não se *aibre*
Menos que não venha o dia,
Era meia noute em ponto,
Minha porta aberta ia,
Que a abriram os anjinhos
E mais a Virgem Maria (2).

b) Os Três Reis já são chegados
À lapinha de Belém,
Visitar o Deus Menino
Que Nossa Senhora tem;
Nossa Senhora lhe disse:
—Filho meu, que te farei?
Não tenho cama nem berço...
Nos braços te criarei;
Ó Jesus, olhai p'ró céu,
Lá vereis 'star uma cruz;
Já tenho cama e berço

(1) Cfr. *Rev. Lus*, v. IX, pág. 235, e *Religiões da Lusitania*, pág. 571. Já Filinto Elísio atribuia carácter pagão às *Janeiras*:

«Canta ao som da viola que reclama
As simples trovas das pagãas Janeiras.

Obras, v. II, pág. 264.

(2) Cfr. T. Pires, *Cantos*, v. I, pág. 15 e seg.

P'ró meu menino Jesus;
Entrai, pastores, entrai
Por êsse portal sagrado;
Lá vereis um Deus Menino
Numas palhinhas deitado;
As palhinhas botam mel
Ó divino Manuel,
As palhinhas botam rosas
Ó divino das formosas;
As palhinhas botam flores
Ó divino dos amores;
As palhinhas botam lírios
Ó divino dos martírios;
As palhinhas botam pão
Ó divino S. João;
As palhinhas botam cravos
Ós divinos Três Reis Magos.

c) Ó da casa nobre gente,
Escutai e ouvireis
Umas cantiguinhas novas
Que se cantam pelos Reis:
Santos Reis, santos c'roados,
Vinde ver quem vos c'roou,
E mais quem vos ordenou
No vosso santo caminho;
Mandou Deus dos altos céus,
Com tamanho desatino;
Mandou Deus uma estrêla
Que *lhe* ensinasse o caminho;
A estrêla se foi pôr
Em cima duma cabana;
A cabana era pequena,
Não cabiam todos três;
Puseram-se em oração,
Cada um por sua vez;
Êles todos lh'ofereceram,
Ouro, incenso e mirra;
O ouro é como rei,
Incenso como martírio,
Mirra como Deus vivo,
Que morreu para nos salvar;
Vamos ver a barca nova
Que se vai lançar ao mar;
S. José vai pela proa,
Nosso Deus por general;
Arriaram-se as bandeiras,
Viva o rei de Portugal!
Glória seja a de Deus Padre,
E a de Deus Filho também;
Glória seja o *Sprito* Santo,
P'ra todo o sempre amém (1).

No fim há as *cantigas:*

Viva lá o senhor F.,
Onde põe o seu chapéu?
No meio da sua casa,
Parece um anjo do céu.

Viva lá...
Casaquinha de pinhão;
P'ra ser um *home* honrado,
Há-de me dar um *testão.*

Viva lá...
Folhinhas *dantre* um valado;
Estimo que case cedo
C'uma moça do seu agrado.

Viva lá...
Sapatinho de confeitos;
Em volta da sua cama
Tudo são amores *profeitos.*

Viva lá...
Raminho de bem querer;
Se tem vinho na infusa,
Venha-nos dar de *bober.*

Viva lá...
Raminho de salsa crua;
Quando se põe à janela,
Atormenta toda a rua.

Viva lá...
Raminho de *roge-roge*;
Se nos quer dar de *bober*
Leve-nos abaixo à *loge.*

(1) Cfr. T. Pires, *Cantos*, t. I, pág. 35 e 36.

Despedidas:

Vou botar as *espedidas*
Vou botá-las e não posso;
Tenho o meu coração prêso
C'um fio d'ouro ao vosso.

Vou botar...
Por cima de Guimarães;
Se o senhor não tem que dar,
Dê-nos sequer as *maçães*.

Vou botar...
Por cima do limoeiro;
Se o senhor não tem que dar,
Dê volta ao migalheiro.

Vou botar...
Por cima dêste colmaço;
Deixa-me fugir depressa,
Se não chove-me no cachaço.

Vou botar...
Por cima dêste telhado;
Deixa-me fugir depressa,
Se não *prende-me* p'ra soldado.

Vou botar...
Por cima dum canivete;
Eu sou rapaz novo,
Mas inda chego p'ra sete.

Vou botar...
Por cima desta cebola;
Viva o patrão desta casa
Mai-la sua senhora.

Vou botar...
Por cima de meia rasa;
Se o senhor não tem que dar,
Corra os cantos da casa.

Vou botar...
Por cima da flor da *gesta*;
Acabaram-se-nos as cantigas
Também se nos acaba a festa ([1]).

(Areias).

33 — Das representações feitas em tablados em forma de circo, com um pano de chita ao fundo, por onde vão saindo os actores, restam apenas as *reisadas*, que vão desaparecendo também.

O auto encontra-se em manuscritos. Eis parte da fala dum personagem — a *Fama Ligeira*:

Eu sou a volante fama,
Mais ligeira que o vento,
Que vos venho anunciar
Êste santo nascimento;
Por fim, se quereis saber
Quem êle é, na verdade,
Êle é a segunda pessoa
Da Santíssima Trindade.
E' mais humilde *qu'a* Isaque
E mais sábio *qu'a* Salomão;
Senhor, o tempo é pouco,
Não me posso demorar ([2])...

(S. Martinho de Bougado).

([1]) Cfr. T. Pires, *Cantos*, v. I, pág. 428.
([2]) A minha informadora não se recordava do resto da fala.

34 — O entrudo vai desanimando de ano para ano. Tudo se limita hoje aos pós e brilhantes deitados na cabeça, toques de buzinas, e tiros durante a noite. Antigamente a loucura era maior: Sujavam-se as mãos na parreira do forno para manchar as caras; havia verdadeiras batalhas com laranjas; atiravam-se das janelas potes com água e com matérias pouco cheirosas— costume que me não parece especial do nosso país pelo que se pode depreender da scena IX, acto III, de *L'Etourdi* de Molière.

Dois jogos se usam no carnaval:

a) — Pendura-se num lugar elevado, numa ramada por exemplo, uma rôsca de trigo ou de pão de ló, e enquanto alguns mancebos e raparigas dançam, homens com grandes varapaus, formam saltos à rôsca a ver se lhe tocam.

Atingindo-a, ficam senhores dela.

b) — Enterra-se um galo no chão com a cabeça de fora. Uns procuram ganhá-lo, com uma venda nos olhos e, depois de colocados a um certo número de passos da pobre ave, brandindo uma espécie de espada a ver se atingem a cabeça; outros disparam tiros contra um alvo colocado a uma grande distância.

Ultimamente o costume é menos cruel. O galo é substituído por um objecto de pau, figurando aquele no fim como prémio.

35 — Alguns mancebos colocam à porta das namoradas, na noite do sábado anterior aos Ramos, flores e uma rôsca de pão de ló. Ficam elas sabendo que teem de retribuir a lembrança com o folar. No domingo de Ramos vão os rapazes à missa com palmas e ramos de oliveira adornados com flores. Os ramos são benzidos e figuram numa procissão. Com as fôlhas de palma, abertas em quatro, entrançam-se uns castelinhos que alguns trazem ao peito, servindo também para ofertas de namorados.

Os ramos queimam-se, como o cepo e os cascos das pinhas, para afastar as trovoadas (Areias e S. Martinho de Bougado) (1).

36 — Na Páscoa, quando o *compasso* (2) visita as casas, lançam-se à porta fôlhas de narcisos e de lírios, *montrastes* (3) e flores.

Sôbre uma mesa está uma maçã onde se espeta uma moeda

(1) Cfr. *Trad. pop.* cit., pag. 124.
(2) O *compasso* é a visita pascal. Não vejo o termo registado no *Novo Dicionário*.
(3) Assim pronuncia o povo a palavra *mentrasto*.

de prata, e um ramo de flores naturais ou artificiais que o padre arrecada, deixando outro em troca por vezes.

Em algumas freguesias acompanha o padre um grande cortejo de que fazem parte homens munidos de cestas onde arrecadam os folares: rôscas de pão de ló ou de trigo, ovos e maçãs.

Trocadas impressões sôbre o tempo — assunto geral de todas as conversas ([1]) — e depois da oferta de doces e vinho, lá abala a cruz para outra casa.

Na vila de Santo Tirso o compasso realiza-se na segunda-feira. É um dia de festa animada: As casas enchem-se e despovoam-se constantemente, porque é da praxe assistir à visita em casa de todas as pessoas amigas.

Há um entusiasmo louco e ramos belamente dispostos em que entram as melhores flores andam de mão em mão. Muitas vezes a oferta dum ramo é uma prova ou declaração de amor.

A feira da segunda de Páscoa em Santo Tirso é a feira dos folares.

37 — No primeiro de Maio colocam-se flores de giesta nas portas e nas janelas.

Vi num portão da Palmeira uma cruz formada de várias flores.

Evita-se assim que venha o Maio a cavalo num burro branco a quebrar a louça.

Eis a explicação que me deram do costume: Nossa Senhora, fugindo à perseguição de Herodes, refugiou-se numa casa de Jerusalêm com o Menino Jesus. Marcaram a casa com uma rosa para irem lá prendê-los. Mas, na manhã seguinte, apareceram todas as casas com rosas (Areias) ([2]).

38 — Na noite de S. João e na de S. Pedro andam alguns homens de noite a roubar vasos, sarilhos de poço, escadas, carros, e outros utensílios de lavoura que vão colocar ao pé das igrejas.

Há quem pendure nas silvas cabelo para êle engrossar na manhã de S. João (Areias).

([1]) Eis uma frase espirituosa apanhada na conversação: «Ainda havemos de chegar com de dia à noite».

([2]) Cfr. *Rev. Lus.*, v. x, pág. 213.

39 — Nas festas de igreja costumam nomear doze mordomas: quatro casadas, quatro viúvas, e quatro solteiras. A juíza toma à sua conta um andor completo.

Na procissão seguem as mordomas com uma vela ornamentada, que seguram com o lenço mais rico de que podem dispor. No fim da festa as mordomas recebem um presente — uma rôsca de trigo (Areias).

Nas ruas por onde passam as procissões lançam-se diferentes ervas (Santo Tirso) ([1]).

40 — Estão caindo em desuso as procissões de penitência. Lembro-me duma que saíu há anos de Ruivães (concelho de V. N. de Famalicão) a pedir chuva. Veio fazendo estação em todas as capelinhas do caminho até Areias. Nela se encorporaram as cruzes e confrarias de muitas igrejas vizinhas. Os andores entraram às *arrecuas* na igreja estranha, pois de contrário ficariam pertencendo a esta.

Antigamente iam procissões impressionantes à Senhora de Valinhas (na freguesia de Monte Córdova) pedir chuva. A concorrência era enorme. Muitos iam descalços.

À chegada havia um sermão.

E o céu começava logo a toldar-se; uns chuviscos vinham anunciar a rega salvadora.

Os clamores à volta da freguesia eram vulgares.

Com o desaparecimento dessas tradições, vão as colheitas sendo cada vez mais escassas, dizem os velhos (Areias) ([2]).

Os romeiros cantam e dançam ao som da viola, percorrendo distâncias enormes sempre a dançar ([3]).

([1]) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pág. 258.

Na Póvoa de Varzim, onde os marítimos imprimem um carácter interessantíssimo às procissões, observei que os andores eram voltados com a face para o mar todas as vezes que havia paragem.

Explicou-me um pescador que o costume era muito velho e que tinha por fim fazer com que as imagens abençoassem o mar.

([2]) Cfr. *Rev. Lus.*, v. XI, pag. 263.

([3]) As danças são animadas e revestem um aspecto alegre pelas vestes garridas das raparigas.

Muito diferentes são as danças feitas em volta das capelas, que observei algumas vezes em Vila Rial. Os rapazes vão rodeando a capela aos saltos, ora aproximando-se ora afastando-se uns dos outros, ao mesmo tempo que volteiam no ar os varapaus.

Ao ver semelhante espectáculo, lembrei-me dos antigos guerreiros, que caminhavam para a guerra a dançar e agitando os escudos. V. *Religiões da Lusitania*, v. II pág. 307.

Na romaria de Santa Eufêmia os romeiros costumam falar mal e proferir obscenidades.

E' possível que haja aqui um vestígio dos antigos cantares licenciosos, descritos nos *Fastos* (v. II, pág. 77).

A capela de Santa Eufêmia fica num monte de Alvarelhos —freguesia muito explorada pelos arqueólogos, e onde teem sido encontrados vários dólmenes.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA.

Contos populares de Évora

(Vid. REVISTA LUSITANA, XVII, 86)

X

O filho da burra

Era um rapaz enjeitado e todos lhe chamavam o filho da burra. E êle um dia preguntou à mãe que o criou:

—¿ó mãe, eu sou filho de alguma burra?

—és, sim, filho.

—pois vou-me embora.

E abalou, e foi-se embora. Encontrou um homem a cortar azinheiras:

—adeus corta-azinheiras.

—adeus filho da burra.

—¡então, também êste me chama filho da burra!

E lá combinaram e abalaram os dois.

Encontraram um homem a secar rios:

—adeus seca-rios.

—adeus filho da burra.

—¡então, também êste me conhece!

E lá combinaram e abalaram os três.

Foram andando, andando e encontraram uns casarões caídos. Furtaram um borrego e um ficou à noite a arranjar o ensopado e os outros fôram ver se arranjavam outro borrego. E ficou o corta-azinheiras. Estava à chaminé nisto quando êle sente uma restolhada; vai a olhar viu um diabo com umas grandes barbas e com uma cacheira a sair do poço. E veio e assentou-se à chaminé e começou a fumar de cachimbo e a cuspir para

dentro do ensopado. E o corta-azinheiras ia para ralhar com êle e o diabo deu-lhe uma grande sova com a cacheira e apagou a luz e abalou. E quando vieram os companheiros viram a luz apagada e deram com êle no chão. E êle disse que lhe tinha dado uma cousa e que estava muito doente.

Na outra noite ficou o seca-rios. O mesmo: quando êle sente uma restolhada; vai a olhar viu um diabo com umas grandes barbas e com uma cacheira a sair do poço. E veio e assentou-se à chaminé e começou a fumar e a cuspir para o ensopado. O seca-rios ia para ralhar com êle e o diabo deu-lhe uma grande sova com a cacheira e apagou-lhe a luz e abalou. E quando vieram os companheiros viram a luz apagada e deram com êle no chão. E êle disse também que lhe tinha dado uma cousa e que estava muito doente.

—agora fico eu—disse o filho da burra.

E ficou êle na outra noite. Estava a arranjar o ensopado quando êle ouve uma restolhada:

—Olá, cá está a doença deles. Nisto aparece o diabo com as barbas e a cacheira, de dentro do poço. Assentou-se à chaminé a fumar e ia para cuspir para o ensopado:

—ôlhe que se me cospe no ensopado atiro-lhe êste tição de lume às barbas.

E o diabo ateimou a cuspir. E êle deu-lhe com o tição; e tirou-lhe a cacheira e deu-lhe uma grande sova com ela; e arrancou-lhe as barbas e meteu-as no bolso. E o diabo abalou a fujir para dentro do poço.

E quando os companheiros vieram julgavam que a luz estivesse apagada. Mas não estava e o filho da burra contou tudo e disse assim:

—eu quero ver o que há no fundo do poço.

E arranjaram um cabanejo e êle meteu-se no cabanejo e desceu lá abaixo.

E estava uma menina:

—ai senhor, vá-se embora por amor da minha guarda.

—eu não tenho mêdo da sua guarda; ôlhe as barbas e a cacheira da sua guarda.

E amostrou-lhe a cacheira e as barbas do diabo.

E a menina deu-lhe um lenço.

E êle gritou para deitarem o cabanejo abaixo.

E êles cá deitaram o cabanejo.

E primeiro veio um baú com a roupa da menina.

E depois veio a menina.

E depois havia de vir o filho da burra mas êle para os experimentar pôs uma pedra no cabanejo em lugar dele; e quando o cabanejo vinha no meio do caminho largaram-no e julgaram que o filho da burra tinha morrido.

E o filho da burra ficou lá no fundo do poço.

E apareceu o diabo a pedir-lhe as barbas e a cacheira.

E êle disse-lhe:

—dou-te as barbas e a cacheira mas hás-de pôr-me primeiro lá em cima.

E amontou-se às cavalitas do diabo e o diabo pô-lo lá em cima.

E o diabo pediu-lhe outra vez a cacheira e as barbas.

—diz-me primeiro onde está a menina.

—está na igreja para casar com o seca-rios.

—pòe-me à porta da igreja se queres as barbas e a cacheira.

E o diabo pô-lo à porta da igreja.

Estavam todos. E o filho da burra deu as barbas ao demónio. E ela viu-o logo. E êle puxou de lenço e ela ainda melhor se afirmou.

Quando o padre preguntou à menina:

—¿é da sua vontade casar com êste senhor?

—não senhor.

—¿então com quem?

—a minha vontade é casar com aquele que está além à porta.

—então que se chegue.

Êle chegou-se, casaram e lá ficaram e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (agosto de 1912).

XI

As três cidras de amor

Era um príncipe e andava à caça e deu-lhe sêde. E foi a uma fonte. Estava uma velha com uma joeira a enchê-la com cascas de ovos. E o príncipe riu-se de vêr aquilo.

E a velha disse-lhe assim:

—¡ Ai o menino ri-se! Pois deixe estar que não lhe hei-de dar as três cidras de amor.

E o príncipe pediu-lhe muito as cidras de amor e a velha no fim deu-lh'as:

— Parta-as quando quiser mas ôlhe não parta as três ao mesmo tempo.

E o príncipe foi-se. E morto de curiosidade e partiu uma. E apareceu-lhe uma menina muito bonita e disse assim:

— Dá-me pão para comer, água para beber e pente para me pentear senão morro.

E o príncipe não tinha ali pão para a menina comer, nem água para ela beber, nem pente para se pentear e a menina morreu.

E depois o príncipe com curiosidade vai e partiu outra. O mesmo: uma menina ainda mais bonita:

— Dá-me pão para comer, água para beber e pente para me pentear senão morro.

E morreu.

E o príncipe foi a um monte e pediu pão e veio para o pé duma fonte e partiu a outra cidra.

Apareceu outra menina ainda mais bonita e pediu o mesmo. E êle deu-lhe pão e a menina comeu e deu-lhe água e ela bebeu mas pente é que não tinha e disse-lhe que esperasse ela um instantinho que êle ia a palácio buscar um pente. E a menina subiu para cima de uma árvore que estava ao pé da fonte. E veio uma preta à fonte e quando ela vê a cara da menina na água. E julgou que era a cara dela e disse assim:

— ¡Ai como eu sou bonita!

E a menina ouviu aquilo e deu uma gargalhada. E a preta olhou para cima e viu a menina. E começou a chamá-la e a dizer-lhe para descer da árvore. E a menina desceu e a preta espetou-lhe dois alfinetes na cabeça, um de cada lado. E a menina formou-se numa pomba e fujiu. E a preta subiu para a árvore.

Nisto vem o príncipe.

Olha para cima quando êle vê a preta e ficou muito admirado:

— ¿Então eu deixei-a tam branca e agora vejo-a tam preta?

— Foi o sol.

— ¿Eu deixei-a com dois olhos e agora vejo-a só com um? — porque a preta era resmelgada.

— Foi um pau.

E o príncipe lá levou a preta para palácio.

E um dia o hortelão do príncipe foi ao jardim e quando êle vê uma pombinha muito bonita e a pombinha disse-lhe assim:

—¿Hortelanito de mi horta, como vai el-rei com a sua preta, feia, cachorra e torta?

E o hortelão foi contar ao príncipe e o príncipe disse-lhe para êle lhe armar um laço.

E o hortelão armou-lhe um laço de corda.

E veio a pombinha e viu o laço e disse:

—Os meus pézinhos de prata não caem em laços de corda.

E abalou a fujir.

E o hortelão veio contar ao príncipe.

—Pois arma-lhe um laço de prata.

E o hortelão armou-lhe um laço de prata.

E veio a pombinha e viu o laço e disse:

—Os meus pézinhos de ouro não caem em laços de prata.

E abalou a fujir.

E o hortelão veio contar ao príncipe.

—Pois arma-lhe um laço de ouro.

E o hortelão armou-lhe um laço de ouro.

E veio a pombinha e viu o laço e deixou-se apanhar.

E o hortelão trousse a pombinha ao príncipe. E o príncipe gostou muito da pombinha e mandou-lhe fazer uma gaiola.

E a preta assim que viu a pombinha conheceu-a logo.

E fêz-se doente. E tinha um fastio que não comia nada. E apeteceu a pombinha.

E o príncipe ficou muito triste mas para lhe fazer a vontade mandou buscar a pombinha. E começou a correr-lhe a mão pela cabeça e sentiu uma cousa e foi a ver e viu um alfinete; e vai a tirá-lo e nisto a pombinha formou-se metade em menina. E tirou-lhe o outro alfinete e formou-se em menina toda.

E ela então contou-lhe tudo.

E o príncipe ficou muito contente e tratou logo do casamento com a menina e preguntou-lhe o que se havia de fazer da preta e a menina disse:

—Dos ossos quero uma cadeira para me assentar e da pele um tambor para tocar.

E assim foi e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (set.º de 1912).

XII

O príncipe da Hungria

Era uma vez um rei e tinha uma filha e determinou casá-la. Deitou um pregão. Vieram muitos príncipes de outros reinos e ela nenhum lhe agradou. Um, porque não sabia pegar no talher, o outro, por outra cousa e pronto nenhum lhe agradava. E o príncipe da Hungria também quis casar com a princesa.

E foi ao jantar e sem querer deixou cair um bago de romã na toalha. E ela já não o quis, e disse-lhe isso a êle que não o queria porque êle tinha deixado caír um bago de romã na toalha.

E o príncipe foi para o seu reino e destrajou-se e vestiu-se com umas peles e veio para o reino dela.

E foi a palácio e pediu que fazer e o rei mandou-o ir para o jardim ajudar o jardineiro.

—¿Como te chamas?

—Franchão.

E ficou sendo ajuda do jardineiro.

E a princesa todos os dias ia ao jardim e foi e viu-o e entrou a gostar muito dele.

E todos os dias o ia ver. E êle ria-se dela. E um dia disse-lhe que se ia embora. E ela não queria que êle fôsse e tanto tanto que fojiram. E êle levou-a a pé. E disse-lhe que ela de ali por deante havia de se chamar Ribidonha.

E o reino dele era muito lonje. E ela já ia descalça e ja não podia andar.

E êle dizia-lhe sempre:

—Ande para diante sua Ribidonha.

E ela não tinha mais remédio senão andar.

E já iam chegando ao reino dele. E os sinos repicaram.

E ela preguntou:

—¿ O que é isto Franchão?

—É o príncipe da Hungría que chega hoje mais a sua senhora.

E chegaram e êle meteu-a num palheiro. E ela levava muita fome e êle mandou fazer umas papas e deitou-lh'as na palha.

E ela com a fome começou a comer as papas; e disse-lhe assim:

—¡ Ai, Franchão, deitaste-me as papas na palha!

E êle então disse-lhe:—Oiça lá, ¿qual é melhor:

são papas em palha
ou bago de romã em toalha?

Foi então que ela percebeu como êle a tinha ensinado. Conheceu-o então e ao depois casaram e dali em deante nunca mais houve homem que tivesse uma molher como o príncipe da Hungria e bendito louvado está o meu conto acabado.

(Colhido em Évora, (Set.° 1912).

XIII

A vaquinha de ouro

Era de uma vez um rei e tinha uma filha; e o rei, um dia, disse à filha que queria casar com ela. E a princesa foi a chorar para o quarto porque não queria casar com o pai. E ela tinha uma aia que lhe dava conselhos e a aia disse-lhe:

—Diga-lhe que se casa mas que primeiro há-de êle arranjar-lhe um vestido que tenha todas as qualidades de peixes que há no mar.

E a princesa foi e disse aquilo ao pai:

E o rei ficou sem saber como havia de arranjar um vestido assim. E montou a cavalo e foi andando a ver se encontrava alguem que lhe arranjasse o vestido.

E encontrou um homem e preguntou-lhe onde é que havia de encontrar um vestido assim e assim.

E o homem era o diabo e disse-lhe:

—Ora arranjo-o eu: amanhã passe aqui que o vestido está pronto.

E o rei no outro dia voltou e lá estava o homem com o vestido; e êle levou o vestido à filha.

E a princesa assim que viu o vestido foi a chorar para o quarto e a aia disse-lhe:

—Diga-lhe que há-de arranjar um vestido com todas as árvores quantas há no mundo.

E a princesa foi e disse ao pai.

E o rei montou a cavalo e foi à procura do homem que lhe tinha arranjado o outro vestido. E encontrou o diabo no mesmo

sítio e preguntou-lhe como é que havia de arranjar um vestido assim e assim. E o diabo disse-lhe:

—Arranjo-o eu; amanhã passe aqui que o vestido está pronto.

E o rei no outro dia voltou e lá estava na mesma o homem com outro vestido e êle levou-o à filha.

E a princesa assim que viu o vestido foi a chorar para o quarto e a aia disse-lhe:

—Diga-lhe que lhe há-de arranjar um vestido com todas as qualidades de flôres que há no campo.

O mesmo; o rei montou a cavalo e foi à procura do homem que lhe tinha arranjado os outros vestidos. E encontrou o diabo no mesmo sítio e preguntou-lhe como é que havia de arranjar um vestido assim e assim. E o diabo disse-lhe o mesmo:

—Amanhã passe por aqui que o vestido está pronto.

O rei no outro dia voltou e o vestido estava pronto; e levou-o à filha.

E a princesa assim que viu o vestido entrou a chorar.

E a aia disse-lhe para ela escrever aos amigos do pai para o convidarem para uma caçaria. E assim foi. E o rei foi a uma grande caçaria.

E a princesa lá mandou chamar um carpinteiro que lhe fizesse uma vaquinha toda ôca por dentro. E mandou chamar um ourívez para dourar a vaquinha. E mandou chamar um cravador para lhe pôr pedras preciosas.

E meteu-se dentro da vaquinha e mandou pô-la no quarto dela.

E veio o rei e foi para ver a filha e não a achou.

E viu a vaquinha e ficou muito irado porque pensou que a filha tivesse fujido e lhe tinha deixado aquela prenda. E não quis a prenda por ser de ela. E mandou deitar um pregão para quem quisesse comprar aquela prenda.

E veio um principe de fora e comprou a vaquinha porque era uma prenda muito rica. E levou-a e mandou-a pôr no seu quarto.

E todas as noites ficava à cabeceira do príncipe um tabuleiro com bôlos e um copo de água. E o príncipe naquela noite foi para comer e viu o tabuleiro sem nada e o copo também. E ficou muito zangado e no outro dia ralhou com o escudeiro. E o escudeiro disse-lhe que lhe tinha pôsto os bôlos do costume.

E na noite seguinte o mesmo: o príncipe vai a meter a mão e nada, o tabuleiro estava no fundo.

E foi ralhar com o escudeiro e o escudeiro disse-lhe que ainda tinha aviado melhor o tabuleiro naquela noite.

E o príncipe quis êle ver arranjar o tabuleiro e o copo da água. E de noite vai a ver e o tabuleiro não tinha nada. E na noite seguinte pôs-se à escuta a finjir que dormia.

E lá por essa noite adeante quando êle houve um barulho do lado da vaquinha.

Vai a olhar quando êle vê uma menina. E a menina veio muito devagarinho, bebeu a água, pegou nos bôlos e meteu-se outra vez dentro da vaquinha.

E o príncipe calou-se e na outra noite quando a menina vinha aos bôlos e agarrou-a. Ela então contou-lhe tudo e êle ao depois casou com ela e ainda lá estão hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º 1912).

XIV

As bodas de Arcelo

A comadre cegonha falou à comadre zorra e combinaram ir à pida as duas. E foram a um monte pedir e deram-lhe farinha. E fizeram umas papas numa amentolia velha que acharam no caminho. E a cegonha metia o bico e comia as papas e a zorra não podia comer nada.

E no outro foram pedir e deram-lhe pão. E a zorra quis logo que se fizessem umas migas. E fizeram as migas numa laje e a zorra com a língua lambeu tudo e a cegonha ficou sem nada.

E a cegonha disse assim:

—Ai comadre aonde nós havíamos de ir era às bodas de Arcelo que há lá muito de comer.

—¿E aonde é isso?

—Ai comadre é lá muito lonje, mas a comadre amonta-se aqui às minhas cavalitas que eu lá a levo.

E a zorra pôs-se às costas da cegonha e foram por ali a cima. E quando já lá iam muito altas a cegonha largou a zorra. E a zorra caíu e vinha de escantilhão por ali abaixo e nisto vê cá em baixo uma pedra e põe-se a gritar:

—Fuje pedra, fuje pedra.

Ai que se eu desta escarpelo
Nunca mais volto às bodas de Arcelo.

Ora caíu em cima da pedra e morreu arrebentada e foi assim que a cegonha se vingou e pronto, bendito louvado, conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º 1912).

XV

A pateira

Um rei tinha duas filhas e preguntou um dia às filhas como era o gôsto delas para com êle. E a mais velha respondeu-lhe que o seu gôsto dela era dela como filha e dele como pai. E o pai ficou muito contente com aquela resposta. E a mais moça disse-lhe que gostava dele como o gôsto do sal. E o rei pareceu-lhe muito mal aquela resposta e disse-lhe que se governasse que êle já não queria saber dela.

E ela abalou e foi ter a outro reino e foi pedir que fazer.

E a raínha mandou-a guardar patos. E todos os dias a pateira ia guardar patos e todos os dias havia de faltar um pato; e ela dizia que não sabia.

E foram dizer ao príncipe. E êle pôs-se à espreita atrás de uma árvore.

E nisto passava a pateira e a pateira pôs-se a contar os patos:

—Pato aqui
Pato ali.

Filha de ẽl-rei guarda patos
Foi cousa que nunca vi.

E, toma, uma varada na cabeça dum pato e matou-o. E quando veio faltava, na mesma, um pato.

E o príncipe entrou a gostar muito dela e fêz-se doente.

E quis um bôlo feito pela pateira.

E foram dizer à pateira.

—O senhor príncipe quere um bôlo feito pela tua mão.

E ela disse que não sabia mas não teve mais remédio senão fazer o bôlo.

E levaram-lhe farinha e açúcar. E ela meteu-se dentro do quarto, lavou-se, penteou-se, vestiu-se, preparou-se, pôs as suas jóias e foi-se pôr a fazer o bôlo.

E o príncipe foi espreitá-la e viu que ela era uma princesa deveras. E calou-se.

E todos admiraram o bôlo feito pela pateira.

E o príncipe disse à mãe que queria casar com a pateira:

—Saiba que eu vou casar com a pateira.

—¿Com a pateira?

E a mãe ficou muito zangada e entrou a ralhar.

E o príncipe quis outro bôlo. E meteu-se no quarto da pateira.

E levaram farinha e açúcar à pateira para ela fazer outro bôlo ao senhor príncipe porque êle tinha gostado muito do bôlo feito pela mão dela.

E ela meteu-se no quarto, lavou-se, penteou-se, arranjou-se e foi-se pôr a fazer o bôlo.

E quando acabou de bater o bôlo, êle apareceu-lhe e disse-lhe que ela havia de ir à presença da raínha.

E levou-a à presença da raínha.

—Aqui está a pateira.

A raínha ficou muito admirada e viu que ela era uma princesa e deu licença para casarem. E ela ao depois contou a sua vida toda, dela.

E casaram e ao fim de tempo a princesa teve um menino onde mandaram convindar o pai dela. E mandaram fazer comer em panela à parte e tudo sem sal. E o pai dela veio ao jantar e começou a comer e não lhe sabiam bem as cousas. E percebeu que o comer não tinha sal. Depois disseram-lhe então, para que é que êle tinha desterrado a filha por gostar dele como o gôsto do sal.

E o rei então é que percebeu a resposta da filha e arrependeu-se muito e entrou a chorar e disse que desejava muito saber aonde estaria a sua filha àquela hora.

E ela apareceu-lhe:

—Aqui estou.

E êle então pediu-lhe perdão e lá ficaram todos muito bem e bendito louvado, está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º 1912).

XVI

As macacas

Um rei tinha três filhos e já não podia reinar por ser já muito velho. E os filhos, o mais velho não tinha capacidade para governar; e o segundo também não; e o mais môço é que lá tinha mais tremenho mas não havia de ser êste que lhe havia de suceder. E o rei um dia disse aos filhos que fôssem correr mundo e que aquele que lhe troussesse a bacia mais rica é que havia de ficar com o reino.

E abalaram todos três e chegaram a um sítio e cada um foi para seu lado depois de terem combinado ajuntarem-se todos naquele mesmo sítio.

E o mais môço foi andando, andando e fêz-se tarde e foi a um monte. E o monte era muito grande mas estava todo a cair. E êle prendeu o cavalo e entrou. E veio vindo e não viu ninguem. E viu uma mesa posta e entrou a comer. E foi mais adeante e viu uma cama e deitou-se. No outro dia foi ver o cavalo e o cavalo estava tratado. E viu o almôço na mesa e almoçou. E quando ia para se ir embora apareceu-lhe uma macaca. E a macaca disse-lhe que se deixasse estar que nada lhe havia de faltar.

E entrou a aparecer muita macacaria e não havia mais ninguém senão macacas e macacos. E o príncipe não tinha fôrças de se ir embora. E foi passando o tempo e o príncipe disse que tinha de se ir embora porque tinha de ir á procura de uma bacia que tinha de levar ao pai para herdar o reino e não queria que os irmãos levassem prendas mais ricas.

E a macaca disse logo:

—Ai, não lhe dê fezes que não há-de levar uma prenda inferior à dos seus irmãos.

E quando chegou o dia o príncipe preparou-se para abalar e a macaca pegou no caqueiro das galinhas e deu-lh'o.

E o caqueiro estava todo çujo e êle não o queria aceitar, mas a macaca, tanto, tanto que êle lá o guardou mas foi todo triste.

E chegou lá ao sítio onde estavam os irmãos e êles amostraram as suas bacias e êle com vergonha não quis amostrar a sua.

E chegaram a palácio. E o mais môço ia muito triste. E os outros irmãos mostraram as suas bacias. E todos da côrte se admiraram de tamanha riqueza. E o rei disse ao filho mais môço que mostrasse êle a sua bacia, mesmo que não fosse tam rica. E êle não queria mas não teve mais remédio e cheio de vergonha ia a puxar pelo caqueiro das galinhas. E o caqueiro tinha-se formado numa bacia toda de ouro e pedraria. E êle ficou muito admirado mas não disse nada e o rei e os irmãos e a côrte todos aínda mais admirados ficaram dele não querer amostrar a prenda quando ela era a mais rica.

E o rei queria dar-lhe o reino a êle mas os irmãos disseram que não porque êle não tinha querido mostrar a sua prenda.

E o pai mandou-os outra vez correr mundo e que lhe troussessem uma toalha que aquele que a troussesse mais rica é que ficaria com o reino.

E o mais môço foi ter ao mesmo monte. E a macaca assim que lá o viu fêz-lhe muita festa e disse-lhe que se deixasse estar. E o príncipe disse-lhe que tinha de se ir embora porque tinha de ir à procura de uma toalha que tinha de levar e não queria que os irmãos levassem prendas mais ricas.

E a macaca disse logo:

—Ai, deixe, não lhe dê cuidados que não há-de levar prenda inferior à dos seus irmãos.

E êle esteve e quando chegou o dia o príncipe preparou-se para abalar e a macaca pegou na rodilha da chaminé e deu-lh'a.

E a rodilha estava toda çuja e êle nem lhe queria pegar mas a macaca, tanto, tanto que êle lá a levou.

E chegou aonde estavam os seus irmãos e êles mostraram as suas toalhas e êle com vergonha não quis amostrar a dele.

E chegaram ao palácio.

E o mais môço ia muito triste e não queria também mostrar a toalha mas o pai quis ver a toalha e êle vai a puxar pela rodilha e a rodilha tinha-se formado numa toalha toda bordada a ouro. E era a mais rica de todas. E o pai queria-lhe dar o reino a êle mas os irmãos disseram que não porque êle não tinha querido mostrar a sua prenda.

E o rei tornou a mandá-los correr mundo e então que lhe troussessem uma princesa que aquele que troussesse a princesa mais bonita e mais rica é que havia de herdar o reino.

E êles abalaram outra vez todos os três e foi cada um para a sua banda.

E o mais môço foi outra vez ao tal monte. E a macaca as-

sim que o viu fêz-lhe muita festa e disse-lhe que se deixasse estar que nada lhe havia de faltar.

E êle esteve e ao depois disse-lhe que tinha de se ir embora à procura de uma princesa para herdar o reino do pai dele. E a macaca disse-lhe logo:

—Parece-me que não lhe tem faltado nada; agora tem de casar comigo.

E êle ficou muito esmorecido mas não teve outro remédio senão dizer que sim.

E ao depois os macacos começaram a arranjar tudo para a abalada.

E começaram a preparar as sejes. E as sejes eram muito velhas e estavam todas çujas das galinhas. E os cavalos eram, na mesma, muitos velhos e muito magros.

E o príncipe caíu-lhe o coração aos pés quando viu aquilo. E não fazia senão pensar o que diria o pai e mais os irmãos quando vissem aquele estado.

E os boleeiros e os trintanários eram tudo macacos. E dentro das sejes meteram-se também macacos e macacas e na última ia êle com a macaca.

E lá foram todos a caminho do reino dele. E êle ia cheio de vergonha.

E quando já lá ia mesmo a chegar ao reino do pai dele a macaca formou-se de repente numa princesa muito bonita e as sejes e os cavalos formou-se na cousa mais rica que se pode imajinar; e os outros macacos formou-se, na mesma, tudo em pessoas muito bem preparadas.

E os irmãos já estavam em palácio com as suas noivas muito bonitas e muito ricas com o seu dote, se um era bom o outro ainda era melhor.

E quando êles vêem vir aquele grande estado e tudo pasmou de tanta riqueza.

E no fim é que se viu que quem tinha trazido a princesa mais rica e mais bonita era o mais môço. E o rei ficou muito contente por ser aquele filho quem ficou sendo rei e ainda lá está hoje e bendito louvado está o meu conto acabado.

Colhido em Évora (Set.º de 1912).

BERNARDINO BARBOSA.

NOMES DE VENTOS

Ao que deixei dito sobre nomes populares de ventos (**Rev. Lus.**, XVII, 198) acrescentarei o seguinte:

As antigas designações de *vento de baixo* e *vento de cima*, respectivamente para os ventos «do Sul» e «do Norte», empregam-se ainda em muitos outros lugares. Sei que são usadas nos concelhos de Aguiar-da-Beira, Póvoa-de-Lanhoso e Barcelos. *Vento de cima* era tambem na velha linguagem marítima o *vento da terra* ou *terral* (1).

Terral ou *vento terral* eram e são igualmente termos da linguagem de marinharia: «..sahir depois ás toas ou esperar terral.» (2) «..assim afflicto acodio assima, e Deos nosso Senhor com vento terral com que sahimos para fora..» (3) Ao *vento da terra* ou *terral* opõe-se hoje *vento do mar* ou *mareiro*. Em Esposende dizem *vento mareiro* ou só *mareiro*. Cp. o esp.: *marero* (4).

Em náutica os ventos tomam denominações graduais, conforme a sua intensidade, regulada no Codigo Internacional por uma escala numérica, de 0 a 12, que vai da *calma* ao *tufão*. Circunstancias especiais, determinadas quer pela acção dos proprios ventos, quer pelas condições da navegação, dão a esses ventos uma nomenclatura apropriada, que é a que nos importa conhecer. Assim:

Salto-de-vento é a mudança brusca do vento entre dois pontos do mesmo quadrante, ou de um quadrante para outro. No

---

(1) «..*vento de cima*, ou da terra..» — Morais. Dic. da Ling. Portuguesa, Lisboa, 1813, s. voc. **vento**.

(2) Barros, *apud* Bluteau.

(3) Hist. Tragico-Marítima, x, 85. (Ed. da *Bibl. Classicos Port.*, Lisboa, 1905). «Mareiro (*vento*).. Terral (vento)..» — Codigo Internacional de Signaes, ed. oficial de 1901, pags. 316 e 378.

(4) «viento que sopla de la parte del mar.» — Rodriguez — Navas. Dic. Complet. de la Lengua Española, Madrid, 1907.

mesmo sentido dizem os francêses *saute de vent* [1], e os inglêses *shift of wind. Vento contrário, vento ponteiro, vento da prôa,* são os ventos que sopram pela prôa da embarcação, mais ou menos na direcção da quilha. *Vento largo, vento a favor, vento de feição, vento da pôpa*, são os ventos mais favoráveis à navegação em determinado rumo. *Rafada* é a violencia súbita mas passageira de um vento. Corresponde ao esp. *ráfaga* [2], ao fr. *rafale* [3] e ao it. *refolo.* Quando elas são contínuas, dizem os marítimos que (o tempo) *está de rafadas* [4]. *Remandiolas* são os ventos fracos, incertos, *de trovoadas,* no verão [5].

Ventante dizia-se do vento de intensidade regular, suficiente para a navegação. «..que sendo em trinta e sete graos e dous terços, vento Sudoeste ventante..» «..saltou em Norte ventante..» [6]. Os ventos brandos diziam-se em geral *galernos.* Morais diz que *galerno* se refere especialmente ao «vento do Nordeste» [7], e o **Novo Diccionário,** como o **Contemporaneo,** dizem que «ao vento do Noroeste». *Galerno* veio a aplicar-se a «qualquer vento suave». Diz Camões, nos **Lusiadas:**

> «Mas já as agudas proas apartando
> hiam as velas humidas de argento;
> assopra-lhe galerno o vento, e brando,
> com suave e seguro movimento..» [8]

Na **Historia Tragico Maritima** fala-se do «vento Sueste honesto e galerno..» [9]

No artigo precedente ficou dito que ha *soão* (do lat solanu—) [10] = «vento de Leste» ou «do Nordeste», e *suão* = «vento

(1) v. Bonnefoux et Paris. Dict. de Marine à voiles. Paris s/d., *s. voc.* **saute.**

(2) «Movimiento violento del aire, que por lo común tiene poca duracion.»—Rod. — Navas. Dic. citado.

(3) «Augmentation soudaine du vent, mais que dure peu.» — Bonnefoux et Paris. Dic. citado. s. voc. **rafale.**

(4) «Quand les Rafales se succedent assez rapidement, on dit que le temps est à Rafales.» — *Ibidem, idem.*

(5) Talvez por *rebandolas*, de *bandola. Bandola* é a ondulação branda do mar, em calmaria.

(6) Hist. Tragico-Marítima, III 44 e 48.

(7) Dic. da Ling. Port., *s. voc.* **galerno** e **nordeste.**

(8) Canto II, est. 67.

(9) III, 54.

Galerne ou *vent de galerne* é o vento de Oesnoroeste, nas costas francêsas do Atlantico. Em Espanha chamam *galerno* ou *galerna* às rafadas borrascosas, entre Oeste e Noroeste, que sopram no Cantábrico, nos dias calmosos de estio.

(10) Cf. Leite de Vasconcelos. Lições de Philologia Portuguesa. Lisboa, 1911, pag. 430.

do Sul» ou «do Sueste». Na Bairrada, como em muitos outros pontos, chamam *soão* ao «vento de Leste», e dizem:

«O Norte mais o Soão
são dois ventos a puxar:
o Norte puxa p'ró Sul,
o Suão puxa p'ró mar.»

Nas **Tradições Populares de Portugal,** o snr. Dr. Leite de Vasconcelos, regista dois ditados do concelho de Famalicão em que o *suão* entra evidentemente com o sentido de «vento sul»:

«Vento Suão
Cria palha e grão».

[pag. 38].

«Vento Suão
chuva na mão,
de inverno sim
de verão não».

[pag. 48].

Oposto a *suão* ha o *nortão,* a que já me referi (**Rev. Lus.,** XVII, 202). No Ribatejo diz-se:

«Nortão
mareiro na mão».

i-é: «depois do vento rijo do Norte ou Nordeste, no verão, vem os ventos do mar». Os ventos do Sul ou Sueste presagiam chuvas. No Vale-do-Cóina, quando o vento sopra de qualquer destes lados, diz-se que *está a puxar chuva* (1). De um modo geral os ventos precedem ou seguem-se às chuvas. Ha a seguinte observação meteorológica:

«Se vém o vento adiente da chuva
Dêxa andar que num tém duv'da.
Se vém a chuva adiente do vento
acautela-te inq'anto téns tempo.

[Vale-do-Cóina] (2)

No interior das terras, e tambem no litoral, os ventos tomam geralmente os nomes dos lugares donde sopram. Aos que já

(1) «O *palmelão* [vento do Sul ou do Sueste] é sempre um vento caraçudo». (Vale-do-Cóina). Os ventos deste quadrante tiveram sempre, e justamente, *má fama.* Na *Farsa dos Físicos,* de Gil Vicente, diz *Mestre Felipe:*

«De fisico sam eu mestre
mais que de surlugião,
em que me chamam *sudeste.*
Chamam-me *vento assomado*..
porque alço o gorgomilo
e ando assi espetado..»

(2) Se depois dos aguaceiros sopra vento norte, é certo que virá mais chuva:

«Norte na lama
chuva na cama».

[Ribatejo].

citei, e aos que citou o snr. Dr. Leite de Vasconcelos, podem-se acrescentar os seguintes:

Em Ancora chamam *vento de Penedim* ao vento que sopra dos lados da povoação daquele nome. *Cantaril*, em Aguiar-da-Beira, é o «vento de Sudoeste», da banda da Lagôa-dos-Cântaros ([1]). Dizem ali:

«Vento do *cantaril*
água no pernil»
ou
«até ó pernil».

A este vento tambem lá chamam *travessio*. Ao «do Noroeste» dão o nome de *galêgo*. Em Santo-Tirso chamam *vento bareiro* ao que sopra dos lados de Ovar. (v. **Rev. Lus.**, XVII, 21 e 330).

Ao «vento do Nordeste» chamam *vento da cabra fanada* não só em Esposende mas tambem nos concelhos de Viana-do-Castelo, Caminha e Ponte-do-Lima, pelo menos. Na Póvoa-de-Lanhoso, quando o tempo está muito frio, de inverno, e o vento sopra entre Norte e Nordeste, diz-se que *está da cabra fanada*. A este vento do Norte ou Nordeste chamam em Aguiar-da-Beira *vento cieiro*. ([2])

Zoeira, na Póvoa-de-Lanhoso, é o «vento tempestuoso», de inverno. Diz-se, quando ele sopra, que *zôa a carvalheira*. ([3])

Nos concelhos de Aguiar-da-Beira e Póvoa-de-Lanhoso chamam às rajadas violentas de vento e chuva, no mês de Abril, de que tratei no artigo precedente, ([4]) respectivamente *grabanadas de Abril* e *'scrabanadas de Abril*. *Gravana* ou *gravanada* chamam em San-Tomé ao «vento fresco que ali sopra de tarde, das bandas do mar». «Está *gravana!*»

Em certos períodos do ano dominam nas costas do Norte e Noroeste da África uns ventos violentos e tempestuosos a que os nossos marinheiros dão o nome de *brisas negras*.

Barreiro—Julho de 1915.

ÓSCAR DE PRATT.

([1]) A respeito de *cantaril* V. Leite de Vasc. Lições de Philologia Portuguesa, pag. 428, nota 2.
([2]) V. L. Vasc. Lições de Philologia Portuguesa, pag. 428.
([3]) V. Revista Lusitana, XVII, 202.
([4]) V. *Ibidem, idem*, 201.

TRADIÇÕES POPULARES DE BARROSO

(Concelho de Montalegre)

Popularmente, a região que hoje constitue as comarcas de Boticas e de Montalegre, é conhecida pelo nome de «Terras de Barroso».

O concelho de Boticas foi desmembrado de Montalegre pelo decreto de 6 de Dezembro de 1836, e criado comarca pelo de 22 de Novembro de 1899.

Não se sabe ao certo a época da fundação da povoação de Montalegre nem quando foi elevada à categoria de vila; todavia Montalegre é sem dúvida, pela sua situação e importância, a capital de Barroso. Teve foral de D. Dinis em 1327 (1), de D. Afonso 4.º em 1379 (2), e de D. Manuel 1.º em 1515 (3). Ocupa um pequeno planalto terminado ao norte por um outeiro sôbre a esquerda do Cávado, onde se vêem as ruínas dum importante castelo antigo, e ao sul pelo monte da Corujeira, estendendo-se ainda para nascente até ao bairro da Portela.

Das regiões montanhosas de Portugal é Barroso uma das mais ricas em hábitos e costumes característicos, mas é também uma das menos estudadas. E não pode haver boa legislação ou administração para um povo que não é conhecido nos seus costumes tradicionais, usos, crenças, superstições, que constituem a sua vida íntima.

---

(1) Dado em Beja a 20 de Dezembro.
(2) Dado em Santarêm a 30 de Maio.
(3) Dado em 4 de Janeiro.

Por agora apenas trataremos das tradições populares, colhidas durante alguns meses que por lá estivemos em serviço militar, relativas principalmente às povoações compreendidas entre a raia e uma linha que, partindo de Cervos, se faça passar em S. Vicente da Chã, para ir terminar em Sirvozêlo.

Não tivemos oportunidade de visitar todas as povoações do concelho, e por isso não nos propomos fazer um trabalho completo, e se aqui apresentamos estes apontamentos é porque já não correrão o risco de deixarem de ficar arquivados. Oxalá que esta leve contribuìção sirva de incitamento a alguêm que com mais competência do que nós faça um dia o estudo completo do povo de Barroso, cuja linguagem, embora seja destituída de forma literária, não deixa de manifestar pensamentos sublimes, e constituir sentenças admiráveis, frases reveladoras de sentimentos bons e delicados, todas cheias de observação e experiência.

São algo diversos os costumes, às vezes entre povoações limítrofes, como diferentes são tambêm as culturas, vestuário, aspecto físico dos habitantes de algumas freguesias: isto em parte resultará das variedades do clima, que próprìamente no planalto barrosão é áspero, durante a maior parte do ano, ao passo que é mais temperado nos extremos orientais e ocidentais do concelho.

As qualidades características dos habitantes são, em geral, independência (que porêm não exclue franqueza), patriotismo, docilidade, economia e amor do trabalho. Há ainda outras qualidades que avultam no carácter dos Barrosões, e que é comum a todo o povo: a tendência para em tudo pôrem pechas, sendo raro encontrar uma pessoa que não tenha a sua alcunha ou *nomiada*, como lá se diz, derivada de um defeito qualquer, verdadeiro ou suposto [1]. Outras qualidades privativas da gente da vila são a pretensão de terem mais merecimento e falarem me-

[1] Eis a titulo de curiosidade, uma relação de algumas alcunhas que lá ouvi: o *Almirante Côdeas*, o *Basofias*, o *Beiçolas*, o *Beijoca*, as *Botequinas*, o *Cabeleira*, o *Cara de Madama*, o *Carpinteiras*, o *Caruço*, o *Cerva*, o *Chocalha*, o *Bilheira*, o *Bolchête*, o *Cuco*, o *Farçola*, o *Farramilho*, o *Fedelho*, o *Flambó*, a *Gata*, o *Ibecas*, o *Ingelico*, o *Jabelête*, o *Jarretas*, o *João velho*, o *Lambitana*, a *Ludra*, o *Luciféres*, a *Maria da rez*, o *Menor*, o *Milordes*, o *Mochila*, o *Mouco*, o *Musico*, o *Nhéfo*, o *Pachorra*, o *Pai do ceo*, o *Pato*, o *Pata larga*, o *Pêgas*, o *Peguisto*, o *Peguilho*, o *Pelicas*, o *Pelinario*, o *Peneira*, a *Pereirinha*, o *Pica-milho*, o *Pichonete*, o *Pistolas*, o *P'lintras*, o *Principe*, o *Princez*, o *Lucijeiro*, o *Ramalheta*, o *Ranheta*, o *Rato-cego*, a *Rechica*, o *Rei*, o *Rei-pelado*, o *Ricócó*, o *Ricóquinha*, o *Rijezas*, a *Rozenda*, o *Rejão*, o *Santo André*, o *Sapateiro*, a *Sineta*, o *Sôpas*, o *Sorreira*, o *Teixugo*, o *Travancas*, a *Trosseta*, o *Zé das Gravatas*, o *Zizo*, o *Zôrro*.

lhor do que o povo das aldeias, e a trica política que em Montalegre é uma verdadeira fonte de ódios, vinganças e prepotências.

E por último não deixaremos de nos referir à usura, da qual ouvi contar casos vulgaríssimos em que se falava de dinheiro mutuado a 20 e mais por cento, casos que à fôrça de quotidianos já ninguêm estranhava.

*

* *

Elenco dêste trabalho:

I. Textos em verso:
   a) Orações (30 parágrafos);
   b) Versos: 1) Reis, 2) Canções do berço, 3) Bordados nos lenços, 4) Quadras ao desafio, 5) Diálogos;
   c) Cancioneiro de Barroso.
II. Romances.
III. Parlendas.
IV. Adivinhas.
V. Narrativas populares.
VI. Costumes.
VII. Crenças e superstições.
VIII. Ensalmos.
IX. Ditados tópicos.
X. Ditados vários ou provérbios.
XI. Ditos e frases populares.
XII. Comparações.
XIII. Rimas e frases estereotipadas.
XIV. Jogos e rimas infantis.
XV. Aliterações.
XVI. Imprecações.

Embora muitos dos factos que trago a lume sejam já do domínio dos nossos etnografos, não temi, para não destruir a unidade do meu trabalho, publicá-los outra vez; em todo o caso êste contêm menção de muitos factos novos e variantes dos já conhecidos.

I

TEXTOS EM VERSO

a) Orações [1]

1

Padre nosso pequenino

Padre nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Pôs os pés no seu altar,
O sanguinho a pingar.
Tem-te, tem-te, Madanela,
Não no queiras alimpar,
Qu'estas são nas cinco chagas
Que Deus tinha de passar
ou
Que o Senhor tem para passar.

2

Salve-rainha pequenina

Rosa divina,
Cravo d'amôr,
Mãe do Senhor,
Dai-me luz e entendimento
P'ra receber o Santíssimo Sacramento.

3

Oração do sinal da cruz

Persigno-me com tres cruzes,
Abraço-me à cruz,
P'ra que sempre m'acompanhe
Santo nome de Jesus.
Venha uma cruz do Céu,
Que s'abrace sôbre nós,
O Senhor que morreu nela
Fale e diga e responda por nós. Amen.

---

(1) Cf. Leite de Vasconcellos: *Ensaios Ethnogr.*, III, 206, e IV, 185; *Tradições Pop. de Port.*, pág. 228, 64, 229.

4

Oração na cama quando se ouvem cantar os galos

Já os galos pretos cantam,
Já os anjos se alevantam,
Já o Senhor subiu à cruz,
P'ra salvar as nossas almas,
P'ra sempre, Amen Jesus.

5

Oração na cama ao entrar a luz do dia pelas frestas das portas

Luzerna do dia,
Deus me livre
De todos os trabalhos
E perigos do dia.
P. N. e 3 A. M.

6

Oração da manhã

Bemdita seja a luz do dia,
Bemdito seja quem na cria,
Bemdito seja o anjo da guarda,
E o filho da Virgem Maria;
Conforme nos livrou do perigo da noite,
Nos livre e guarde de todo o dia;
Por onde quer que formos e andarmos,
Ande na nossa companhia,
Pela graça de Deus e da Virgem Maria.
P. N. e A. M.

7

Oração ao levantar

Eu me entrego a Jesus,
E à sua santíssima cruz,
E ao Santíssimo Sacramento,
E às três relíquias que tem dentro,
E às três missas de natal,

P'ra que nos não aconteça nenhum mal;
Ao anjo da nossa guarda,
P'ra que nos defenda
Dos maus perigos e trabalhos
Da alma e do corpo.

P. N. e A. M.

8

Oração ao lavar

Minhas mãos molho,
P'ra meu rosto lavar,
Amar a Jasus,
E o pecado arrenegar.

8-A

VARIANTE

Com esta água me lavo,
Com Jesus Christo me salvo;
Lavai Senhor as manchas da minha consciência,
P'ra que m'eu ponha pura e limpa
Diante da sua Santíssima Presença.

9

Oração ao deitar

Com Deus me deito,
Com Deus Deus me alevanto,
Com a graça de Deus,
E do Divino Espírito Santo.

9-A

VARIANTE

Com Deus me deito,
Com Deus me alevanto,
Com a graça de Deus
E do divino Espírito Santo,
Me cubra com o seu manto:
Se eu bem coberta fôr,
Não terei mêdo, nem pavor,
Nem a coisa que má fôr.

(Cervos).

9-B

VARIANTE

Graças a Deus que já 'stou deitada,
Maria Santissima á minha beira,
Seu Santissimo Filho á cabeceira:
Quantos se deitam vivos
E amanhecem amortalhados?
Talvez seja eu pelos meus grandes pecados!

9-C

VARIANTE

Nesta cama me deito,
Não sei se me levantarei;
Se a morte por mim chamar,
Agarrarei-me á cruz,
Entregarei a minh'alma
Ao Divino Jesus.

P. N. e A. M. (Segue-se o acto de contrição).

9-D

VARIANTE

Nesta cama me vou deitar,
Sete anjinhos lá hei de achar
Tres aos pés, quatro á cabeceira,
E a Nossa Senhora na dianteira.

9-E

VARIANTE

Jesus crucificado
Filho da Virgem Maria;
Guardai-me, Senhor, esta noite
E amanhã por todo o dia:
O meu corpo não seja preso,
Nem minha alma perdida.

10

Oração ao apagar a candeia

Assim s'apaguem
Os nossos pecados
Perante o Senhor
Pro mim amem.

11

Oração ao entrar na igreja

Por esta porta vou entrando,
Jesus Christo procurando,
Auga benta que me lave,
Jesus Christo que me salve.

11-A

VARIANTE

Pecados meus, ficai cá fora,
Não entrês comigo dentro,
Qu'eu vou entregar minh'alma
Ao Divino Sacramento.

12

Oração ao meter a mão na pia da água benta

Água benta me lave
E Jesus Christo me salve.

12-A

VARIANTE

Agua benta me lave
Em remissão dos meus pecados;
Na hora da morte
Serão todos perdoados.

12-B

VARIANTE

Água benta me apague
Os pecados veniais e os mortais,
E me limpe todas as minhas in'quidades.

13

Oração ao ajoelhar

Aqui m'ajoelho, Senhor,
Muito triste, muito afligida:
Vós como Divino Pastor,
E eu como ovelha perdida:
Dai-me luz com que vos veja,
Coração com que vos sirva,
Salvação p'rá minha alma,
Remedio p'rá minha vida.

14

Oração para quando toca a santos

Tocam a santos;
Anjo a tange,
Christo adora,
Ditosa da alma
Que vai direita ó ceo
E assobe á gloria.

15

Oração da comunhão

Minha bôca é porta
Por onde o Senhor entra;
Minha lingua é papel
Onde o Senhor assenta;
Minha gola é escada
Por onde o Senhor dece;
Meu coração é sacrário
Onde o Senhor asséste.

(Cervos).

16

Oração ao menino Jesus

Ó meu amado Menino,
Ó meu mais belo jasmim,
Ou me lebais p'ra vós,
Ou vós vinde p'ra mim.

16-A

VARIANTE

Louvado e adorado seja
O Menino de Jasus,
Que naceu im Belem,
Batizado no rio Jordão,
E crucificado em Jarusalem,

(Medeiros).

16-B

VARIANTE

O' meu amado Menino,
Carinho, verdade e vida,
Ensinai-me pois que sois mestre,
Aqui me tendes rendida:
Sem carinho não se anda,
Sem vida não se vive.

17

Oração para quando se vê uma estrela cadente

Senhora da Guia
Vá na tua companhia.

(Pedrôso).

17-A

VARIANTE

O Senhor te guie.

18

Oração para levedar a massa do pão

S. Vicente
Te acrescente,
S. João
Te faça pão,
Pela graça de Deus
E da Virgem Maria
P. N. e A. M.

18-A

OUTRA

S. Mamede
Te levede,
S. João
Te faça pão.

19

Oração da trovoada

Santa Barbara donzilha
Livrai-nos duma cintilha,
Dum raio mal pairado:
Jasu Christo stá crabado
No madeiro duma cruz.
Gloria ó Padre, amen, Jasus!
Christo vivo, Christo reine,
Christo nos salve:
Uma voz ouvi do ceo
De Sua Rial Magestade.
Chagas abertas, corações feridos,
Deus Nosso Senhor
Se meta entre nós e os perigos.

(Tourem).

19-A

OUTRA (1)

Ó minha alma magnifica,
Engrandecei ao Senhor;
Meu espirito se alegre
Em vêr a Deus meu salvador:
Eis aqui por todos
Geração em geração
Manifestou a poder do seu braço,
Encheu de bens os que tinham fome
E os que eram ricos deixou pobres;
Lembrados da sua divina misericordia
Encheu de altivos pensamentos;
Consante era no principio
Seja agora para sempre
De todos os seculos dos seculos amen.

(Cortiços).

19-B

OUTRA

Jesus Christo reine em paz,
Deus fez homem,
Christo naceu da Virgem,
Christo ande em paz no meio dos homens;
Christo naceu,
Christo foi preso,
Christo foi caluniado,
Christo foi açoitado,
Christo foi crucificado,
Christo foi morto,
Christo foi sepultado.

P. N. e A. M.

19-C

VARIANTE DO N.º 19-A

Magnifica minha alma
Ingrandeço ao Senhor
Meu espirito se alegrou
Extrema em Deus meu salvador
Por ele ter posto os olhos
Na sua humilde escrava,
Porque d'hoje em diante
Todos me chamarão bemaventurada,
Porque o seu nome é santo
E a sua misericordia se estende
De geração em geração
Sobre os que o temem
Manifestou o poder do seu braço,
A'queles que no seu coração formava
Altivos pensamentos
Depois destrou (*sic*) (2) os grandes,

---

(1) Tradução estropiada do cântico chamado *Magnificat*.
(2) Por *destronou*.

Levantou os humildes
E encheu de bens
Os que tinham fome,
Lembrados da sua protecção,
Assim como tinha prometido
O nosso pai Abrahão,
A' sua posteridade:
Para sempre gloria seja ó Padre,
Gloria seja ó Filho,
E gloria ó Espirito Santo
Por todos os seculos sem fim—amen.

19-D

OUTRA

Santa Barbara,
S. Jeronimo,
Berbo dibino,
Cordeiro da cruz,
Santo Custodio,
Salvai-nos Jasus.

19-E

VARIANTE

Senhora Santa Barbara,
Senhor S. Jeronimo,
Chagas abertas,
Coração ferido,
Sangue derramado
De Nosso Senhor Jasu Christo
Se meta entre nós e ó perigo.

P. N. e A. M.

20

Oração para livrar do raio

Santa Barbara bemdita
Que no ceo esta escrita
Com cruzes e água benta
P'r'ápagar esta tormenta.

21

Oração para quando se acaba de meter o pão no fôrno

Creça o pão no forno
E os bens pelo mundo todo;
Paz e saude a seu dono.
Rezemos pelas almas

P. N. e A. M.

(Montalegre).

21-A

VARIANTE

Creça o pão no forno
E os bens a seu dono,
E saude pelo mundo todo.

Reze um P. N. [e A. M.] pelas almas, aquele que puder e quizer.

(Padrôso).

21-B

VARIANTE

Creça o pão no forno,
E os bois em casa do seu dono,
E a graça de Deus pelo mundo todo.

Quem puder reze um P. N. e uma A. M. pelas almas.

(Paradela).

21-C

VARIANTE

Creça o pão no forno,
Os bens pelo mundo todo,
Paz e saude a seu dono.

Rezem um P. N. e A. M. pelas almas.

(Fiães do Rio).

21-D

VARIANTE

Ele a crescer,
E nós a comer,
Que o não póssamos vencer.

Rezem um P. N. e A. M. pelas almas.

(Fiães do Rio).

21-E

VARIANTE

Creça o pão no forno,
Salvação pelo mundo todo

Reze um P. N. pelas almas quem quiser e puder.

(Arcos).

21-F

VARIANTE

Creça o pão no forno,
E o bem pelo mundo todo,
E a fazenda a seu dono.

E rezem um P. N. pelas almas.

(Tourem).

21-G

VARIANTE

Creça o pão no forno
Saude a seu dono,
E paz pelo mundo todo.

P. N. e A. M. pelas almas.

(Cervos).

21-H

VARIANTE

Creça o pão no forno,
E os bens pelo mundo todo,
E os cuscalhos que nunca saiam do forno.

Rezem pelas almas P. N. e A. M.

(Padornelos).

22

Oração a Nossa Senhora

Levantei-me p'ra manhão,
Sem faivinha (?), nem mantão;
Fui correr a diassacra [1],
Qu'era caminho do ceo,
Incontrei Nossa Senhora
C'um raminho d'ouro na mão:
Eu pedi-lhe uma galhinha,
Ela me disse que não;
Eu tornei-la a segundar,
Ofereceu-me o seu cordão
Que me dava doze voltas
De roda do coração.
Sant'Antonio de Lisboa,
Guardai-me este cordão,
Que m'o deu Nossa Senhora
Sexta-feira de paixão,
Sabado de aleluia,
Domingo da surreição.

(Medeiros).

22-A

VARIANTE

Ergui-me de madrugada
A varrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
C'um rosario d'ouro na mão:
E eu pedi-lhe um bocadinho,
E ela disse-me que não;
E eu tornei-lho a pedir,
E ela deu-me o seu cordão,
Que lhe desse doze voltas,
Ao redor do coração,
E que lhe desse mais uma,
Que chegasse do ceo ao chão,

22-A-A

VARIANTE

Eu ergui-me pela manhão
P'ra barrer a Conceição,
Encontrei Nossa Senhora
Com um raminho d'ouro na mão:
Eu pedi-lhe uma galhinha,
Ela disse-me que não;
Eu tornei-lha a pedir,
Ela deu-me o seu cordão,
Só uma pontinha d'êle
Chegava do ceo ao chão.

22-B

OUTRA

A vós me entrego, Virgem Sagrada:
Primeiro fostes santa
Do que fostes nada,
Do anjo S. Gabriel anunciada

[1] *Via sacra.*

Do Divino Espirito Santo alumiada.
Peço-vos, ó Virgem Sagrada,
S'hoje no ceo ou na terra
Alguma sentença má contra nós esteja dada,
Vossa santissima e ternissima Bôca
Seja nossa advogada.

22-C

OUTRA

Maria, mãe de Jesus,
Que dela quisestes morrer,
Pedi ó mãe de Jesus
Que não nos deixeis perder.

23

Oração á Senhora da Encarnação

Arreda, Satanás,
P'r'ó campo de Judafás, (=Josafá?)
Qu'eu no dia da Senhora da Encarnação
Cem ave-marias rezei,
Cem vezes me persinei,
E cem vezes o chão beijei.

24

Oração a S. José

Quem da saude a ventura
E a feliz morte deseja
Recorra a José piedoso
Seu devoto e amante seja.

24-A

VARIANTE

Ó José gloriosissimo,
Santo de tanto poder,
Fazei vós com que vosso esposo
Qu'eu no ceo vos chegue a vêr;
Ó José glorioso,
Jesus muito amado,
Valei-me nas tentações
Quando me vires atribulado.

25

Oração a S. Francisco

Dai-me do que vos deu Christo
Uma boa contrição,
P'ra que na hora da minha morte
Eu não morra sem confissão.

26

Uma oração

Sou aquela pecadora
Com uma lança vos atravessei,
Agora d'arrependida
Digo Senhor que pequei.

27

Responso de Santo António de Lisboa

Ó padre Santo Antonio
Que em Lisboa fostes nado,
E em Roma santificado,
Pelo habito que vestiste,
Pelo cordão que cinguistes,
Pela cruz qu'adoraste,
Tres dias andaste
Até que achaste:
Ó padre Santo Antonio
Assim como libraste
Vosso pai de sete sentenças falsas,
Librai-me o meu filho (do mar, da cadeia, etc.)

Tambem se emprega para responsar as crias e animais perdidos. Ainda que uma pessoa o saiba, é costume pedir a algum vizinho que o reze. Se durante a reza houver algum engano, é sinal de mau agouro; e, se ao acabar de se rezar, os cães ladrarem, é bom sinal.

28

Responso de Nossa Senhora

F. (fulano), Deus diante,
E por na guia
Deus vá e venha
E ande na tua companhia,
Assim como S. Pedro e S. Paulo
Foram ao rio Jordão,
Foram bem e bieram bem,
Assim tu bás e benhas tambem.

29

Diálogo de Nossa Senhora com seu filho na véspera de ser prêso

Quinta-feira de endoenças,
Sexta-feira da Paixão,
Falou a Virgem com Christo:
—Onde vais filho meu?
—Eu vou a Jerusalem
—Não vás lá, ó filho meu,
Que lá estão os judeus
Todos p'ra te prender.
—Escute, escute lá, minha mãe,
Que eu me atrevo a dizer
O que lá me farão:
Porão-me uma crôa de espinhos,
E outra de jungos meirinhos [1],
E com ela m'arrastarão.
Quem isto não quizer crêr
Subirá áquele outeiro,
Que lá verá as ruas regadas
Com o meu sangue verdadeiro.

30

Oração de oferecer a mesa

Depois de cearem, levantam-se, põem as mãos, e o dono da casa diz:

Em louvor e honra do Altissimo Deus! Assim como nos deu p'ra hoje, nos dê p'r'ámnhã, e p'ra todo o sempre, e nos acabe no estado da sua divina graça, e no seu santo serviço.

P. N. e A. M.

Em louvor de Santo Antonio,
P'ra que nos defenda os porcos e as vacas.

P. N. e A. M.

Em louvor de S. José,
P'ra que seja nosso advogado.

P. N. A. M.

Em louvor de S. Sebastião,
P'ra que nos livre da peste, fome e guerra.

P. N. e A. M.

---

(1) *Juncos marinhos.*

Em louvor de Santa Luzia,
P'ra que nos dê luz, vista e claridade.

P. N. e A. M.

Em louvor de S. Brás,
P'ra que nos livre do mal da graganta.

P. N. e A. M.

Por todos aqueles que andam sobre as águas do mar, p'ra que o Senhor os traga a porto de salvamento.

P. N. e A. M. etc.

Rezemos a seguir o credo ao Divino Espirito Santo, para que nos faça fortes e firmes na fé.

Salvé-rainha a Nossa Senhora p'ra que seja nossa advogada pr'a diante de seu filho amado Deus.

Estas orações são poucas e mal rezadas, o Senhor as aceite no ceo por muitas e bem rezadas.

Faz-se depois uma cruz com a mão direita dizendo:

Deus, que benzeu o mar e á terra, benza á mesa
E mais quem nela comeu.
Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo.
(fazendo com estas ultimas palavras uma cruz da testa ao peito e do hombro esquerdo ao direito).

Depois fazem todos o sinal da cruz, pedindo finalmente a benção a quem ofereceu a mesa. A pessoa que levanta a mesa diz:

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo! a que respondem:
Para sempre seja louvado!

Esta reza ás vezes leva duas horas.

b) **Versos** (1)

I

Reis (cantam-se pelas portas)

a)

Ó de casa nobre gente,
Escutai e ouvireis
Quatro rapazes fadistas
Que vos vem cantar os reis.

Os santos reis de Belem
Abrasados vão de amor,
Correndo montes e vales
Em busca do Rendentor.
Herodes como malvado,
E preverso e maligno,
Aos santos ensinava
A's avessas o caminho.
Os tres Reis, como eram santos,
Ao ceo lançaram sentido,
Por uma estrela guiada
Até chegar ao Menino.
A estrelinha se escondeu
Atraz duma cabaninha:
A cabana era pequena,
Não cabiam todos tres,
Adoraram o Menino
Cada um por sua vez.
Uns deram-lhe ouro, outros prata,
Outros (en)censo e mirra
Menino tudo aceita
Com prazer e alegria.

b)

Quando eu aqui cheguei
Puz o pé nesta escada,
Logo meu coração disse:
—Aqui mora gente honrada

Se nos querem dar os reis,
Venham-nos dar com tempo,
Estamos com os pés á giada,
Está correndo ar e vento.

Quem diremos nós que viva
Num copinho de licor?
—Viva o senhor desta casa
Mais o seu lindo amor.

Quem diremos nós que viva
Na folhinha da ortiga?
—Viva o senhor desta casa
E mais toda a sua familia.

Quem diremos nós que viva
Entre cravos e mais rosas?
—Viva o senhor desta casa
Que tem ações generosas.

Quem diremos nós que viva
Num açafate de rosas?
—Viva o senhor desta casa,
Que tem ações generosas.

(Padrôso).

---

(1) Vid.: Adolfo Coelho, *Revista de Ethnologia*, pág. 49; e Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnographicos*, III, 239 ss.

c) Se os donos da casa não dão os reis, dizem:

Estes reis que nós cantemos
Tornemo-los a descantar;
Estes barbas de farelo
Não tem nada que nos dar!

Esta casinha é mui alta,
Forradinha de papel:
Viva o senhor desta casa,
O homem e mais a mulher!

(Montalegre).

d)

Ó de casa e nobre gente,
Escutai e ouvireis
Quatro meninas donzelas
Que vos vem cantar os reis.

Vimo-vos dar boas festas,
Achareis que já é tarde?
Ninguem vo-las dá mais cedo
No amor e na vontade.

Vimo-vos dar boas festas
Com prazer glorioso
Adeus pai e adeus menino,
E adeus presepio ditoso.

S. José e mais Maria
Ambos vão para Belem:
S'êles vão canta-los reis,
Cantemo-los nós tambem.

Estão chegados os tres Reis Magos
Da parte do oriente
P'rádorarem a Deus menino,
Alto Deus omnipotente.

Pariu a Virgem Sagrada
No presepio em Belem.
A terra seja alegrada,
D'onde nace tanto bem.

Os pastores vão correndo,
Vão correndo á porfia:
A terra seja alegrada,
Biba o fruito de Maria!

Se nos querem da-los reis
Desfecharemo-lhes a porta
O (ou?) da carne, [ou?] do fumeiro
O (ou?) do vinho do puchel
O (ou?) do pôa (pão?) do canestrel.

(Pitões).

2

Canções do berço (¹)

Vai-te imbora, roussinol,
Deixa a baga ó loureiro,
Deixa dormir a menina,
Que stá ó sôno primeiro.

(Pitões).

Chora, chora, meu menino,
Que a mãezinha logo vem,
Foi lavar as enboltinhas
A's pocinhas de Belem.

Vilar de Perdizes).

Cala, cala, meu menino,
Que a tua mãe já lá vem,
Foi lavar os paninhos (ou os cueirinhos)
Á fontinha de Belem.

(¹) Cfr. *Revista Lusit.*, x, 1-86.

Foge d'ahi, ó papão,
De cima do meu telhado,
Deixa dormir o menino
O sôno descançado.

Coitadinho do menino,
Coitadinho que assim chora,
Fizeram-lhe a cama curta
Ficaram-lhe os pés de fora.

Ouvi referir que ainda ha pouco tempo as mulheres hespanholas, para fazerem calar os filhos, diziam: «Cala, cala, niño, que aí vem D. Nuno», tal foi o terror que D. Nuno Alvares Pereira deixou em Hespanha, se é que a expressão data de ha tanto tempo!

3

Bordados nos lenços (1)

Já que não posso alcançar
Os braços de quem adoro,
Neste lenço deposito
Tristes lagrimas que choro.

Com pena peguei na pena,
Com pena no coração;
Em me vêr de ti ausente,
Me causa escravidão

Vida sem ti não é vida,
Viver sem ti é morrer;
Desejo viver comtigo,
Sem ti não posso viver!

Aceita com gosto,
Repara nossa amizade;
Desculpa se não fôr
Prenda da tua vontade.

Neste lenço deposito
Tristes lagrimas que eu choro;
É por não poder voar
Ós braços de quem adoro·

4

Quadras ao desafio (2)

Ele. Menina da saia de pano,
Que no terreiro presistiu,
O pano é bem fino,
Minha bolsa o sentiu.

Ela. O senhor se m'a deu,
Eu isso não me convem;
Foi livre sua vontade,
Não no obrigou ninguem.

Ele. Eu isso não t'o merecia
P'ra comigo seres tão malina:
Dei-te boas prendas d'ouro,
Bons aneis de prata fina.

Ela. Não sei que tu me desses,
Nem que me tenhas dado,
Destes-m'um anel d'alquime,
Outro de vidro cobrado.

(1) As raparigas costumam bordar nos lenços que oferecem aos namorados, alem das quadras, corações, certas figuras, etc. A maior parte das vezes os versos que circuitam o lenço são ilegiveis, por quem os borda não saber ligar as letras, que são feitas com diversas côres.—Cf. sobre estes costumes Leite de Vasconcellos, *Trad. pop. de Port.*, pág. 216.

(2) Cfr. Leite de Vasconcellos, *Ensaios Ethnogr.*, I, 26 ss.

Ela. Eu não sei tu que me queres,
Nem que tenção seja a tua;
Qu'andas por aqui fazendo
De noute por esta rua?

Ele. Ando de noute por esta rua,
Somente por te imparar:
Tu era-la que dizias
Que te não querias casar.

Ela. Eu isso sempre o disse,
Em qu'anto era rapariga;
Agora já o não digo,
Des que me crece a barriga.

Ele. Se te cresce a barriga,
Vai defuma-la com buxo;
Se não defuma-a com dinheiro
Que t'o dê p'ra cá o Ducho.

Ela. Ó coração retraido,
Ó cara cheia de enganos,
A culpa tive-a eu
Em fintar-me em tais planos!

Ele. Arre lá c'o a maganinha,
Qu'assim de mim faz vingança!
Veja lá quem é que chama
P'ra padrinho da criança.

Ela. Ou tu é-lo Diabo,
Ou a péle de Barsabú!
P'ra padrinho da criança
Ha-de-lo convidar tu.

Ele. Tu chamas-me cachorrinho,
Eu nunca mordi ninguem:
Fui ladrar á tua porta,
Sinal que te queria bem!

(Medeiros).

5

Dialogos (¹)

Dialogo entre a linhaça e o centeio

Milho, milhão,
Stás um mês debaixo do chão.
— E tu, linhaça arrebitada,
Qu'ós três dias já stás nada!

(Montalegre).

Milho, milhão,
Stás oito dias debaixo do terrão.

— Cala-te lá, ardida,
Que dentro de tres dias és nacida.

(Tourem).

Tu, meu lambão,
Stás dezoito dias debaixo do terrão.
— Tu, minha spavinada,
Stás sete dias e não és nada.

Dialogo entre as andorinhas e os tordos

D'onde vindes, tordos loucos?
Qu'ides tantos e vindes poucos?

—Onde ides, andorinhas ...? (²)
Ides poucas e vindes muitas!

(¹) Cf. Leite de Vasconcellos, *Trad. Pop. de Port.*, pág. 128 e 157.

(²) [Subentende-se uma palavra que não pode escrever-se aqui. Noutra localidade de Tras-os-Montes, ouvi, por eufemismo, *andorinhas brutas*.—J. L. de V.].

c) Cancioneiro de Barrôso ([1])

1

Hei de cantar, hei de rir,
Hei de ser mum bem alegre;
Hei de mandá' la tristeza
Ó pecado que a leve.

2

O meu cantar hoje im dia
Já não é como tem sido.
E' quemò ([2]) calçado velho
Que tem o lustro perdido.

3

No alto daquela serra
Stá uma pedra burmelha,
Onde s'os rapazes sentam
A penteá'la guedelha.

4

No alto daquela serra,
Onde a auga sobe e dece,
Nem a auga mata a sêde
Nem no meu amor m'esquece.

5

No alto daquela serra
Já o mato abetôa:
Estes rapazes d'agora
Inté no andar tem prôa.

6

Venha cá, senhor abade,
Fez a cama na roseira:
Diga-me, ó senhor abade,
Se a cama da rosa cheira.

7

Assubi-m'á oliveira,
Só cortei uma vergasta:
O amor que é entendido,
Só um açano lhe basta.

8

O meu amor é um tôlo,
Cuida qu'eu o adoro,
Cuida que choro por êle...
Sabe Deus por quem eu choro!

9

O meu amor é um cravo,
Eu bem no soube escolher:
Na roseira não ha outro,
Só se tornar a nacer.

10

Debaixo da oliveira
E' um regalo andar:
Tem a folha miudinha,
Não entra lá o luar.

11

Venha cá, senhor abade,
Suas mãos são duas rôlas,
Lá no arco da igreja
Onde prende as moças todas.

12

Venha cá, senhor Lourenço,
Aibra lá esses portaes,
Qu'aí vem sua sobrinha,
Suspirando, dando ais.

([1]) Estão publicadas tantas colecções de cantigas populares, que não posso fazer aqui citações especiais.
([2]) =coma o «como o».

13

Venha cá, senhor Lourenço,
Aqui tem sua sobrinha:
Em na vendo lá em cima,
Em cima na jinelinha!

14

Ele a cama já stá feita
O sposado stá ó pé:
Diga-me senhor Lourenço,
S'a cama tem roda-pé.

15

Venha cá, senhor Mateus,
E senhora Joaquina,
Foi-se-l'a Zabel imbora
Inda ficou a Brambelina.

16

O lóreiro quando racha,
Dá madeira ó correr:
A mocidade d'agora
É de lubar e trazer.

17

Se passares pelo adro,
No dia do meu enterro,
Pede á terra que num coma
As trênças ó meu cabêlo.

18

Mal o haja a chita preta,
E o tiar que a teceu,
Que me faz andar de luto,
E a mim ninguem me morreu!

19

Adeus, caminho da fonte,
Já de mim não és seguido,
Já cobraram as jinelas
Onde eu trazia o santido.

20

Indo eu pela rua acima,
Não achei senão ortigas.
Vou abaixo ó cruzeiro...
Quanto valem raparigas!

21

Da banda d'alem do rio,
Da outra banda d'alem,
Atiram-me com pedrinhas:
E eu não sei d'onde elas vêm.

22

A' noite, qu'ando me deito,
Digo mal da minha vida:
Tenho cama, tenho roupa,
Só me falta rapariga.

23

E' quemá ([1]) truita no rio,
Dá volta sem se virar:
Somos nós os dois amores,
Que se intendem sem falar.

24

Lindos olhos tem a truita,
Quem me dera assim os meus!
Hei de os mandar lavar
Onde a truita lava os seus.

([1]) = coma a «como a».

25

Auga sobe e rio crece,
Navio não dês á costa:
Não tomes outros amores,
Até sigunda reposta.

26

Adeus, minha terra, adeus,
Tens um tanque de água fria:
Vale mais a mocidade
Qu'á renda da freguesia!

27

Se eu soubera cantar bem,
Como sei notar cantigas,
Fazia rendê'las pedras
Qu'anto mai'las raparigas!

28

Hei-de-m'assubir ó alto,
Que do alto vejo bem,
Para ver os meus amores
Se me falam com alguem.

29

Menina, dá-m'o teu nome,
Que t'o quero pôr in rol:
Se algum dia me faltares,
Direi que me falta o sol.

30

A'manhã é dia santo,
Hei de ir á missa ós Vales,
Para vêr as solteirinhas
Quemo (1) se maneiam ós pares.

31

Àmanhã é dia santo,
Não hei-de vestir camisa:
Não tenho quem m'as lave,
Morreu-me a minha Luisa.

32

Dizes-me qu'eu qu's'tou negra,
Mas é c'o pó da eira:
Has-de-me vêr no domingo
Quemà rosa na roseira.

33

Dizes que m'has de matar,
Que m'ha des dar um tiro:
Olha o medo que t'eu tenho,
Olha quemo m'eu retiro!

34

Minhas andadas de noite,
Minhas idas ó serão,
Tem-me dado muita perca,
Causado muita paixão.

35

Ó meu amor, se tu queres,
Qu'eu á cama te vá vêr:
Tem lá mão do teu cãozinho
Que me não venha morder.

36

Dizes que num sei cantar,
Que tenho a fala gróssa:
Com ela m'arromedeio
Ne' vos vou pedir a vossa.

---

(1) =como. A palavra não se acentua, é átona.

37

Vou a dá'la despedida,
Despedida vou a dar:
Senhores que me ouvem,
Sirvam-se de perdoar.

38

Vou a dá'la despedida
Im na dando vou-me embora:
São horas d'arrecolher
Pintassirgos á gaiola.

39

Menina do lenço preto,
E o bantal (1) da mesma côr,
Peça a seu pai que a case,
Qu'eu serei o seu amor.

40

Agora qu'eu vou cantar,
Liçança vou pedir:
Se m'a num querem dar,
Vou-me deitar a dormir.

41

Menina, que vai no barco,
Tire o pé, num môlhe a meia;
Menina qu'ha de ser minha,
Diga-me de qu'arreceia.

42

Quem fez a cama (2) na praça
A muito se avinturou:
Uns dizem qu'é baixa,
Outros que d'alta passou.

43

Êle é noite, êle é noite,
Já ela pudera vir:
Meu corpo está infadado,
Meus olhos q'riam dormir.

44

Senhora das Treburas
Vinde abaixo, dai a mão,
É a ladeira mui alta,
Não posso do coração.

45

Senhora das Treburas,
O seu rôsto bormeleja,
E anda no seu terreiro
Quem a sua dôr deseja.

46

Senhora da Penêda,
Senhora da Penedinha,
Comadre da minha mãe
Senhora minha madrinha!

47

Senhor da Piedade,
Moraes álem do Rolo:
Vós sois o pai dos probes,
Gineral do mundo todo.

48

Não sou fita marela
Nem retroz que perca a côr,
Eu sou quemò sigro verde,
Sou lial ó meu amor.

---

(1) Avental.
(2) Variante d'outras, terras, mais lógica é *casa*.

49

Erga o seu chapeo p'ra cima,
Não no traga sempre á banda:
Entes qu'o (1) seu pai é rico,
A roda tamem desanda.

50

Atirei cum a laranja
A' menina á jinéla:
A laranja caiu dantro,
E a menina quem m'a dera!

51

Assubi-me á oliveira,
Tinha de cair, caí:
Tinha sepultura aberta,
Tinha de morrer, morri.

52

Chamaste-me trigueirinha,
E eu não me scandelisei:
Trigueiro é o pimento,
E vai á mêsa do rei.

53

Menina, vem tu comigo,
A roupa deixa-a ficar:
Que se vieres comigo,
Roupa não te ha de faltar.

54

Aninhas, vem tu comigo,
Deixa pai que te criou:
Por bem cousas que te deia,
. . . . (2)

55

Chamaste-me o qu'eu não era,
Nem por isso m'agastei
Sujaste'la tua boca,
Quem era sempre fiquei.

56

Chamastes-me pouca roupa:
Se tens muita, teu porbeito;
Menos tenho que tirar
A' noite quando me deito!

57

Deu-me Deus esta fertuna,
P'ra casar c'um brasileiro:
Tenho cinco reis a juros,
Já tenho muito dinheiro!

58

Quem tem um amor careca,
Tem-na morte sempre á beira;
De manhê quando s'ergue,
Dá c'os olhos na caveira.

59

Balançar, balançar,
Quem t'atirara mil tiros,
Cum a espingarda de prata
Carregada de suspiros!

60

Qu'ando vou para a missa,
Ajôlho-m'ó pé dos bancos,
C'o sentido nos amores,
Num rezo nada ós santos.

(1) «ainda que o».
(2) Não sei o resto.

61

Senhora das Treburas,
Tem um rosario de vidro,
Que lho deu um marinheiro
Que no mar se viu perdido.

62

Senhora das Treburas,
Cercadinha de queirogas,
Cercai-me de venturas,
Qu'eu vos cercarei de rosas.

63

Quando m'eu fôr desta terra,
As pedrinhas chorarão:
Chorai, pedrinhas, á noite,
Qu'eu vou-me p'ola manhão.

64

Meu lancinho de cambraia
Enxugado na silveira,
Meu pai pregunte quem no sirva,
Qu'eu já tenho quem me queira.

65

Todos estão a vir, a vir,
Só o meu amor num vem:
Ou m'o matariam,
Ou ele mataria alguem.

66

Tu mandastes-m'a qui vir,
Tu aqui havias de estar:
Eu vim e tu não viestes,
Eu cá num hei de tornar.

67

Vamos lá p'ró ribeiro,
Onde a água sobe e dece:
O sol vai p'rá Portela,
E ó meu amor num aparece.

68

A oliveira do adro
Tem a folha revirada,
Que lhe revirou o vanto
Numa manhã de jiada.

69

Ó oliveira do rio,
Bota-me p'ra cá um ramo,
Qu'eu sou rapariga nova,
Quero saber a quem amo.

70

Quatro ramos floridos
É cousa que nunca vi:
Num te gaves que me deixas,
Qu'eu nunca te pretendi.

71

A'lerta, pombinha, álerta,
Qu'anda o caçador na serra:
Traz ũa espingarda d'ouro,
Onde põe ponto não erra.

72

Aqui venho que me pagues
Todo o meu tempo perdido:
Já te não falo nas solas
Qu'eu por ti tenho rompido!

73

Adeus, irvoredo verde,
Adonde meu assentava!
As arvores interneciam
De tanto qu'eu suspirava!

74

Toma lá e recebe
Com toda a brevidade:
Comtudo não te esqueças
Da nossa querida amizade.

75

Toma lá e recebe
Quatro ramos floridos:
Lá no meio acharás
Nossos corações unidos.

76

Dizes que sou de Barrôso,
Criada na carrasqueira:
Sei usá'la cortesia
Como qualquer da Ribeira.

77

Tenho um colete de abobra,
O forro de belancia,
As casas de vento-norte,
Os botões de calmaria.

78

Toma lá o que t'eu dou,
Não olhes ao fraco dado:
Isto é uma lembrança
Do nosso tempo passado.

79

Menina do lenço preto,
Diga-me quem lhe morreu.
—Bem de luto pode andar
Quem no seu amor perdeu!

80

Minha mãe, contar-lhe venho
O que hoje m'aconteceu,
Fui arranjar um amante
P'ra casar êle e mais eu.

81

Dai-me vinho, dai-me vinho,
Qu'eu água não posso vêr,
Qu'a água tem semesugas,
Tenho medo de morrer!

82

Se quereis qu'eu cante bem,
Dai-me ũa pinga de vinho,
Qu'o vinho é cousa santa,
Faz o cantar delgadinho.

83

Ó terra que estás comendo
Corpos tão delicadinhos!
Consola-me o teu olhar,
Regalam-me os teus beijinhos.

84

A rôla vai rolando
Pelo adro da igreja:
Num ha tiro que a mate,
Nem caçador que a veja.

85

Tindes os dentes pequeninos
Como pedrinhas de sal:
D'aqui me'stão parcendo
Bocadinhos de cristal.

86

Tinde-le o pescoço alto,
E os hombreiros iguais:
Nem são curtos nem compridos,
São como vós precisais.

87

Tinde-los braços compridos,
Que me parecem dois cirios:
Assim qu'olho para eles
Desvairam-se-me os sentidos.

88

Vosso cabelo dourado,
Inclinado p'ró chão...
Parecem-me fios d'ouro,
Intolha-se-me que num são!

89

Tinde-los lábios pequeninos,
Que me parecem de marfim
Se os eu chegar a beijar, (sic):
Ninguem tenha dôr de mim (1).

90

Na hora de Deus começo,
Na hora de Deus amen:
Quem na hora de Deus anda,
Sempre l'acontece bem.

91

Antes que seja de longe,
Com grandes serras ó meio,
Amo-te cum lialdade,
E bibo sem arreceio.

92

Anda cá, qu'eu já te quero,
Nem que me não queiras bem:
Eu na fama já sou tua,
Por esses mundos alêm.

93

Palabríado dos homes
'Stou farta de o saber!
Não é po'lo ter usado,
E' po'lo oubir dizer.

94

Os meus olhos são dous basos
Metidos n'ũa lagôa:
Choram lagrimas de sangue
Por ũa certa pessoa.

95

Herba cidreira no monte
E' o regalo dos pastores:
Botam-no gado ó pasto,
E bão saber dos seus amores.

96

O' flor da gesta branca,
Comigo não percas tempo,
Qu'outros castelos mais altos
Andam no meu pensamento!

97

Da tua porta p'ra minha,
Do teu coração ó meu,
Bai ũa s'trada seguida,
Quem na passeia sou eu.

98

Num ha lirio com'ó roxo,
Ni'herba com'á ortiga:
Eu gosto dé t'encontrar,
Inda que nada te diga.

99

Debaixo da oliveira
E' um regalo amar:
Tem a folha miudinha,
Num deixa entrar o luar.

100

No mar se formam as ondas,
No campo as liberdades:
Pola'strelinhas do ceo,
Stimarei que te regales.

(1) As quadras n.os 1 a 89 foram colhidas em Medeiros.

101

Fui ó mar buscar beijinhos,
N'ũa bacia de prata:
Tomar amores num custa,
Deixá'los é o que mata.

102

Já andei polo Brasil,
Jà passei o Maranhão:
Tenho bisto caras lindas,
Mas comà tua inda não.

103

Fui á fonte dos suspiros
Tornei pola dos coidados:
Enchi o cant'ro de rosas,
E a rodilha foi de crabos.

104

O sol coida que mingana,
Mas eu hei de l'andar ó geito:
Qu'ando nasce s'tou na cama,
Qu'ando se põe já m'eu deito

105

Num ha bida com'á minha,
Se eu a souber lubar!
De dia bou c'o a rêz,
A' noite bou-me deitar.

106

Coidabas tu por m'eu rir,
Que já me tinhas na mão:
Eu não sou comà flôr
Que s'apanha pelo chão.

107

Eu num tibe pai nim mãe,
Nim nesta terra parentes;
Sou filha das tristes herbas,
Neta das augas correntes.

108

Málo haja quem cortou
A raiz á bordoega!
Anda pr'o donde quijeres,
Qu'o teu créto bem nabega.

109

Quijeste assubir ó alto,
O' alto foste assubir:
Quim ó mais alto assobe,
Ó mais baixo bai cair.

110

Alto pinheiro da serra
Já le tiraram cabacas:
Descobristes o teu peito,
Já sabem nas tuas faltas.

111

Adeus, carreiro da fonte,
Silbas num has de criar:
Por amor d'ũa menina
Alguem as ha de cortar.

112

Coidei que nunca chorasse,
Nim que penas eu tibesse:
Tenho chorado mais auga
Do que naquele rio crece.

113

Coitado de ti, coitado,
Coitado por muntas bias!
Qu'antos foram ó moinho
Só tu pagaste as maquias.

114

Adeus, que me bou imbora,
Lá p'ra segunda ou terça:
Lebo muitas saudades,
Pede a Deus num adoêça.

115

Quero dar a despedida
Comà melra deu ó gaio:
Adeus raparigas todas,
Se o q'reis comer ganhai-o [1].

116

Adeus, logar de Padrôso,
As costas te vou virando:
A saida é agora,
A entrada não sei quando!

117

Adeus, logar de Padroso,
Ao longe parece vila:
Tem um cravo na entrada,
Rosa branca na saida.

118

Se eu soubesse que voava,
Que alcançava o meu desejo,
Mandava fazer as asas,
Que as penas são de sobejo.

119

Quando os passarinhos choram,
Que não tem intendimento:
Que fará quem não tem visto
O seu amor ha tanto tempo?

120

Á tua porta está lama,
E á minha fica um lameiro:
Quando falares dos outros,
Olha para ti primeiro.

121

Atirei á pera parda,
Rebirou á de baguim:
Todas as penas se acabam,
Só as minhas não tem fim!

122

As esquineiras desta terra
Já se não chamam esquinas,
Chamam-se confessionarios
De confessar as meninas.

123

Adeus, logar de Padornélos,
É bonito, tem um erro:
Rapazes marranudos,
Arripiados do pêlo.

124

Padornélos e Meixêdo,
Chineco [2] ficou no meio:
Ó mocinhas de Padrôso,
Brilhais com todo o asseio!

125

Logar de Padornélos,
Pequenino tem dois erros:
Estar rodiado de Bruxas,
Passiado de Galêgos.

126

As estrelinhas no ceo correm
Todas numa carreirinha:
Tambem nos amores correm
Da tua mão para a minha.

---

[1] As quadras n.os 90 a 115 foram colhidas em Sezelhe.
[2] Nome dum monte.

127

Os sete-estrêlos vão altos,
Mais alto vai o luar,
Mais alto vai a fortuna
Que Deus tem para nos dar!

128

Os sete-estrêlos cairam,
Deram á beira do tanque:
Quem vem aqui por te vêr.
Já te tem amor bastante!

129

A água corre p'ró fundo,
Procura assento á terra;
Tambem eu já procurei
Quem m'a mim ha de dar guerra.

130

Eu hei-de cantar e rir,
E hei-de ser muito alegre,
Hei de mandá'la tristeza
Pró diabo que a leve.

131

Quatro coisas é preciso
P'ra saber namorar:
Firmeza e pé ligeiro,
Prometer e não faltar.

132

Quatro coisas ha no mundo
Q'eu não posso intender:
Ser padre, e ir p'ró inferno,
Ser cirurgião e morrer.

133

O coração e ós olhos
São dois amantes liais:
Quando o coração tem pênas,
Logo os olhos dão sinais.

134

Não ha ponte sem rio,
Nem caminho sem atalho:
E não ha menina bonita
Sem ter o seu agasalho.

135

Tu fazes troça de mim
No meu penteado:
Ora usa, qu'eu tambem uso,
Saia travadinha, carreira ó lado.

136

Eu hei de amar a cereja,
Qu'é a primeira do ano:
Tambem tu minha menina
E's a primeira qu'eu amo.

137

Adeus, adeus ó Barrôso,
Carreirinha das formigas,
Onde os rapazes se perdem
Por causa das raparigas.

138

Ahi chegou o Cat'rino,
Na forma do seu costume
C'o as calças rotas no joelho,
D'assar batatas ao lume [1].

---

[1] As quadras n.os 116 a 138 foram co-lhidas em Padrôso.

139

Ó Maria, tu tens, tu tens
Um raminho... [1].

(Salto).

140

Ó milagroso S. Bento
Onde tendes la morada?
—No alto de Sêxta Freita,
Numa pedrinha lavrada.

(Sirvozêlo).

141

Senhor S. Bento da Portáberta:
Porque a num tendes fechada?
Querendes vêr os passageiros
Que passam na 'strada?

(Sirvozêlo).

142

Moro á beira da serra,
Meus vizinhos são penedos:
As visitas que me dão
São corujas e morcegos.

143

Dezoito mil feiticeiros
Eu a eles não tenho medo,
Qu'eu tenho üa cruz d'arruda
No tope do meu cabêlo.

144

Eu hei de te amar, amar,
Ou tu queiras ou não queiras,
Qu'eu tenho da minha banda
Dezoito mil feiticeiras.

145

Proguntais-me d'onde eu sou,
D'onde é a minha terra:
Minha terra é Pitões,
Moro á beira da serra.

146

Corvos te tirem os olhos
E as aves o coração!
Todos os bichos do monte
Te tragam em procissão!

147

Casada, quem te casou,
Rostro de tant'álegria?
O padre que te casou
Que lastroadas não q'ria? [2]

148

Eu casei-me por um ano
Pr'a bê'la bida que tinha:
O ano vai acabar,
Quem me dera solteirinha!

149

Hei-de-me casar este ano,
Qu'é ano de muito pão:
Sobem os galos ás medas,
Chegam c'os rabos ó chão.

150

Minha mãe p'ra me casar
Prometeu-me tres ovelhas,
Uma manca, outra cega,
Outra mouca das orelhas.

---

(1) Incompleta.
(2) Isto é: «que pedradas não merecia».

151

Loureiro, berde loureiro,
Sêca seja a tua rama,
Qu'inda num tenho amor,
Já me querem pô'la fama!

152

Minha mãe p'ra me casar
Prometeu-me quanto tinha:
Des que me biu bem casada,
Deu-me uma agulha sem linha.

153

Adeus, logar de Pitões,
Nï é vila nï cidade,
E' um logar piquinino,
Muito á minha vontade.

154

Adeus, logar de Pitões,
Onde passeia a minha querida:
Tem um cravo á entrada
E ũa rosa á saída.

155

O alecrim é cuidado,
Eu em ti nunca cuidei:
Achei-te do meu agrado,
Por isso te não deixei.

156

Montalegre stá no alto,
Sarraquinhos na Portella:
Quem quijer moças lindas
Vá ó logar de Tringuêda.

157

Casada nunca eu fora,
Solteira fora mil anos!
Casada cheia de filhos,
Solteira cheia d'inganos.

158

Diz que te bás, e me deixas
Dinheiro para gastar:
Vais pela porta fóra,
Outro já em teu lugar!

159

Quando eu cuidei que tinha
Os meus males acabados,
Antão é que me bieram
Novamente adobrados.

160

Eu cantar, cantaba bem,
Lá na minha mocidade:
Agora quero, num posso,
Tudo riquer a idade.

161

O meu amor é Antonio,
Mudei-o para João:
Tambem o bento se muda
De norte para soão.

162

Eu já bi nacê'lo sol,
Nacer á beira da lua.
Home de muítas mulheres
Num tem amor a nenhua.

163

Só é Barroso, Barroso,
Barroso terra de muito pão:
Mais vale morrer com a fome,
Que casar c'um Barrosão!

164

Loureiro, fostes ditoso
Nacer ó pé do caminho!
Quantos passageiros passam
Todos cortam um raminho.

165

Assubi-me á óliveira,
D'ũa galha fiz encosto:
Num se me dá de ter famas
Com pessoas do meu gôsto.

166

Assubi á oliveira,
Cheguei ao meio, caí:
Tinha uma mortalha feita,
Tinha de morrer morri.

167

O' sol, que te vais embora,
Lá para os lados de Chaves,
Diz ó meu amor que benha
Qu'eu morro com saudades.

168

Eu hei de m'ir e deixar-te,
Como a auga deixa a fonte:
Eu deixar-te sózinha
Ao desamparo no monte.

169

Eu queria-me casar,
Mas queria dormir só:
Mas agora não ha remedio,
Linha branca já deu o nó.

170

Oliveira piquinina
Tambem faz piquena sombra:
A moça que é retraida,
De qualquer magano zomba.

171

Oliveira piquinina
Tem a folha ós aneis:
Por via d'esses teus olhos
Padeço penas crueis.

172

Oh que pinheiro tão alto,
Oh que pinhas tão douradas!
Bem bonitas são nas moças,
Emquanto não são casadas!

173

Loureiro de traz da casa
Na sala recende cheiro:
Guarda os teus olhos, menina,
Para mim qu'stou solteiro.

174

Oliveira piquenina,
Que azeitona pode dar?
A filha da cabaneira
Que amores pode tomar?

175

Só tu, meu amor, só tu,
Só tu tiveste'la dita
De entrares neste meu peito
N'uma sala tão bonita.

176

Só tu, meu amor, só tu,
Tivestes la liberdade
De entrardes neste meu peito,
Sem fechadura nem chave.

177

Minha estrelinha do norte,
Agulha de marear:
Eu c'o ela me governo,
Quando te quero falar.

178

Bons dias, ó minha tia,
Deus Nosso Senhor lh'os deia!
Parece que tem saude,
Na formosura se vê.

179

Minha terra, minha terra
Minha terra no'na nego:
Minha terra é Pitões,
Onde os meus olhos nabegam.

180

Se vires teu pai, Ambrosio,
Diz-lhe que digo eu
Que não traga chapeo pardo,
Que parece um fariseu.

181

Tenho dentro do meu peito
Dois gira-soes por abrir:
Ninguem sabe o meu intento,
Nem no qu'eu hei de seguir.

182

Adeus, que me bou imbora,
Adeus que imbora me bou:
Se me vou é porqu'eu quero
Q'á (1) mim ninguem me mandou.

183

Minha terra, minha terra,
Minha terra, e eu aqui:
O' anjo do ceu, lebai-me
A' terra onde naci!

184

Olha para mim e ri-te,
Faz-me uma vez a bontade:
Eu bem sei que tu já tens,
Quem te pribe a liberdade.

185

Tendes loureiro á porta,
Tendes sombra regalada,
Tendes fama de bonita,
De feia não tendes nada.

186

Já oubi a boz da rola,
O inverno já lá bai:
Binte filhos de Maria,
Cantai, loubores cantai (1).

187

Binde, filhos de Maria,
São horas lá bem o sol:
Binde oubir os doces hinos
Que lhe entôa o roussinol.

188

Já a cabra dá pulinhos
Na sua penedinha:
Cum seus pulos caprichosos
Cantaremos a Maria.

189

Coração de Jesus, meu amor,
Terno amante do meu coração,
Triste coisa é morrerdes por mim,
E eu pagar-bos com ingratidão.

190

Os olhos pretos são firmes
Os brancos são lisonjeiros,
Os olhos acastanhados
São-no firmes, berdadeiros.

---

(1) Isto é: *cá a mim.*

(1) [Esta cantiga e as tres seguintes devem ser modernas e de origem não-popular. Contudo na cantiga 188.ª há a palavra popular *penedinha*, que mostra adaptação à fala vulgar.—J. L. de V.].

191

Ó meu amor de tão longe,
Chega-te cá par'ó peito,
Que me chora o coração
Em te vêr nesse deserto.

192

O dia que te num vejo
Num ponho o pucaro ó lume,
Só um tarraço [1] piqueno
Que leva meio almude!

193

Pelo mar abaixo
Bai uma carriça,
C'oas mãos ás costas
Pedindo justiça.

194

Pelo mar abaixo
Bai uma cabaça:
S'éla leba binho,
Leva toda a graça.

195

Pelo mar abaixo
Bai um cobertor:
Quem pilha, num pilha,
Pilha o meu amor.

196

O' que pinheiro tão alto,
Quem me dera na cr'ôa
Para bêr o meu amor
Na cidade de Lisboa!

197

O loureiro é pau berde
Que nace pelos quintais:
Quem se fia in marotos,
Sempre fica dando ais.

198

Destes-me ũa pêra berde
Com tenção que madurasse:
O qu'é berde, berde fica,
O' ladrão que m'inganastes!

199

Adeus, logar de Pitões,
Nim és pôbo nim aldeia,
E's um logar piquenino
Onde o meu amor passeia.

200

Adeus, logar de Pitões,
Arrazado sejas tu
Com abraços e beijinhos!
Num te peço mal nium...

201

Adeus, logar de Pitões,
As costas te bou birando:
Minha boca se bai rindo,
Meu coração bai chorando.

202

Suspirando dando ais,
Lebo eu a minha vida:
Suspiros de mal casada,
Dando ais d'arrependida!

---

[1] [Esta palavra tem a mesma origem que a alentejana *tarro*: cf. *Rev. Lus.*, II, 23, e IV, 75. O *tarro* alentejano é de cortiça, mas na Extremadura usa-se um *tarro* de barro para aparar as águas na cozinha, levar comida para os porcos, e tambem para salgar a carne de porco (sinonimo: *salgador*); é de barro, bojudo, estreito em cima e em baixo, e com duas asas (altura uns 2 palmos, diametro máximo 1 1/2 palmo).—Fabrica-se nas Caldas da Rainha.—De *tarro* veio *tarr-aço* e *tarr-aç-ada*.—**J. L. de V.**].

203

Suspiros e ais e dores
Maginações e cuidados
São nos ladrões dos amores,
Cando bibem ausentados.

204

Ha tres dias que num janto,
Ha quatro que num almoço,
Ha cinco que já num falo
O' meu amor, que num posso.

205

Num quero que me dês nada,
Que eu a ti nada te dou,
Quero que me sejas firme
Qu'eu a ti lial te sou.

206

Laranjeira da calçada
Só uma laranja tem:
Debaixo ninguem lhe chega,
Lá cima num bai ninguem.

207

Ó minha caninha verde,
Verde caninha limão:
Tudo no mundo s'acaba,
Até em minha casa o pão!

208

Cortei o bico á rola
P'ra num comer o centeio:
Quem tem o amor bonito
Ri-se de quem no tem feio.

209

Cortei o bico á rola
E as asas ao papagaio:
Raparigas do meu tempo,
Se o quereis comer ganhai-o.

210

Adeus logar de Pitões
'Stás de ladeira ao fundo:
Quem em ti tomar amores
Pode ser feliz no mundo.

211

Ó alecrim da janela,
Já podias ir secando:
Já morreu quem te regava,
E eu já me vou enfadando.

212

Atirastes-me c'um cravo
C'o as folhas me feristes:
Vistes-me correr o sangue,
Nem por isso m'acudistes!

213

O cravo tem vinte folhas,
A rosa tem vinte e uma:
Anda o crabo em demanda
Por a rosa ter mais uma.

214

O meu amor foi-se embora,
E não me disse adeus:
Lagrimas q'eu por ele choro,
Seja por amor de Deus!

215

O meu amor-se foi-se embora,
Embarcou pr'ó Brasil:
Meu coração num s'abre
Sem a chave de lá vir!

216

Minha sogra morreu onte,
Os diabos bão c'o ela!
Levou-me a chave d'ádega,
O binho bubeu-o ela.

217

Minha sogra morreu onte,
Deu'la leve ó paraiso:
Deixou-me uma manta velha,
Num posso chorar com riso!

218

Os homens são com'ó lobo,
Só lhe falta tê'lo rabo:
Andam de noite e de dia
No intento do Diabo.

219

Vai-te embora, e num cuides
Q'eu que fico a chorar,
Qu'eu já tive maior pêna,
Bem na soube disfarçar!

220

O meu amor é um anjo,
Deu-m'o Deus, não no mereço:
Já m'o quiseram comprar...
Anjos do ceu não tem prêço.

221

Meu amor é ourives,
O teu é penteador:
O meu dá-me prendas d'ouro,
O teu palavras d'amor.

222

Manoel anda na serra
C'o a capa arromendada:
Bem te disse, Manoel,
Quem mal vive, mal acaba!

223

Manoel, Manoelzinho,
Da casaca á castelhana,
Tu que destes a Maria,
Qu'ela quer ser tua dama?

224

Quero dar a despedida,
Ela aí vai com seiscentos!
Tenho uma pulga parida
Com vinto e cinco jumentos.

225

Os sete-estrelos vão alto,
Vão perto da meia noite:
Coitadinho de quem 'spera
Pelo que está na mão d'oitre!

226

Pus-me a contar as estrelas,
Só a do norte deixei;
Por ser a mais pequenina
Comtigo a comparei.

227

Nasce um pau p'ra ser um santo,
Nasce outro p'ra ser queimado,
Nasce um homem p'ra ser feliz,
Nasce outro p'ra ser desgraçado.

(Frades).

228

Quatrocentos alfaiates
Todos postos em campanha
Com tesouras e dedaes
Para matar uma aranha.

229

Adeus, logar de Cortiços,
Cercadinho de botões,
Raparigas como rosas
Rapazes como tições.

230

Raparigas de Cortiço,
Abençoadas sejais!
Vós sois as que dais-lo riso
A d'onde quer que chegais. (1).

(1) As quadras n.os 142 a 230 foram colhidas em Pitões.

231

Adeus, logar de Cortiço,
Arrasado sejas tu
De beijinhos e abraços!
Não te rogo mal nenhum.

232

Atirastes ao meu peito,
A' parte mais delicada:
Quem ao meu peito atira,
Pouco bem me quer ou nada.

233

Não me atires com pedrinhas
Á barra da minha saia:
Minha mãe não me criou
Para maganos da praia.

234

Não me atires com pedrinhas
Á barra do meu colete:
Minha mãe não me criou
Para vosso ramalhete.

235

Não me atires com pedrinhas,
Qu'eu estou a lavar a louça:
Atira-me com beijinhos,
Com que minha mãe não ouça.

236

Dizes que não tenho cama,
Que durmo no chão varrido:
Tenho uma cama de cravos,
Dorme uma rosa comigo.

237

Loureiro, verde loureiro,
Quem te rega, põe-te a mão:
Rega-te aquela menina
Com ágoa do coração.

238

Loureiro, verde loureiro,
Sêca seja a tua rama!
Difamaram-me comtigo,
E eu não sei a tua cama.

239

Quem quer comprar, qu'eu vendo,
Amores que eu engeitei?
Vai por êles ao mar largo,
Que eu para lá os mandei.

240

Minha maçã vermelhinha
Onde deixaste'lo cheiro?
Nos lençoes da tua cama,
Nas rendas do travesseiro.

241

Minha maçã vermelhinha,
Vermelha na macieira:
É bonita de casada,
Que faria de solteira?

242

Já que me deste'la pêra,
....
....
....

243

Ó que lindo luar 'stá
Para ir colher maçãs,
Á rua da formosura,
Onde estão as três irmãs.

244

Alumeia-me, ó candeia,
Não me deixes ás escuras,
Que eu venho da terra alheia,
Não sei as voltas ás ruas.

245

Candeia que não dá luz,
Não se espeta na parede:
O amor que não é firme
Não se faz cabedal d'êle.

246

Arcepreste não se rega,
Eu hei de regar o meu:
Amor firme não se deixa,
Mas eu heide deixar o meu.

247

Indo eu pela rua abaixo,
Scorreguei, caí na esquina:
C'os sentidos que levava
Na Maria Joaquina.

248

Indo en pela rua abaixo.
Aos saltinhos com'á lebre,
Entregar a minha alma
Ao bom Jesus que m'a leve.

249

Rua abaixo, rua acima,
Mariquinhas á janela,
Enfiando contas d'ouro
No retroz da primavera.

250

Indo eu pela rua abaixo
Todo o mundo me quer bem,
Só a mãe do meu amor
Não sei que raiva me tem!

251

As talhadeiras da rua
Talharam-me o meu vestido:
Não tiveram dôr do pano,
Talharam-m'o bem comprido.

252

Marmuradeiras da rua,
Marmurai todas de mim,
Que eu nunca fui marmurada
Senão de gente ruim.

253

Tenho na minha janela
Mangerico aos molhinhos:
Vai-te-me d'aqui embora,
Perdição dos meus olhinhos!

254

Tenho na minha janela
O que tu não tens na tua:
Tenho cravinhos e rosas
Viradinhos para a rua.

255

Trazes chapeu á paralta
Por baixo lenço riscado;
Inda mais por baixo andam
Olhinhos do meu agrado.

256

Trazes chapeu á paralta,
E a cinta á rialista:
Todo o rapaz que é janota
Quer uma moça fadista.

257

Tende'los olhos fagueiros
E a vista namoradiça:
Quem tem os olhos fagueiros
De casa tem a justiça.

258

Tende'los olhinhos pretos,
Inda agora reparei:
Se reparo ha mais tempo,
Não amava a quem amei.

259

Tenho um amor que me ama,
Outro que me dá dinheiro,
Outro que me veste e calça
Esse é o mais verdadeiro.

260

A cana verde no mar
Tambem tem-na sua dôr:
Tambem eu tenho a minha,
Seja ela por quem fôr.

261

A cana verde no mar
Tambem tem sua criada:
Tambem eu tenho a minha,
D'aguardente refinada.

262

Quem achou a cana verde
Faça favor de m'a dar,
Qu'eu perdi-a onte á noite
No terreiro a dançar.

263

Indo pela rua abaixo
Como quem não vai a nada,
Abanar uma p'reirinha
Que nunca foi abanada.

264

A Sereia, por ter sêde,
Bebeu por um assobio:
O diacho da sereia,
Até no beber tem brio!

265

A Sereia, por ter sêde,
Bebeu por uma cabaça:
O diacho da Sereia
Até no beber tem graça!

266

Pelo mar abaixo
Vai uma carriça,
C'uma grade ás costas
Toda se esganiça.

267

Pelo mar abaixo
Vai um cobertor;
Embrulhado nele
Vai o meu amor.

268

Pelo mar abaixo
Vai um alguidar;
Ele já leva ágoa
Para m'eu lavar.

269

Eu matei uma carriça
P'ra fazer minha malhada,
Já lhe comi a amétade
E a outra está demolhada.

270

José quero, José amo,
José trago no sentido:
Por causa de ti, José,
Tenho o meu sono perdido.

271

Toda a vida desejei
O meu amor Manoel,
Agora em casa o tenho...
Caiu-me a sopa no mel.

272

Toda a vida desejei
Uma mulher mediana:
Deu-me Deus uma pandorga
Que me não cabe na cama!

273

Manoel, p'ra vêr as moças
Fez uma fonte de prata:
As moças não lhe vão lá,
Manoel todo se mata.

274

Mariquinhas tecedeira
Tem-no tiar e não tece:
É de crer que anda de amores,
Ou o tiar lhe aborrece.

275

Galeguinho da Galiza
Quando vai em procissão
Leva um gato de santo
E uma velha de pendão.

276

Galeguinho da Galiza
Quem te trouxe a Portugal?
Uma Galeguinha nova,
Debaixo do avental.

277

O Galêgo quando morre
Vai com o dente arreganhado,
Que lhe disse o padre-cura:
—Passa fóra, cão danado!

278

Ó que ladeira tão alta,
Tão custosa de assubir!
Deita-te d'aí abaixo,
Ás tranças do meu mandil.

279

Almocreves de Tourem
Três com um burro andam bem:
Um pega, outro tem mão,
Outro olha se vai bem.

280

Dai-me uma pinga de vinho
Que eu água não sei beber:
A água tem samassugas,
Tenho medo de morrer!

281

Minha mãe mandou-me á herva,
Eu á herva não hei de ir,
Que a lameira tem buracos,
Tenho medo de cair.

282

Minha mãe mandou-me á fonte
Com sapatos de papel:
Eu cobrei a cantarinha,
A brincar com o Manoel.

283

Minha mãe já stá a chamar,
Valha-me Deus que mulher!
Ela quer que eu varra a casa,
Varra-a ela se quijer!

284

Minha mãe já stá a chamar,
Aos saltinhos já lá vou:
Quero mais á minha mãe
Que ao ladrão que me enganou.

285

Não quero amor, Antonio,
Que é muito saltarinheiro,
Trabalha toda a semana,
Domingo não tem dinheiro.

286

Se meu amor fôra Antonho,
Mandara-o envidraçar
Numa caixinha de vidro,
Para o sol o não queimar.

287

O meu amor é Antonio,
Mora na caixa do cheiro:
Quem quijer amar Antonio
Ha de andar do pé ligeiro.

288

O meu amor é Domingos,
Dominguinhos se lhe chama:
Não é quem o mundo pensa,
O mundo tambem se engana.

289

Hei de casar para a Ribeira,
Que é terra de muito vinho:
Antes quero morrer á sêde
Que casar c'um Ribeirinho.

290

Heide casar p'ra Barroso,
Que é terra de muito pão:
Antes quero morrer á fome
Que casar com um Barrosão,

291

Dizes qu'a arruda qu'amarga,
Quem vo-la deu a beber!
Segredinhos do meu peito
Quem vo-los deu a saber?

292

Quem diz que o amor que custa,
E' de crer que nunca amou:
Já amei e fui amada,
Nunca o amor me enfadou.

293

Adeus, logar de Cortiços,
É bonito tem que dar,
Raparigas ao convento
Rapazes a militar.

294

Vós dizeis que viva, viva,
Viva o centro de Barroso!
Indas que a terra é áspera,
Inda tem gado mimoso.

295

No alto d'aquela serra
Andam dois coelhos bravos:
Deviam de se juntar
Dois corações desejados.

296

No alto d'aquela serra
D'onde a água sobe e dece,
Nem a água mata a sêde
Nem o teu amor me esquece.

297

Se tu visses o que éu vi
Nas alturas de Barroso:
Sete frades em camisa
A cavalo d'um raposo!

298

Se tu visses o que eu vi,
Devias d'admirar:
Uma cadela com pitos,
Uma galinha a ladrar.

299

Eu tambem sou lavadeira,
Lavo no rio Jordão,
Lavo saias d'entremeio
Fica-me o cheiro na mão.

300

Oh que rua tão comprida
Que nenhum retiro tem!
Queria-te falar, menina,
Não posso sem tua mãe.

301

Dei um ai que fez tremer
As quinas á tua sala:
Se estás a dormir, acorda,
Se estás acordada, fala.

302

Algum dia por te vêr
Pulava vinte paredes:
Agora por te não vêr,
Pulo-as mais de trinta vezes.

303

Algum dia por te vêr
Dava mil voltas no ar:
Agora dera dinheiro
Só por te não encontrar!

304

Algum dia era eu
O retrato da feição:
Agora sou vassourinha
Com que vós varreis o chão.

305

Algum dia era eu
No teu prato melhor sopa:
Agora sou um veneno,
Ao menos na tua bôca!

306

Maria, ata o cabêlo,
Que atado parece bem:
Se não tens cordão pr'a êle,
Carvalhinho vêrgas tem.

307

Desenrola o teu cabelo,
Não o tragas enrolado;
Desengana o teu amor,
Não o tragas enganado.

308

O cabelo enrolado
Serve de toda a maneira,
De dia serve de gala,
E á noite de travesseira.

309

Mariquinhas tola, doida,
O pecado te atentou:
Stavas como o peixe n'água,
O vicio te derramou!

310

Olha o tolo, olha o doudo,
Olha o mal inclinado!
Fôi pedir a filha ao pai,
Sem com ela ter falado.

311

Fostes falar ao meu pai,
Ao portal do meu lameiro:
Se querias casar comigo,
Faláras-me a mim primeiro.

312

Mariquinhas, tola, doida,
Olha o que fostes fazer,
Mataste-lo o inocente
Sem t'êl'a morte merecer!

313

Dei um nó na fita verde,
Outro no preto rigor:
Inda 'spero de dar outro
Na mão d'reita ao meu amor.

314

Dei um nó na fita verde,
Nunc'ó eu chegara a dar,
Dei-o tão apertadinho,
Não o posso desatar!

315

Está o ceu anubiado,
Azadinho p'ra chover:
Eu bem sei quem stá doente,
E mais não ha de morrer!

316

O meu amor stá doente
Na cama para morrer;
Deus lhe dê tanta saude
Que se não possa erguer.

317

Ninguem se finte nos homes,
Nem no seu doce falar,
Que êles tem-nas falas doces,
E o coração de matar.

318

Tendes coração de açucre,
Que na água se derrete:
Dai-me uma pedrinha d'êle,
Para o meu que se não seque.

319

Tu não scairres qu'eu não tusso,
Qu'eu não tenho nenhum êrro:
Eu sou como a laranjinha,
Quando sai do arvoredo.

320

Passei pela tua porta
Pu'la mão na fechadura,
Pedi-te água não m'a deste,
Coração de pedra dura!

321

Ó feliz, abre-me a porta,
Qu'eu estou c'os pés á giada;
Se me não abres a porta,
Nem és feliz, nem és nada.

322

Fi'la cama na folhinha
E á cabeceira no pojo:
Num quero cantar comtigo,
Que me estás a meter nojo.

323

Pus-me a chorar ó pé d'água
Lagrimas de sentimento,
A água me respondeu:
—Nada dura com'ó tempo.

324

Pus-me a chorar onte á noite
Ó pé da água que corre,
A água me respondeu:
—Quem tem cuidados num dorme.

325

Amor quem te disse a ti
Qu'eu dormindo suspirava?
Quem t'o disse não mentiu,
Qu'eu alguns suspiros dava.

326

Suspirando, dando ais,
Anda o amor pela rua:
Suspira quanto quijeres,
Qu'eu por ora não sou tua.

327

Coitadinho de quem tem
Seus amores em segredo:
Passa por êles na rua,
Não lhe fala, que tem medo.

328

Coitadinha da menina
Que tem o amor soldado,
Cuida que o tem na cama
E êle anda no tabolado.

329

Tanto chorei onte á noite,
Que amoleci o sobrado:
Coração que tanto chora
Deve de estar magoado.

330

Tanto chorei onte á noite,
Que enchi duas malgas verdes:
Tudo pr'ámor de amores,
Quem puder, livre-se dêles!

331

Ha tres dias qu'eu não como
Senão lagrimas com pão:
Estes são os alamentos
Qu'os teus amores me dão.

332

Oliveira d'ó pé do rio
Dá-lhe o vento, troce o pé:
Tambem eu torcia a lingua
A quem diz o que não é.

333

Chorem mães e chorem pais,
Chorem todos em geral:
Mataram o Carlotinha
No meio do pinheiral.

334

Vá-se embora, seu magano,
Que a minha mãe não stá cá:
Se ela vem e nos encontra,
Que dirá e que fará?

335

Toda a menina que é bonita
Não devia de nascer:
É como a pera madura,
Todos a querem comer.

336

Ó Aninhas, ó Aninhas,
Ó Aninhas da varanda,
Caixinha dos meus segredos
D'onde o meu coração anda!

337

Aninhas está doente,
Está doente d'uma dôr
Eu bem te dizia, Aninhas,
Que chamasses o doutor!

338

Lá vem o Senhor doutor
Com uma lancinha na mão;
Eu bem te dizia Aninhas
Que era uma dôr no coração.

339

Tenho um lenço de tres pontas
Que inda não foi á barrela,
Para limpar os meus olhos
Quando me fôr d'esta terra.

340

Ó meu amor, se te fores,
Leva-me, podendo ser,
Que eu quero ir acabar
D'onde tu fôres morrer.

341

Ó meu amor, se te fôres,
Screve-me lá do caminho.
Se não tiveres papel,
Nas asas d'um passarinho.

342

Ando por aqui de noite
Como o perdigão perdido:
Minha mãe deitou-me á rua,
Deixa-me ir dormir comtigo!

343

Ó Antonho, ó Antonho,
Tú és auga açucarada;
Casa comigo, Antonho,
Não me tragas enganada.

344

O teu pai é meu
A minha mãe é tua,
Abre-me a porta
Que eu estou na rua.

345

Atiraste-me com dois beijos
Cairam no fim da rua;
Não foi por minha vontade,
A culpa foi toda tua.

346

Fostes com as vacas
Para o portal da bouça
Eu bem sei que já stiveste
A dar tréla a outra.

347

—Ó rapaz, ó militar,
Aonde deixas teu brio?
—Na ponte da Madalena
Ás lavadeiras do rio

348

Vem comigo, Carlotinha,
A roupa deixa ficar;
Na minha companhia
Roupa não te ha de faltar.

349

A serra corta a madeira
E a lima corta os metais:
A lingua não tem freio,
Corta a casaca ós mais.

350

Castanheiro sem candeias,
Que castanhas pode dar?
O homem sem dinheiro
Que amores pode arranjar?

351

Mal o haja aquele ingrato
Que tão mal pago me deu:
Nunca me falem nele,
Digam-me que já morreu!

352

Rosa qu'stás na roseira
Deixa-te estar até vêr,
Que vou ó Brasil e venho
A tempo de te colher.

353

O brio d'uma moça solteira
É um casaco cintado,
E um avental de tres folhos
E o cabelo emaranhado.

354

Ó raparigas, ó môças
Eu a todas quero bem,
A umas mais do que a outras,
A ti mais do que a ninguem.

355

Ó meu amor lá de riba,
Deixa tudo e vem-me vêr,
As cartas não vem boas,
Meu amor, não sei ler.

356

Quando te eu amei,
Melhor fôra amar um burro:
Andava d'a cavalo,
Ainda não perdia tudo.

357

Siga a manta, siga a manta,
Dos rapazes estravagantes,
Deixam pai e mãe
E vão falar ás amantes. [1]

358

Uma silva me prendeu,
Outra me mandou soltar:
Não ha olhos qu'eu mais goste
Do que são os d'um militar.

359

Atirei com um cravo ao pôço,
Fechado saiu-me aberto:
Os seus braços, menina,
São ligas com qu'eu m'aperto.

360

Da minha janela á sua,
Do seu coração ao meu,
É uma estrada corrida:
Quem na passeia sou eu.

361

Menina, que 'stá lá dentro,
'Stá comendo pão e queijo,
Faça da bôca pistola,
Atire-me cá um beijo.

362

Nem na terra ha dois mundos,
Nem no ceo ha dois senhores,
Nem ha coração que guarde
Lialdade a dois amores.

363

Sentada na minha cama
Uma carta tua li;
Beijando letra por letra,
Chorando adormeci.

364

Adeus, cidade de Lisboa,
Rua Nova da Prata!
Tomar amores não custa,
O deixa-los é que mata.

365

Adeus, ó largo da Inteira.
De ladeira ó p'ró fundo!
Quem tomar amores nela,
Pode-se despedir do mundo.

366

— Siga a manta, siga a manta
Siga a manta trema a terra!
— Arrede lá quem vier
Que esta manta não arreda!

367

Ó tia Maria do Barroso
Encostada ao bordão,
Parece o juiz de direito
Quando 'stá em julgação.

368

Santa Senhorinha
Está tão rijinha:
Trigos na terra,
Cinco taberneiros,
Dancem as moças
E toquem os gaiteiros.

---

(1) As quadras n.os 231 a 357 foram colhidas em Gralhas.

369

Estou casado ha tres dias,
Quem me dera estar solteiro!
O diabo da mulher
Só me faz pedir dinheiro!

370

Carta, vai onde t'eu mando,
Responde, sabe falar:
Os olhos que te notaram
Cá ficaram a chorar!

371

O' rua Direita do Porto!
Tem um fio d'algodão:
Todos passam e não caem,
Só eu caí na prisão!

372

Quem me dera ir a Chaves,
Das muralhas para dentro,
Para vêr o meu amor
Formado no regimento!

373

Atirei com uma laranja
Ao correr de Chaves fora:
A laranja ficou dentro,
Adeus Chaves, vou-me embora!

374

O' rua Direita de Chaves,
Ladrilhada, mal segura:
Quando eu passo por ela,
Não ha pedra que não bula.

375

O meu amor é soldado
Da primeira companhia:
Ele é a praça mais linda
Que anda em cavalaria.

376

O meu amor é soldado,
Soldadinho é que eu quero:
Ainda que não tem dinheiro
Tem o botão amarelo.

377

Os homens são como os lobos,
Só lhes falta ter o rabo,
Andam de noite e de dia
No caminho do Diabo.

378

Amores ao longe, ao longe,
Que ao perto quem quer os tem:
Os amores d'ó pé da porta
São a perdição d'alguem (1)!

379

O meu amor é aquele,
Que eu no andar o conheço:
Tem o passo miudinho
Como a folha do codêço.

(Covêlo do Gerez).

380

Quem quiser ouvir mentiras
Vá á forja do ferreiro,
Dê a volta pelo forno
Venha ter ó fiadeiro.

(Vilar de Perdizes).

(1) As canções n.os 358 a 378 foram colhidas em Padornêlos.

381

O amor é uma albarda
Que se põe a quem quer bem:
Eu p'ra não ser albardada,
Não quero bem a ninguem.

(Vilar de Perdizes).

382

Fui á fonte das tres bicas,
Dei a mão á libardade:
Stava varia do sentido
Quando t'eu fiz a vontade.

383

Menina, se quer saber,
Como se ganha o dinheiro,
Deite navios ao mar
Que eu serei seu marinheiro.

384

Fui contá'las estrelas
Pela era da coluna,
Nove e oito, sete e seis
Cinco e quatro, tres, dois, uma.

385

O muito cantar faz sêde,
A muita sêde secura,
A muita pedra parede,
E muita parede altura.

386

Franganito, rasca a asa,
Galinha vai p'ró poleiro:
Ditoso d'aquele que vem
Na maré do carvoeiro!

387

Menina, não se namore,
D'homem que diz: darei, darei:
Desde que se acham servidos,
«Menina, já te paguei.»

388

Trocaste-me a mim por outro
Fizeste bem, que escolheste;
Algum tempo me dirás
Se ganhaste ou perdeste.

389

Não te mates, não te esfoles,
Que eu tua não hei de ser;
Eu já tenho amor certo
Para os dias que hei de viver.

390

Cuidavas que eu que te queria
Meu guardanapo de mesa:
Se alguma fala te dava,
Era com pouca firmeza.

391

Você diz que me não quer,
Eu quero lá você porventura?
Seu tonante, seu basofia,
Seu cara de ruim figura!

392

Julgavas que por m'eu rir
Que já me tinhas na mão!
Eu não sou tão proveitosa,
Que apanhe fruita do chão.

393

A' minha porta stá lama,
A' tua está um lameiro:
Se queiseres falar comigo,
Fala para ele primeiro.

394

Abaixa-te, ó serra alta,
Deixa passar o Zé Costa,
Que veio casar a Barroso
Com a bela repitosca.

395

Abaixa-te, ó serra alta,
Deixa passar o meu gado;
A pastora que vai co'êle
Tem-no cabelo dourado.

396

Pelo ceo vai uma nuvem,
Todos dizem: bem na vi;
Todos falam e marmuram,
Ninguem olha para si!

397

Trazes cabelo enelado,
Pelas costas ao comprido:
Nas ondas do teu cabelo
Anda o meu amor metido.

398

Chamastes ao meu cabelo
Cabelo de leviana:
Tambem eu chamo ao teu
Laços de prender quem ama.

399

Toda a vez que te vejo,
Rezo uma salve-rainha;
Pago renda dos teus olhos,
Já te posso chamar minha!

400

Esta noite sonhei eu
Que tu me estavas amando:
Mas tambem ao mesmo tempo
Sonhei que estava sonhando.

401

Vai-te carta, feliz carta,
Triste de quem te notou!
Com lagrimas te escreveu,
Com suspiros te fechou.

402

Hei-de-m'ir e deixar-te,
Como a agua deixa a fonte!
Hei-de-te deixar, menina,
Ao desamparo no monte!

403

Tu chamas amor perfeito
A's coisas que a terra cria:
Amor perfeito ha só um,
Filho da Virgem Maria.

404

O ceo tem dezoito estrelas,
Todas dispostas em linha;
Com elas escreveu Deus:
Eu sou teu e tu és minha.

405

Quem inventou a partida
Não sabia o que era amor:
Quem parte, parte sem vida,
Quem fica morre de dôr.

406

Vai-te carta, vai-te carta,
Vêr um bem que Deus me deu:
Tu vais para lá ficar,
Em teu nome fôra eu.

407

Tenho um lenço de beijinhos,
Meu amor para te dar,
Com quatro nós de ciumes,
Sem os poder desatar.

408

José amo, José quero,
José trago no sentido;
Por causa de ti, José,
Trago o juizo varrido.

409

O meu amor é um faia,
Sabe ler, tocar guitarra;
Ele é tanto do meu gosto,
Minha mãe tanto me ralha!

410

O meu amor é João,
João lhe hei de chamar:
Por causa de ti, João,
Pae e mãe hei-de deixar.

411

Minha mãe logo á noite:
—Maria vai-te deitar!
Ela cuida que eu que durmo,
E eu estou a namorar.

412

A cobra pelo falanco
Foge que desaparece:
Quem dá falas a marotos
Grande castigo merece!

413

Esta noite tive um sonho
Comtigo, minha beleza:
Acordei, achei-me só,
Em sonhos não ha firmeza!

414

Canta, amor, cantemos ambos,
Já que outra vida não temos:
Anda a morte pelo mundo,
Cedo nos apartaremos.

415

Pus-me a chorar sentimentos
Ao pé da água que corre,
A água me respondeu:
— Quem tem amores não dorme.

416

Quem tem amores não dorme,
Quem nos não tem adormece:
Coitadinho de quem ama,
Que assim a mim me acontece!

417

Não me atires com pedrinhas,
Que eu sou o mesmo penedo:
Tenho coração de bronze,
A pedras não tenho medo.

418

Assubi-me ao penedinho,
Bôca de cravo, falai-me:
Se vos a morte mereço,
Aqui me tendes, matai-me!

419

Aqui me tendes, matai-me,
Se eu a morte mereço:
Quando não, aliviai-me
D'estas pênas que eu padeço.

420

A pombinha já morreu,
Já não tenho portador,
Já não tenho quem me leve
As cartas ao meu amor.

421

Ando por aqui de noite
Como o perdigão perdido,
Adormeço e acordo
Sempre comtigo no sentido.

422

A' beira do meu telhado
Nasceu-me um amor perfeito,
Mas não tem tão linda côr
Como se fosse em teu peito.

423

As cantigas que tu cantas
A nenhumas fiz atento:
Fui acudir ao chapeo,
Que me fugiu com o vento.

424

O' Amelia, ó Amelia,
O' Amelia tecedeira,
Foste dizer ó meu pai
Que eu andava na brincadeira.

425

Algum dia p'ra te vêr
Saltava sete quintaes,
Hoje p'ra te não vêr
Salto sete, e salto mais.

426

Fui á fonte beber agua
Na casca da belancia:
Nem bebi, nem tinha sêde,
Nem falei a quem queria!

427

Quando eu era solteira,
Usava fitas e laços,
Agora que sou casada
Uso os meus filhos nos braços.

428

O' minha pombinha branca,
De biquinho amarelo,
Quando vais beber ao rio,
Pões os pés no carambélo.

429

As pombinhas quando nascem,
Nascem dando beijinhos:
Assim fazem os namorados,
Quando se encontram sózinhos.

430

D'aqui a Braga é longe,
Não chegam lá meus suspiros!
Quando eles lá chegarem,
Chegam mais mortos que vivos!

431

O cuco é uma ave
Que só no maio aparece:
Quantos cucos por cá ficam,
E mais ninguem os conhece!

432

Fui-me confessar
A'quéla capelinha:
O que eu disse ó padre
Ninguem o adivinha.

433

Ninguem o adivinha,
Não adivinha não,
O que eu disse ó padre
Lá na minha confissão.

434

Fui-me confessar e disse
Que não tinha amor nenhum:
Deram-me de penitencia
Arranjar ao menos um.

435

Lá na minha confissão
Pouco lhe pode importar:
Tenho dezoito anos
Que me queria casar.

436

Vai de roda, vai de roda,
Cada um sua cantiga:
Eu tambem canto a minha,
Que a necessidade me obriga.

437

Aqui me tens, ó Amelia,
O' minha branca flôr:
Por bem linda que tu sejas,
Não arranjas outro amor.

438

Minha mãe chama por mim
Do penedo da Portéla:
Valha-me Deus, minha mãe,
Cuida que o vento me leva!

439

Antoninho, pede a Deus,
Qu'eu peço ás almas santas,
Que nos ajuntemos ambos
Já que as lagrimas são tantas!

440

Com licença entra o pisco
Seu papinho quer encher:
Onde estão galos de fama,
Pitos que veem cá fazer?

(Quadra com que um cantador pimpão desafia outro).

441

Coitadinho de quem morre
S'ó paraiso não vai:
Quem cá fica do pão come,
Que a pena logo se vai.

442

Cala-te, ó bôca de inferno,
Nariz de meia canada
Pescoço de galga preta,
Olhos de gata rajada. (1)

443

Adeus, adeus, ó Barrôso,
Não tarda que te vá vêr;
Queira Deus que lá haja
Lacinhos para me prender!

444

— O' minha pombinha branca,
Dá-me cá o teu vestido.
— O meu vestido são penas.
— Eu tambem de penas vivo.

445

Fui criado em Barroso
No meio da rascalheira:
Se quiseres alguma coisa,
Aqui stou á tua beira.

446

Toda a vida andei no monte,
Toda a vida guardei gado;
Tenho uma magoa no peito
De me encostar ao cajado.

447

O' Senhor da Piedade,
Moraes nas lamas do Rolo:
A cadeia sem relogio
Sempre são feitios de tolo.

448

Não sei que cidade é esta,
Onde ha tanta senhora:
Bem hajam as de Friães,
Que trajam á lavradora!

(1) As quadras n.os 379 a 442 foram colhidas em Montalegre.

449

Vamos lá para o Antigo, (1)
Vamos vêr o que lá vae:
As casas são de torrão,
A telha a baixo não cae.

450

Adeus, Senhora do Monte,
Moraes á beira da estrada:
Como daes aos cegos vista,
Dae tambem aos mudos fala.

451

Antes que sou de Barroso
Criado na carrasqueira,
Tambem sei notar centigas
A's meninas da Ribeira.

452

Quando o sobreiro der baga,
E o loureiro der cortiça,
Então te amarei deveras,
Agora tenho preguiça.

453

Quando o sobreiro der baga,
E a cortiça fôr ao fundo,
Só então hão de acabar
As más lingoas neste mundo.

454

Não ha nada que mais chie
Do que um carro de cortiça;
Na demanda fiquei bem
Dei o feito á justiça.

455

Aqui chegou o Catrino
Como é do costumado,
Co'as calças rotas na cinta
E a acender o seu cigarro.

456

Tendes loureiro á porta,
Tendes sombra regalada,
Tendes fama de bonita,
Deveis de ser procurada.

457

Tu és de Fiães do Rio,
E's filho do Cascaes,
Tens o cabelo alto
Deixa que t'o abaixe mais.

458

Adeus ó Frades do Rio,
Tens duas pedras d'assento;
Uma é de namorar,
Outra de passar o tempo.

(1) Nome do lugar.

II

ROMANCES

I

D. Silvaninha

Indo D. Silvaninha
Pelo seu corredor acima,
Tocando numa guitarra,
O' tão bem que ela sabia!
Acordou seu pai dormindo
Com estrondo que fazia.
— Tu que queres, D. Silvana,
Tu que tens, ó minha filha?
— De três irmãs que nós eramos
São casadas, têm familia;
E eu por ser a mais formosa,
O' canto fiquei metida.
Já corri palacios todos,
Não achei quem me merecia,
Só achei conde Alberto,
E' casado tem familia.
Mande-o chamar, meu pai,
Da sua parte e da minha,
Que mate sua mulher
Para casar com sua filha.
— Minha mulher não a mato,
Que a morte não lhe é merecida.
— Mata, conde, mata, conde,
Senão eu tiro-te a vida.
Has-de trazer-me a cabeça
Nesta doirada bacia.

Vai o conde para casa
Cheio de melancolia:
Mandou pôr a sua mesa,
Para fazer que comia;
Mandou vestir seus criados,
Do maior luto que havia;
Mandou fechar seus palacios,
Coisa que nunca fazia.
— Tu que tens, conde Alberto,
Tu que tens, ó meu marido?
— O rei me mandou chamar
Para eu te a ti matar.
— Não chores, conde, não chores,
Que isso bem remedio teria:
Meterás-me num convento,
Onde eu não veja sol nem dia,
Me darás o pão por onça
E a agoa por medida.
Chegue-me o filho mais velho,
Que o quero abraçar;
Chegue-me o filho do meio,
Que o quero pentear;
Chegue-me o filho mais novo,
Que lhe quero dar de mamar:
«Mama, mama, meu menino,
«Que este leite é da paixão,
«Amanhã por estas horas
«Tua mãe está no caixão.
«Mama, mama, meu menino,
«Que este leite é de amargar,
«Amanhã por estas horas
«Tua mãe está a enterrar.

Tocam os sinos na sé,
Ai Jesus qnem morreria?
Morreu a D. Silvana
Pelo mal que cometia,
De descasar os bens casados,
Que era o que o Senhor não queria!
Viva o conde e a condessa
Que era o que o Senhor queria!

2

Santa Helena

Estando eu a coser
Na minha almofada,
Minha agulha d'ouro,
Meu dedal de prata,
Passou um cavalheiro,
Pedindo pousada;
Meu pai não stava lá,
Minha mãe lha dava.
Pela meia noite fóra
Entra a pedir agoa,
E eu como mais velha,
Levantei-me a dar-lh'a:
Êle agarrou em mim
E levou-me roubada;
No meio da estrada
Êle me perguntava,
Êle me perguntava
Como m'eu chamava.
— Eu chamo-me Helêna.
— O' Helena amada,
Por aqui agora
Triste, malfadada!
Por estas palavras
Serás degolada:
Por baixo de fentos
Serás enterrada.

D'ali a sete ânos
O traidor passou:
— Pastores, pastorinhos,
Que o gado guardaes,
Que ermida é aquela
A quem vós adorais?
— A santa Helêna
Que o traidor matou,
Por baixo de fentos
Ali a deixou.
— O' santa Helena,
Meu amor primeiro,
Perdoai-me a morte,
Serei teu romeiro.
— Como t'hei-de eu perdoar,
Ladrão carniceiro,
Que me degolastes
Como a um carneiro.
Viste-te (veste-te?) de azul
Que é a cor do ceo!
Se Deus te perdoar
Perdoarei-te eu.

3

Canario lindo

Esta noite fui á caça,
Lindo canario cacei;
Fui-o levar de presente
A' filha do nosso rei.
A' filha do nosso rei
Era rica e brasileira,
Mandou fazer uma gaiola
Da mais fininha madeira.
Depois da gaiola feita,
O canario meteu dentro;
Quer de dia quer de noite,
Era o seu entretimento.
Apanhou grande constipação,
Mandou chamar uma junta
De trinta e um cirurgião.
De trinta e um cirurgião
Nem um lhe deu c'o a cura;
Lá vai o triste canario
Coitado, p'rá sepultura!

3

Anfiguri

Em Lisboa se formou
Palacio de grande altura;
Muita gente lá penou,
Outra foi pr'á sepultura;
Casa farta tem fartura,
Quem doba tem seu sarilho,
Correm os pitos ao milho,
A culpa é dos pardaes;
Todo o burro tem atafaes,
Tambem lhe são dados estribos;
Toda a figueira dá figos
Para contentar os rapazes,
No mar andam alcatrazes,
Tambem lhe chamam gaivotas;
Homem das pernas tortas,
Todos lhe chamam calêjo;
Vão-se as sezões com desejo
As feridas com unguento,
O moinho moe com vento,
Quem urde a teia é a aranha,
Sem ter principio nem fim;
Um raminho de alecrim
Que se dá aos namorados;
As armas são p'r'ós soldados
E tambem são p'r'ós caçadores;
Menina se tem amores,
Bem ao serio pode andar;
A gaita é p'ra tocar
O pente é p'rá cabeça;
Menina não endoideça,
Pode-se dar por feliz
Por ter tão grande nariz,
Que mede metro e meio:
Depois do nariz cortado
Inda lhe chega até ao seio.

III

PARLENDAS

I

Os sete sacramentos

O primeiro é batismo,
Eu tambem fui batizado;
Creio no que Deus me disse,
Nisso vivo descansado.

O segundo é confirmação,
Eu confirmo na verdade:
Se te quero bem ou não,
Deus do Ceo é que o sabe.

O terceiro é comungar,
Quem comunga é cristão:
Trago a Deus na minh'alma,
A ti no meu coração.

O quarto é penitencia,
Bem penitente tenho sido,
Em te trazer na memória
Na flôr do meu sentido.

A quinta é extrema unção,
São palavras em latim:
Peço-te amor da minh'alma
Que te não esqueças de mim.

O sexto é a ordem,
Qu'eu tenho p'ra te prender,
Na cadeia dos meus braços
P'ra d'outro não poder ser.

O setimo é matrimonio,
Sanifica o dar da mão:
E' custoso d'apartar
Uma rosa dum botão.

(Padrôso).

1-A

VARIANTE

O primeiro é batismo,
Julgo que sou batizado:
Na fé de Deus vivo,
Nisso vivo confirmado.

O segundo é confirmação,
Confirmo o amor na verdade:
Se te quero bem ou não,
Deus do Ceo é que o sabe.

O terceiro é comunhão,
Quem comunga confessou:
Para uns se acaba o mundo,
Para outros principiou.

O quarto é penitencia,
Bem penitente tenho sido:
Quando estou junto de ti,
Não sei se morro, se vivo.

O quinto é extrema unção,
São palavras em latim:
Foste-la mais linda rosa
Que eu criei no meu jardim.

O sexto é ordem,
Qu'eu tenho de te prender:
Nas cadeias dos teus braços
E' que m'eu queria vêr.

O setimo é matrimonio,
Quando é ó dar a mão:
Nunca se pode apartar
Uma rosa d'um botão.

Estes sete sacramentos
São da Santa Madre Igreja:
Andó mundo ás zevessas (ás evessas),
Ninguem logra o que deseja.

2

Os cinco sentidos

Bem no sabes,
Que são cinco:
As pênas com que t'eu amo
Deus as sabe, e eu as sinto.

O primeiro é ver
A cousa qu'eu mais desejo:
Quando passo pela rua,
Sempre penso que te vejo.

O segundo é ouvir;
Se eu ouvira ou sonhara,
Que tinhas outros amores
Por minhas mãos me matara.

O terceiro é cheirar
Um raminho de alecrim:
Peço-te, amor da minh'alma,
Que te não squeças de mim.

O quarto é apalpar
As pernas às raparigas,
Se são grossas ou delgadas,
Se são curtas ou compridas.

O quinto é pagar dizimos e prumissios,
Nada d'isso estou devendo,
Só do ano passado
E este mês que vai correndo.

2-A

VARIANTE

O primeiro é vêr
A coisa que eu mais desejo:
Quando passo pela tua porta,
Sempre olho se te vejo.

O segundo é ouvir,
Eu de ti não ouço nada:
Quando ouço novas tuas,
Caio no chão desmaiada.

O terceiro é cheirar
Um raminho de alecrim:
Peço-te, amor da minh'alma,
Que não te squeças de mim.

O quarto é gostar,
Eu sempre gostei de ti;
O meu amor para comtigo
Nunca se lhe dá fim.

O quinto é apalpar,
Eu fui que te apalpei:
Topei-te do meu agrado,
Por isso te não deixei.

3

Os mandamentos dos padres

Primeiro, amam a Deus por dinheiro;
Segundo, enganam a todo o mundo;
Terceiro, antes querem vitela q'a carneiro;
Quarto, jejuam des que 'stão fartos;
Quinto, antes querem vinho branco do que tinto;
Sexto, levam tudo a torto e a direito;
Setimo, num tornam nada d'emprestimo;
Oitavo, nem comem da cabeça nem do rabo;
Nôno, enchem bem na barriga de sôno.
. . . .

(Meixedo).

4

Novissimos do homem

1.º Anjo (= criança),
2.º Lião (= aos 25 anos leão pela força),
3.º Burro (= Casado com as responsabilidades de familia),
4.º Cão (= velhice, já os netos dizem passe por ali meu avô.).

(Cortiços).

4-A

VARIANTE

1.º Morte,
2.º Mortorio
3.º Jandias (= João Dias?)
4.º Gregorio.

5

Novissimos da mulher

1.º Janeleiras,
2.º Espreitadeiras,
3.º Gulosas,
4.º Mentirosas.

6

Novissimos dos bêbados

1.º Odre,
2.º Borracha,
3.º Infusa,
4.º Cabaça.

7

Versos dos dias da semana

Segunda feira te amo,
Na têrça te quero bem,
Na quarta por ti suspiro,
Na quinta direi por quem,

Na sexta por ti morro,
No sabado por ti meu bem,
No domingo vou á missa,
Para vêr quem me quer bem.

8

Os mandamentos dos ladrões das colmeias

Primeiro, entrar dentro do colmieiro;
Segundo, arrancar-lhe logo o fundo;
Terceiro, leva-las a beber a um rigueiro;
Quarto, mel p'rá bôca e cêra p'ró saco;
Quinto, fazer-lhe o roubo bem limpo.

9

Verdadeira malicia das mulheres

A malícia das mulheres
Tentar vou explicar,
Nẽum homem seja tolo
Em mulher acreditar;

E' raro encontrar mulher
Que não mostre fingimento,
Mas tomai o meu conselho,
Fugi ao vosso intento.

Já pròguntei a um sabio
Se me sabia dizer
D'onde naceu a mulher
P'ra tanta malicia ter:

O sabio me respondeu,
Sendo êle um grande exato,
Que as primeiras foram feitas
Do rabo d'um grande gato.

(Vilar de Perdizes).

10

Oração do moleiro

Deus te salve, saco,
Quatro maquias te rapo:
Ua p'ró burro comer,

Outra por te moer,
Outra por te levar.
Outra por te trazer.

(Vilar de Perdizes).

10-A

VARIANTE

O moleiro vai p'ró inferno
C'o as bestas carregadas;
Êle lá tem por noticia
Qu'ha de ser bem maquiado:
O burro come do saco,

O galo come a fartar,
A galinha da mesma sorte;
O' depois ó fim de contas
Tudo torna a maquiar.

10-B

VARIANTE

Vem-na Maria,
Tira a máquia:
Vem-no Manoel,
Tira o seu maquiel;

Vem-no criado:
— O' meu amo,
Isto inda não está bem maquiado!

11

Diabos leve os homens
Enfiados num cordel;
O primeiro seja Antonio
E o segundo Manoel.

Diabos leve as mulheres
Enfiadas numa linha:
A primeira seja Maria,
E a segunda Joaquina.

(Vilar de Perdizes).

12

Palavras ditas e retomadas

—Anjo Custodio, amigo meu,
—Custodio sim, mas amigo teu não.
—Dize-me as dose, palavras, ditas e retornadas
—Direi, direi, qu'eu bem nas sei:
A primeira é a casa santa de Jerusalem,
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen.
—Anjo custodio, amigo meu,
Custodio sim, mas amigo teu não.
Dise-me as 12 palavras, ditas e retornadas;
—Direi, direi qu'eu bem nas sei;
A primeira é a casa santa de Jerusalem
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen.
As duas são duas taboinhas de Moisés,
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Poz os seus sagrados pés.
—Anjo Custodio, amigo meu
—Custodio sim, mas amigo teu não
—Dise-me as dose palavras, ditas e retornadas
—Direi, direi, qu'eu bem nas sei:
A primeira é a casa santa de Jerusalem,
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen.
As duas são as duas taboínhas de Moisés
Onhe Nosso Senhor Jesus Christo
Poz os seus sagrados pés.
As tres são as tres pessoas da Santissima Trindade.
—Anjo Custodio, amigo meu
—Custodio sim, mas amigo teu não
—Dize-me as dose palavras, ditas e retornadas
—Direi, direi, que eu bem nas sei:
A primeira é a casa santa de Jerusalem,
Onde Jesus Christo morreu por nós, amen;
As duas são as duas taboinhas de Moisés,
Onde Nosso Senhor Jesus Christo
Poz os seus sagrados pés;
As tres são as tres pessoas da Santissima Trindade
As quatro são os quatro evangelistas,
etc.
As cinco são as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo;
As seis são os seis círios bentos
Que alumiam de dia os vivos
E de noite os mortos;
As sete são os sete pecados mortaes;
As oito são os oito caibros da igreja;

Os nove são os nove côros d'anjos;
Os dez são os dez mandamentos;
Os onze são os onze mil virgens;
Os doze são os doze apostolos.
Treze raios tem no sol.
Treze raios tem na lua.
Rebenta d'aqui diabo,
Que esta alma não é tua.!

13

Aquele é um rapaz muito artista,
Faz obras e não risca,
Desempena só com a vista;
De artistas é o primeiro
Ineixa (1) carros sem malho rodeiro,
Faz coisas admiradas,
Mete prégos sem pancadas,
Faz santos, e faz pinturas,
. . . .
E tambem faz lançadeiras,
P'ra vender a cinco tostões
A's tolas das tecedeiras.

(Negrões)

14

Está-se vendo hoje em dia
Quem tem dinheiro é estimado;
O pobre é que é desprezado,
Que ninguem lhe dá valia;
Ou por sorte ou por dinheiro,
Ou por alguns bens de raiz,
Esse sim que é feliz,
E todos o tem na lembrança.
Vai passear até á França
E quando vem já traz cavalo e trem,
Para brilhar ao pé do nobre;
Que hade fazer quem é pobre
Ao pé de quem muito tem?
Se a miseria e a desgraça
Não deixa brilhar ninguem.

(Negrões)

15

— Adeus Maria,
— Adeus João,
— Vais co'as vacas?
— Pois antão.
— Linda cara...
— Não por isso.
— Lindos olhos...
— Isso sim.
. . . .
. . , ...

(1) [Ou é *im-eixa* (sendo nasal o primeiro *e*)? — J. L. de V].

16

Fui ó Senhor de Matosinhos
Eu vi aqueles dois olhinhos,
Oh! lhe disse: adeus Maria!
E a moça que tal diria?
Disse-me: adeus Manoel!
Fiquei logo com'um pastel,
Arrimei-lhe quatro versos,
Ficou a moça toda babada,
Que logo me deu um anel.
Ai Jesus! não sei qu'eu diga:
Fiquei todo numa chama.
Até de noite sonhava
C'o a rapariga na cama.
A rapariga queria-me bem,
Mas veio d'acolá um 'studante
Um marčto e um tratante,
Que era o José da Cancela,
Aquele grande militante
De bigode e gaforina,
E casaca fina,
Com um chicote na mão,
E a rosa do Japão
No peito metida:
A môça assim que o viu,
Ficou pateta.
Deixa-la, pois está servida!
E eu que me calasse!
Isso nem por quanto havia!
Que até o povo diria
Que eu que tinha medo
Ao senhor doutor,
Filho do nosso regedor,
Lá da nossa freguesia:
Saltar de contente
Por vêr Maria!

17

Dias de maio,
Dias d'amargura,
Mal amenhece,
Já é noite escura.

IV

ADIVINHAS

1

Oh que lindos amores eu tenho
Oh que lindos, ó que ingratos!
Anda por dentro das botas
E por fóra dos sapatos.
(Tornozelos).

(Pitões)

2

Curcobico num tem bico,
Nem bico, nem come,
Mas a mãe do curcobico
Tem bico e come.
(Ovo e galinha).

(Pitões)

3

Sou filho de pais cantantes,
Minha mãe não tinha dentes,
Nem nenhum dos meus parentes;
Eu de mim todo sou calvo,
O meu coração é amarelo
E o meu rosto é alvo.
(Ovo).

3-A

VARIANTE

O que é uma capelinha branca
Sem porta nem tranca?
(*Ovo*).

3-B

VARIANTE

Meu pipinho,
Meu pipote,
Não tem por onde lhe tire,
Nem por onde lhe bote.
(*Ovo*).

3-C

VARIANTE

Casas caiadas,
Fontes amarelas,
Aguas claras:
Ninguem vive nelas.
(*Ovo*).

4

Estando Maria Campina no monte,
Chegou a noticia de seu filho branco:
Alçou a perna, deitou a correr,
Inda chegou a tempo de o ver nacer.
(*Galinha a pôr o ovo*).

5

Uma senhora toda assenhoritada
Tem tantos remendos,
E não dá uma pontada.
(*Galinha*).

6

Por cima de canas, canas,
Por cima de canas, mar,
Por cima de mar, moinho,
Por cima de moinho, mato,
Por cima de mato, rato.
(Corpo humano).

(Tourem).

7

Q'al é ela,
Adonde 'stá
Bem parece ela?
(Cal).

8

O que é uma coisa que quantos mais ralos se matam, mais ralos ficam?
(Ralos)

9

Sou uma velha muito velha,
C'o as velhas me vai bem;
Estas meninas d'agora
Amizade me num tem
Tendo eu um rapazinho
A'liár (?) hade ser criança
C'oa cabeça aguda
De dançar a contradança.
(*Fuso*).

(Pitões).

10

Uma madama muito bem posta,
Dois galantes a estão mirando;
A' vista das castanhetas
As tripas lhe estão tirando.
(*Roca*).

11

Sou uma velha muito antiga,
Toda a gente me quer bem,
Estas meninas d'agora
Amizade me num tem:
Trago um pequeno comigo
Muito preparado p'rá dança;
E' muito agudo da cabeça
Apesar de ser criança.
(*Roca e fuso*).

12

Semos dois irmãos em casa
Com diferente condição:
P'ra bodas e baptisados
A mim me convidarão;
P'ra gostos e tampeiros (temperos)
Falem lá c'o meu irmão.
(*Vinho e vinagre*).

(Pitões).

13

Semeei taboas,
Nasceram-me cordas,
E depois bólas:
Adivinha tu estas carambolas.
(*Cabaças*).

14

Tamanha como uma sôga
E tem dentes como a lôba.
(*Serra*).

15

Minha dama é fidalguinha,
De pau é o seu comer,
Mastigar e deitar fóra
Que o engulir num pode ser.
(*Serra a serrar madeira*).

(Pitões).

16

O que é a coisa
Que tem pernas e não anda,
Tem boca e não come,
Tem asas e não vôa?
(*Um pote*).

17

Alto picote,
Redondo molete,
Que chova, que neve,
Nunca se derrete.
(*Pinheiro*).

18

VARIANTE

Alto picotinho
Que verdega com'ó linho,
Tem os filhos morenotes:
Adivinha tu se podes.
(*Pinheiro*).

19

Pai grande, mãe pequena,
Filhos pretos e netos brancos.
(*Pinhões*).

20

Sou verde por natureza,
De luto me vesti,
Para vir dar luz ao mundo
Mil tormentos padeci.
(*Azeitona*)

21

O que é uma coisa que quando vai para o monte vai com a cara virada para casa?

(*Sóco*).

22

Pequena como uma bolota
Enche a casa até á porta.

(*Luz*).

23

Na Inglaterra fui feita,
Para Portugal fui vendida,
E na hora em que me soltam,
Ai de mim que estou perdida!

(*Agulha*).

24

Gado miudo,
Terra mimosa,
Onde pousa
Deixa uma rosa.

(*Pulga*).

25

Movo-me, movo-me como um relogio,
Não ha relogio igual,
Conservo muitas vezes
Dentro do meu vegetal.

(*O coração*).

26

Alto me miras,
Comer me querias
Mas tu morrerás e eu ficarei,
E de ti sairá no que me eu meterei.

(*Videira a falar com a cabra*).

27

O que é que anda, anda,
Tanto anda e nunca chega a casa do visinho?

(*Moinho*).

28

Femea foi meu nacimento,
Macho me fizeram ser;
Se me deitarem a afogar,
Femea torno a ser.

(*Sal*).

29

Tenho armas não dou fogo,
D'elas pouco me aproveito:
Rio-me e aibro a boca,
Lanço o que tenho no peito:
De mim sai uma donzela
Mais estimada do qu'eu,
Ela vai-se com seu dono
E eu fico-me com quem me deu.
(*Ouriço*).

30

VARIANTE

Alto picôto,
Ruim cavalheiro,
Abriu-se a bolsa,
Caiu-lhe o dinheiro.
(*Ouriço*).

31

Alto foi o meu nacimento,
De senhora arrecolhida;
Cahi abaixo, tamanha queda dei,
Que a minha casa não voltei.
(*Castanha*).

32

Quatro na cama
Quatro na lama,
Dois brimbaus
E um que lhe açana.
(*Vaca*).

33

Uma meia, meia feita,
Outra meia por fazer,
Diga agora, menina,
Quantas meias vem a ser.
(*Metade d'uma meia*).

34

Capote sobre capote,
Capote do mesmo pano,
Nem adivinha este ano
Nem pr'ó ano que vier,
Só se lho eu disser.
(*Cebola*).

35

Tôrto é o meu direito.
(*Anzol*).

36

D'alto mira,
E d'alto mora,
Dá-lhe o riso
E vai-se embora.

(*Passaro*).

37

Matei hoje uma lebre
Comi-a ontem.

(*Lebre*).

38

VARIANTE

Mantinha sobre mantinha,
Mantinha do mesmo pano,
Não to digo, nem no sabes,
Inda que estejas um ano.

(*Cebola*).

39

Uma senhora toda assenhoritada,
Não sai á rua sem ser molhada.

(*Lingua*).

40

Alto está, alto mora,
Todos o vêem e ninguem o adora.

(*Sino*).

41

VARIANTE

O que é uma coisa que tem um dente,
E chama por toda a gente?

(*Sino*).

42

O que é uma coisa que quanto maior é, menos se vê?

(*Nevoeiro*).

43

Altos castelos, verdes e amarelos

(*Nogueira*).

44

Aos homens dou govêrno,
Aos homens govêrno dou,
Se os homens se esquecem de mim,
Meu govêrno acabou.
(*Relogio*).

45

O que é uma coisa
Tamanha como uma pulga
E bota orelhas como uma burra?
(*Semente de couve*).

46

O que é uma coisa, que mal entra em casa se põe á janela?
(*Botão*).

47

VARIANTE

O que é uma coisa que quando um erra, erram todos?
(*Botões*).

48

Vinte mil meninas numa varanda,
Todas a chorar para a mesma banda.
(*Telhas*).

49

Quem os faz, vende-os,
Quem os compra, não os usa,
E quem os usa, não os vê.
(*Um caixão para defunto*).

50

O que é uma coisa, que quanto mais se lhe tira, mais crece?
(*Um buraco*).

51

Sou uma senhora toda assenhoritada,
Uso aneis toda a vida,
Estrago tudo em comer,
Nunca encho a barriga.
(*Uma tesoura*.

52

Para andar me põem uma capa,
Para andar m'a tornam a tirar:
Não posso andar sem capa,
Com capa não posso andar.

53

Só me gasto em comer
Senão de nada valia,
Sirvo pobre e sirvo rico
E a mais alta fidalguia.
(*Faca*).

54

Domingos de Ramos e Santa Cruz cairam em Domingo de Pascoa.

(Um homem chamado Domingos de Ramos caiu bebado com a cruz no dia de Pascoa).

55

D'alto te vejo,
C'o meu capelêjo,
Bem te vejo vir,
Mas não te posso fugir.
(*Lande que está para cair e vê vir o pôrco para pastar*).

V

NARRATIVAS POPULARES

I

Entre o povo de Barroso ha muitas lendas em que figuram os Mouros, aos quaes se atribue tudo quanto antigo ainda aparece.

Assim em Santo Adrião (Montalegre) aparece na madrugada de S. João um tiar d'ouro e uma serpente que é uma Moura encantada. Se não houver medo e se se poder dar um beijo na serpente, fica a Moura desencantada.

2

Na fonte do Salgueiro, na manhã de S. João antes de nacer o sol, aparece uma menina com uma tenda cheia de facas, garfos, botões, etc., tudo d'ouro.

3

No castelo de Montalegre, precisamente á meia noite de S. João, aparecem tres meninas muito lindas sentadas em cadeiras, tudo d'ouro. Já houve quem as visse, mas não se sabe o meio de as desencantar. E' tradição que elas uma vez deram um avental de joias a uma mulher, que as devia levar para casa sem falar durante o percurso, mas como ela, encontrando uma amiga que lhe perguntou o que levava no avental, dissesse que era muita riqueza que lhe ia mostrar, ao faze-lo só achou carvão.

4

Uma vez um homem foi de noite chamar uma parteira da vila de Montalegre e levando-a ao castelo, ali levantou uma lage debaixo da qual estava um lindo edifício, e dentro dêle duas meninas muito lindas, a mais velha das quaes estava deitada com as dôres de parto numa cama d'ouro. Nasceu então uma menina que a parteira entregou á companheira da parturiente. O homem abriu depois uma gavêta cheia de riquezas, e disse á parteira que levasse o que quisesse escolher, mas ela nada levou.

5

Entre duas pedrinhas colocadas no meio do caminho da Portela para o castelo de Montalegre achou uma mulher, quando ia para a igreja do mesmo castelo, um cordão d'ouro. Puxando por êle viu que não tinha fim e chegando a certa altura disse «p'ra ser rica já me chega,» cortando-o, pois que não queria perder a missa. O cordão mal acabado de cortar começou a desfiar-se em sangue, ouvindo então a mulher varios gritos e maldições contra ela. Se se tivesse demorado a puxar pelo cordão emquanto o padre dizia a missa, quebrava-se o encanto.

6

No dia de S. João, antes de nascer o sol, ouve-se nas minas de Valongo (Gralhós) tocar um sino debaixo da terra.

7

Na borga do Redondo (Forguêda) ha um penedo onde dizem aparecer na madrugada de S. João uma Moura com uma tenda cheia de joias.

8

Numa cortinha junto e a poente do castelo de Montalegre ha uma mina, aonde foram dois homens, cada um com sua vela acêsa, mas por mais que andassem não eram capazes de chegar ao fim. Na entrada dessa mina, que dava vasante á agua do poço do castelo, já caíram dois *trabalhos* (raios).

9

Entre Donões e Montalegre ha um um penedo debaixo do qual consta haver riqueza. Já foi despedaçado pelos sonhadores de tesouros encantados.

10

Na Loja Gôrda, entre Cambêzes e Montalegre, aparece um encanto na manhã de S. João antes de nacer o sol.

11

Proximo da Senhora d'Abril (Contim) diz o povo que aparece uma Moura com uma tenda na manhã de S. João.

12

No sitio de Oural (Fiães do Rio) aparecem os Mouros pelo meio-dia de S. João.

13

No sitio da Rameseira (Vilar de Perdizes) diz a lenda que ha Mouras encantadas, e ha quem afirme tê-las visto estender ouro ao sol.

14

Na Gironda (Hespanha) houve uma rainha chamada Lôba, que comia muito, a ponto de devastar grandemente o gado, pelo que foi intimada a sair da povoação, ao que ela respondeu que só sairia quando pela ingreme e fragosa encosta da Fraga da Gata (serra do Larouco, aro de Santo André, já em territorio português) visse descer um carro de messes. Para se verem livres da rainha, fizeram descer o carro com o auxilio de cordas.

15

Uma mulher teve sete meninas, e com receio do marido, mandou-as afogar por uma nêgra. Encontrando esta o pai das meninas, não lhe disse o que levava, mas insistindo êle viu que dentro dum cesto de verga iam seis crianças. A criada contou-lhe o receio da âma, e êle fazendo-lhe guardar segredo, fez criar as meninas, e quando tinham cinco anos vestiu-as da mesma roupa, bem como a que tinha em casa, mandando fazer um jantar de gala a que foram todos. No fim do jantar perguntou á mãe qual era a sua filha, e como ela dissesse qual era, respondeu-lhe que eram todas. A mãe caiu logo morta com a surpreza (1).

16

Na Fonte da Moura, proximo a Santo Amaro (Donões), ha a seguinte lenda: Passando ali um homem apareceu-lhe uma Moura com uma tenda em que tinha espingardas e ouro. Perguntando-lhe a Moura o que mais lhe agradava, respondeu-lhe

(1) Cf. «Lenda de Maria Mantella,» artigo do snr. dr. J. Leite de Vasconcellos na *Revista Lusitana*, XII, 140; e «*O Archeologo Português*,» II, 308.
Na freguesia de Solveira, confinante com a de Gralhas, ha um sitio chamado Pai-Mantella.

ser uma espinguarda. A Moura deu-lhe uma faxa para a sua mulher, que o homem depois enrodilhou num carvalho que estava fora da povoação: voando então a arvore pelos ares e aparecendo-lhe outra vez a Moura, disse-lhe que êle lhe dobrara o encanto por não ter dito que gostava d'ela quando lhe perguntou do que gostava mais da tenda.

17

É tradição que na serra do Larouco ha um sitio onde ha um encanto d'ouro e outro de peste, segundo reza o livro de S. Cypriano. Quatro homens que lá foram cavar, ficaram de tal modo doentes, que faleciam poucos dias depois.

18

Em Frades ha um monte chamado Corucho ou Crôa do Côto, em cuja vertente meridional, diz a lenda haver tres minas, uma de ouro, uma de água, e outra de peste. Se fosse encontrada a de ouro, toda a gente ficava rica; se a de água ficava tudo alagado, e se a de peste morria toda a gente ([1]).

19

Conto. — Uma vez um sapo ia atrás d'uma lebre, mas um boi que era guiado por um lavrador pôs-lhe uma pata. Perguntando o lavrador ao sapo o que estava a fazer, respondeu este: «Estou a segurar este boi por uma perna.» Prosseguindo o lavrador o seu caminho, continuou o sapo atrás da lebre, dizendo: «Estás aqui, estás caçada.» Chegando a um rio, demorou-se tres dias para o saltar, e ao fazê-lo caiu no meio d'êle exclamando então: «Raios partam as pressas!»

20

No principio do mundo, quando os animaes falavam, dizia o chasco: chás, chás, que bem vás, e o pisco: pis, pis, que mentis.

([1]) Ouvimos uma lenda semelhante em Taboaço. Cf. *Revista Lusitana*, XII, 181; *O Archeologo Português*, I, 133; *Tradições Populares de Portugal* pelo snr. dr. J. Leite de Vasconcellos, pag. 87.

21

Anedota.—Tendo um rapaz pedido licença ao pai para fumar, disse-lhe este que o podia fazer, se fizesse o pedido em mote, dizendo-lhe então o filho:

Este vicio do tabaco
Todo o homem que o tem
Faz gastar muito vintem,
Destrocar muito pataco;

Assobe-se o vicio ó caco,
É ruim de botar fora;
O senhor, se é meu amigo,
Dê-me um cigarro agora.

22

Anedota. — Como uma mulher preguiçosa não fiasse o linho até ao mês de março, em que é costume corar as teias, e não podendo pô-las ao sol como faziam as outras mulheres, pôs em seu logar esteiras, pelo que o marido depois de a desancar disse:

Março, marção,
Córa teias e esteiras não;
Fiança dum ano
Dum mez
Aqui está o que minha mulher fez.

(*Continua*).

FERNANDO BRAGA BARREIROS.

MISCELANEA

Concurso poetico: uma cantiga popular

Tendo a redacção do jornal farense *O Algarve* instituido uma secção subordinada ao titulo de «qual é a mais linda quadra popular?», dignou-se pedir a minha opinião, e eu enviei-lhe a seguinte carta, que foi publicada no mesmo jornal em 21 de Novembro de 1915:

Ocupado, como estou, em trabalhos oficiaes e literarios que de todo me absorvem, não posso no actual momento voltar-me para a poesia popular, tanto mais que na minha futura *Etnografia Portuguesa* tenciono consagrar-lhe mais de um volume, e já por muitas vezes tenho tratado d'ela, ora estudando-lhe a significação e fórma, ora coordenando ramilhetes d'essas singelas, mas lindas flores, que se críam e desabrocham na alma da gente rustica: veja-se por exemplo: *Poesia amorosa do povo portuguez*, Lisboa (Bertrand), 1890, volume de 144 páginas; *Canções do berço*, Lisboa (Imprensa Nacional), 1907, volume de 102 paginas; *Revista Lusitana*, I 143 ss., VII 126 ss., XI 351, XIV 260 ss.; *Ensaios Ethnographicos*, t. IV, Lisboa 1910 (Livraria Classica), pag. 50-161.

Agradeço porém ao meu amigo e antigo aluno Schiappa Roby a lembrança que teve de se me dirigir, e para lhe mostrar quão simpatica se me afigura a ideia do concurso poetico posta em execução no *Algarve*, transcrevo-lhe uma das mais expressivas cantigas que andam na tradição oral, e que conservo tambem de memoria:

Eu sou sol, e tu és sombra,
Qual de nós será mais firme?
Eu, como sol, a buscar-te,
Tu, como sombra, a fugir-me...

Eis aqui uma cantiga perfeita por todos os lados: pela agudeza ironica e imaginativa do conceito, pela simetria da construção sintatica, pela riqueza da rima. O sol representa manifestamente o namorado, e a sombra a namorada (e não o inverso): isso resulta dos generos gramaticaes de *sol* e *sombra*, e de ser em geral o homem quem requesta a mulher. Na comparação abstrai-se da ideia de brilho e de escuridade, senão haveria indelicadeza (pois se dava a primazia ao macho), e só se tem em mente a sucessão e constancia ou *firmeza* dos movimentos (aparentes). Nisso consiste a principal graça da cantiga: as condições a que obedece este amor sem esperança são tão fatais como as leis que regulam a Natureza fisica!

J. L. DE V.

Ideias para um dicionario

Devem os dicionarios ser feitos de maneira que, a par de palavras ou expressões que já nos sejam conhecidas, achemos neles outras que pretendamos conhecer. Um dicionario de sinonimos dá-nos palavras que podemos não saber de ante-mão: assim, abrindo-o s. v. *verdadeiro*, aí se nos deparará *veridico, vero, exacto, perfeito.* No excelente e nunca assaz louvado *Vocabulario* de Bluteau encontramos, por exemplo, a respeito de *moinho*, indicação de uma serie de termos que talvez tambem nos fossem desconhecidos, e que por isso não saberiamos procurar nos seus lugares: *rodizio, pouso, lobeto, veio*, *quelha.* A este proposito lembrarei o *Dictionnaire des idées suggérées par les mots*, publicado ha tempos em Paris por P. Rouaix (Collin, 6.ª ed., 1910). No sentido de facilitar o entendimento dos vocabulos, acompanham-se de gravuras muitos dicionarios, como em França os de Larousse, e entre nós o de Séguier e os da Casa de Aillaud, Alves & C.ª A Filologia tambem lança mão de figuras para melhor explicar etimos, do que dá exemplo a revista alemã intítulada *Wörter und Sachen.*

Ha porém muitas expressões pitorescas da linguagem quotidiana que, embora andem nos dicionarios, não podem ser lá encontradas por quem as não conhecer, visto que estão subordinadas a vocabulos que encabeçam paragrafos onde elas não se esperam.

Se se quer, por exemplo, saber de que modo se exprimirá a ideia de «vir a proposito», vai-se naturalmente a um dicionario procurar *proposito*, e aí só se encontra *oportunamente, a tempo*, e contudo essa ideia tambem graciosamente se exprime por *cair a sopa no mel*. A sopa de mel, isto é, pão molhado em mel, é guloseima apreciada, e que mais o devia ser de nossos avós, em tempos em que o açucar não tinha o uso que hoje tem. Além da citada locução, outras se relacionam com ela: *sopa de mel não se fez para a boca do asno*, e nas parlendas infantis:

Palminhas, ó laré, palminhas!
A mamã dará maminhas,
O papá, quando vier,
Dará *sopinhas de mel*.

Bichaninha gata,
O que papaste tu?
— *Sopinhas de mel*
. . . .

A locução *cair a sopa no mel* nasceu pois num círculo de ideias muito familiares e queridas, e compreendemos bem o seu emprêgo como sinonima de «oportunidade».

A alguem que passa por «muito bom» chamamos *pomba sem fel*. Os Hespanhoes fazem o mesmo: *paloma sin hiel*. Esta ideia provém da concepção que na idade-media se formava das pombas: supunha-se que elas não possuiam fel, como diz Brunetto Latini no seu *Livres du Tresor* (1). Num autor do sec. XVIII: «je n'ai pas plus de fiel.. qu'un pigeon» (2).

A ideia de «exonerar-se de responsabilidade» traduz-se pitorescamente por *varrer a sua testada*. A expressão provém de antigas disposições municipais. Aqui cito uma, entre muitas: no *Novo Codigo de posturas de Valença*, 1866, art. 48.º, lê-se: «todo o individuo morador nesta vila é obrigado a limpar na sua *testada* as ruas, largos e praças».

E' muito vulgar dizer *fechar os olhos a alguem*, por «assistir-lhe na morte». No Brasil: *se esta mulher tiver juizo, é ela quem me fecha os olhos*. Este dito relaciona-se com o costume de cerrar realmente as palpebras a um morto, por se supor que, se ele vai para a cova com os olhos abertos, morre em breve alguem da familia. E' um caso de magia: os olhos fitam os vivos, e por isso como que os chamam. O costume veio-nos dos Ro-

(1) Apud Langlois, *La connaissance de la nature et du monde au moyen âge*, Paris 1911, p. 375.

(2) Dorvigny, *Janot chez le dégraisseur* (comedia): apud E. Rolland, *Faune pop. de la France*, VI, 137, que supõe que esta crença deve ter nascido de se dizer a principio que a ave, simbolo da meiguice, não tinha colera, não tinha «fel», e de se ter depois tomado á letra a metafora.

manos: quando Ovidio no Ponto se lamenta de que morrerá sem ter quem o console no seu sofrimento, exclama [1]:

... nec cum clamore supremo
Languentes oculos claudet amica manus?

Em Obidos á superstição de que estou falando agrega-se outra, pois coloca-se uma moeda de vintem sobre cada um dos olhos do morto: ha aqui de certo uma alusão ao *dinheiro de Caronte* [2].

Por «caristia»», isto é, de alguem que nos vende caro um serviço ou um objecto dizemos que *leva coiro e cabelo*, expressão que já se encontra documentada em textos de quinhentos e seiscentos, pelo menos [3], e que tem origem bem definida: é uma fórmula do direito germanico, *capillos et cutem detrahere*, que figura no Codigo visigotico como castigo [4]. Constitue este castigo a *decalvatio*. A frase é aliterada tanto em latim, como em português. A aliteração, como em geral toda a rima, serve não raro de manter coesão nos elementos que formam um proverbio ou uma frase sentenciosa ou graciosa.

Em lugar de «muito esquècido» chamamos a um individuo *o pai e a mãe do esquècimento*. Da ideia de procreador, causador, veio primeiro certamente o proverbio com *pai*: cf. *Herodoto é o pai da Historia*, *Fulano é o pai da preguiça*, e em latim *pater esuritionum* «pai das fomes»=pobrissimo. Depois aquela ideia fortificou-se com a de *mãi*, para ficar bem autenticada a genealogia. Além d'isso *mãi* exprime só por si uma ideia semelhante: «a ociosidade é a *mãi dos vicios*».

Doutor ignorante: *um burro carregado de livros é um doutor*. Diz-se de quem traz consigo muitos livros, e não sabe nada, ou diz-se de um diplomado ignorante. Em hespanhol: *burro cargado de letras*. Estas expressões originaram-se nas ideias greco-romanas da estupidez do burro. Em latím: *quid nunc te, asine, litteras doceam?* em grego: ὄνοι.. ἀπωτέρω κάθηνται τῆς λύρας [5].

A's vezes póde desenvolver-se bastante a expressão [6];

---

(1) *Tristia*, III, III, 43-44.
(2) *Religiões da Lusitania*, III, 398.
(3) Vid. O. de Pratt in *Rev. Lusitana*, XVIII, 97 (supra).
(4) Vid. as fontes na *Revue Celtique*, XXXIV, 44(-45) e nota 3.
(5) Otto, *Die Sprichwörter der Römer*, Leipzig 1890, p. 40 (s. v. «asinus»).
(6) Cfr. um artigo de E. Tappolet no *Glossaire des patois de la Suisse Romande*, v, 3 ss. («Les expressions pour une «volée de coups»).

outras a sinonimia é simples. As frases assentam não raro, como vimos nestes poucos exemplos, em usos antigos; estudá-las é pois assunto não só de Lexicologia, mas de *Folklore*. Já nos *Adagios* de Delicado, vindos a lume em 1651, e classificados por categorias, como *diligencia, esperança, justiça*, etc., se encontram alguns elementos; muitos se encontram tambem nas *Infermidades da lingua* de Manoel José de Paiva, Lisboa 1759, e em geral em todos os adagiarios, e nos dicionarios desenvolvidos. O que se torna necessario é nos futuros lexicos apôr a cada vocabulo a sinonimia fraseologica. Sem isso fica inaproveitada boa parte da riqueza da nossa lingoa. Sem dúvida, conforme comecei por ponderar, ministram os actuais lexicos locuções como *dá Deus as nozes a quem não tem dentes, por aí não vai o gato ás filhós, andar numa dobadoira*, etc. etc., mas só se encontram subordinadas a *noz, filhó, dobadoira*: de modo que quem as não souber, não as descobrirá. E' pois preciso, quando se fala, por exemplo, de *actividade*, acrescentar: esta ideia tambem se expressa com *andar numa dobadoira*. E assim por diante.

Embora eu já tratasse d'este assunto em várias das lições de Filologia que em 1910 dei na Biblioteca Nacional (lições ainda ineditas), julgo que tem alguma importancia, e que convem insistir nele.

A análise de semelhantes locuções habilita-nos tambem para penetrarmos no conhecimento da alma popular, que aí se reflecte com o seu cabedal de observações, os seus sentimentos ternos ou asperos, emfim, com o seu caracter.

J. L. DE V.

Etimologia de «bêco»

Na *Rev. Lusit.*, III, 179, propõe a S.ª D. Carolina Michaëlis, com interrogação, * vicculus. Mas seria necessario justificar a duplicidade do *c*: em latim só ha *vicus, veicus, vecos* ou *viculus* (*viclus*); vid. Georges, *Lexik. der lat. Wortf.*, s. v. «vicus»; e Grandgent, *Latino volgare*, §§ 234 e 284. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, n.º 10153 da 2.ª ed., admite sem hesitação vicus ou viculus. Mas no primeiro caso o *c* medial daria *g;* e no segundo a terminação da palavra portuguesa seria outra (*-lho* ou arc. *-oo)*. Como *bêco* significa «rua pequena», talvez essa palavra venha de via, d'onde, com o sufixo *-eco,* podia sair **vieco* > **veeco* > **vêco* = *beco*. Exemplos de *b* por *v* não faltam. Por outro lado ha, em

semelhante círculo de ideias, sinonimias várias entre feminino e masculino, como: *quêlha* & *quêlho, caleja* & *calejo*, *cortinha* & *cortinheiro, quintã* & *quinteiro*, etc. ([1]). Todavia não se me esconde que a presente etimologia não é d'aquelas que se admitem logo á primeira.

J. L. DE V.

"Olharapo„ e "olhapim„

Estas palavras designam na tradição popular portuguesa certos seres sobrenaturaes: homens differentes de nós, antropofagos, com um só ôlho no meio da testa, e habitadores de um país longinquo.— Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 273.

A crença nestes seres é não só muito espalhada, mas muito antiga, pois com ella se relaciona a dos Cyclópes gregos. Entre a antiguidade e o presente temos a literatura medieval, que nos fala de gigantes com um só ôlho na fronte: cfr. Langlois, *Connaissance de la nature*, pag. 82 e 213.

Olharapo usa-se, por exemplo, na Beira, e *olhapim* no Minho. Suponho que a primeira das duas palavra se decompõe em *olh-ar-apo*, isto é, lat. ocularis + suffixo *-apo;* e a segunda em *olh-ap-im*. O sufixo *-apo* ou *-ap-* é raro, mas apparece tambem em *fiapo*, de *fio;* o sufixo *-im* é diminutivo, como em *espadim, patim*.—Outras lingoas tem palavras analogas, tambem com sufixos raros, como raro é o personagem: por exemplo hespanhol dialectal *ojáncano* e *ojanco* (Pidal in *Festgabe f. Mussafia*, p. 392, e Mugica, *Dialectos*, p. 33), e piemontês *oucioun* (Prato, *Gli ultimi lavori folkl.*, p. 8); em italiano corrente ha *occhiaro*, e *occhiaccio* «ôlho grande».

J. L. DE V.



([1]) A's vezes a sinonimia dá-se entre o primitivo e um derivado, cada um de seu genero, como se vê dos dois ultimos grupos de exemplos que cito no texto.

BIBLIOGRAFIA

Varia quaedam

— **Estudios gallegos,** n.º 1, Madrid, Fevereiro de 1915. Publicação periodica de que apareceram 16 números até Dezembro de 1915.

— **Documentos gallegos del archivo municipal de La Coruña,** por A. Martínez Salazar, La Coruña 1915 (separata do *Boletín de la Academia Gallega*), 32 paginas.

— **I manoscritti portoghesi della R. Biblioteca Nazionale di Napoli,** por A. Pellizzari, Catania 1909 (separata dos *Studi di Filologia Moderna*, ano II, fasc. 3-4), 18 paginas.

— **A linguagem médica de Portugal e Brasil**, por Antonio Barradas, Porto 1915, 192 paginas.

— **Lyrics of Gil Vicente**, tradução de Aubrey F. G. Bell, Oxford 1914, XII-130 paginas.

— **A linguagem portugueza** (dificuldades e duvidas) por F. Francisco de Sá, Maranhão, 1915, VII-332 paginas.

— **I nomi romanzi della candelara,** por C. Merlo, Perugia 1915, 28 paginas.

— Trabalhos de J. Lucio de Azevedo:

a) **Alguns escritos apocrifos, ineditos e menos conhecidos do P.e Antonio Vieira,** Coimbra 1915, 14 páginas.

b) **Subsidios para uma edição comentada das Cartas de Antonio Vieira,** Coimbra, 1915, 36 paginas.

Separatas do **Boletim** da 2.ª cl. da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. IX.

— Trabalhos de Oscar de Pratt:

a) **Gonçalves Viana,** Coimbra 1915, 6 paginas.

b) **Sobre um verso de Gil Vicente,** Coimbra, 1915, 6 páginas.

c) **Sobre a origem e significação da palavra "sobrado„** Coimbra 1915.

Separatas dos **Trabalhos da Ac. de Sc. de Portugal,** t. II.

— **De Campolide a Melrose,** relação de uma viagem de estudo (Filologia, Etnografia, Arqueologia), por J. Leite de Vasconcellos, Lisboa 1915, VIII-184 páginas (com muitas estampas).

— Na *Rivista Storica Italiana*, XXXII (1915), 182-183, vem uma lisongeira noticia do livro de A. Pellizzari, *Portogallo e Italia nel secolo* XVI: cfr. *Rev. Lus.*, XVII, 224.

J. L. DE V.



INDICE DO VOL. XVIII

ARTIGOS DESENVOLVIDOS: Pag.

MISCELANEA:

CRONICA:

BIBLIOGRAFIA:

I.—Periodicos:

II.—**Varia quaedam**:

DECLARAÇÃO

O editor da REVISTA LUSITANA declara que, por falta de papel, devida á actual crise economica da Europa (e do mundo), se vê obrigado a deminuir algumas páginas no presente volume.

